«EM ALBA DE TORMES» — ARTIGO DE RAUL REGO (PÁGINA 4)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

SÁBADO, 10 DE MAIO DE 1969 N.º 16 662 ANO 49.º UM ESCUDO

COMPRE LOTARIA NO CAMPIÃO

A CASA DA SORTE PREMIADA QUE TEM SIDO O ORGULHO DE SANTA CASA

EM BONN

Mal-estar no Governo

BONN, 10 — (F. P.) — Embora os sociais-democratas se tenham inclinado perante a decisão dos seus colegas cristãos-democratas, subsiste certo mal-estar no seio do Governo de coligação. Com efeito soube-se, ontem à noite, que o professor Schiller renunciou à presidência da comissão inter-ministerial económica que deve tomar as medidas destinadas a «apoiar» a decisão de não valorizar o marco.

Schiller pediu ao chanceler Kiesinger que assumisse doravante a presidência deste conselho, que reune os ministros da Economia, das Finanças e do Tesouro.

Soube-se nas esferas governamentais, após o conselho dos ministros, que o professor Schiller propusera uma valorização do marco alemão de 6,25 por cento, o que teria feito baixar a cotação do dólar em relação ao marco para 3.75 por dólar.

INQUIETAÇÃO EM WASHINGTON

WASHINGTON, 10 — (F. P.) — A decisão alemã de não revalorizar o marco provocou surpresa e inquietação em Washington, onde se prevê o agravamento da prova de força entre Bonn e as outras grandes capitais monetá-

(Continua na 15.ª pág.)

Jacques Esterel, costureiro de Paris, não tinha a praia em mente quando desenhou este modelo de fato de banho, que denominou «Cinco para a meia-noite». «É para nadar em champanhe», diz o seu criador — e pede por ele o preço módico de 29 contos.

DE GAULLE EM FÉRIAS NA IRLANDA

DUBLIN, 10 (A. N. I.) — Foram reforçadas pela Polícia as medidas de segurança na localidade de Parknasilla, onde o general de Gaulle se encontra de férias.

O hotel em que se alojou está isolado e há policias de trinta em trinta metros, à volta da propriedade.

No hotel — o «Heron Cove» — não há, de momento, mais hóspedes, pois foram recusadas marcações de alojamentos durante o período de cinco semanas.

É a primeira vez que de Gaulle visita a Irlanda. Quando ocupava ainda o cargo de presidente fora algumas vezes convidado a visitar oficialmente este país. Tendo sido feito o último convite em 1967, quando o primeiro-ministro Lynch se deslocou a Paris, a fim de discutir com de Gaulle a petição apresentada pela Irlanda para entrar no Mercado Comum.

O general de Gaulle tem antepassados irlandeses. Os seus avós maternos tinham o apelido McCartan, relacionado com a família McCartan do condado de Down, na Irlanda do Norte.

A «MAJA DE PORTUGAL» PARTIU PARA ESPANHA

A jovem Maria Emília Rodrigues Pinto, eleita «Maja de Portugal» no concurso patrocinado pelo «Diário de Lisboa», partiu hoje para Madrid, a fim de concorrer ao título internacional. Ei-la vestida de lavradeira minhota (Ler na pág. 8)

PEDIDA A INTERRUPÇÃO DOS ENXERTOS CARDÍACOS

LONDRES, 10 — (A. N. I.) — É tempo de interromper temporàriamente as transplantações cardíacas — afirma o jornal médico londrino «The Lancet».

«Não vemos motivo para alterarmos a opinião, expressa no mês passado, de que se tinha prematuramente levado a efeito um numero demasiadamente elevado de transplantações cardíacas» — acrescenta.

O facto de o dr. Christian Barnard e da sua equipa, na Cidade do Cabo, «terem dois doentes que levam uma vida activa, com corações novos» tem confundido os cépticos. Mas a revista publica também uma reportagem realizada no hospital do dr. Denton Cooley, em Houston, no Texas, em que se afirma que 15 doentes com corações transplantados tinham uma possibilidade média de sobrevivência de cento e onze dias (incluindo os 22 que estiveram á espera de ser operados) contra os 74 dias de sobrevivência média de um grupo comparável de doentes para os quais não houve dadores.

«Esta diferença não justifica a aplicação, em larga escala, da transplantação cardíaca, que só deve ser usada em casos especiais, quando possa prolongar a vida e aliviar o sofrimento.

«A operação é extremamente dispendiosa e a sua repetição deveria ser adiada até que o processo da rejeição seja estudado mais cuidadosamente e se encontrem meios eficazes para o combater — afirma o jornal.

O ENXERTO DA CORNEA DE UM MACACO

JACARTA, 10 — (F. P.) — Está de boa saude e pode já ver a um metro de distancia o agricultor Achdi, a quem foi recentemente feito o enxerto de uma córnea, sendo dador um macaco.

ISABEL II REGRESSOU A LONDRES

LONDRES, 10 — (A. N. I. e F. P.) — A Rainha Isabel, o principe Filipe e a princesa Ana chegaram ao principio da tarde a Londres, de regresso da sua visita oficial à Áustria.

Gustav Husak (ao centro, em cabelo) fotografado á chegada a Moscovo quando, a pretexto da reunião do Comecon, se deslocou recentemente á capital soviética. À sua direita Brejnev, e á esquerda Kossyguine

A estátua de Gil Eanes em Lagos é uma nova unidade hoteleira inauguradas pelo Chefe do Estado

(Ler na página central)

HOJE 40 PÁGINAS
VISADO
PELA CENSURA

Edição da noite

A sorte de ser o 900 000.º consumidor de Gazcidla: um magnífico Volkswagen 1700 de luxo

Vou vender o carro para dar uma vida melhor aos meus filhos

— diz-nos o 900 000.º consumidor Gazcidla que recebeu um magnífico automóvel

MANTEIGAS, 10 — O 900 000.º consumidor de Gazcidla, premiado com um magnífico Volkswagen 1700 de luxo, é um simpático e modesto funcionário dos Serviços Florestais, que vive na falda da Serra da Estrela, em Manteigas.

— Tenho dois filhos e quero dar-lhes uma vida melhor! O carro é muito bom mas não tenho vida para ele! Vou vendê-lo e educar os meus filhos como eles merecem!...

E acrescentou:

— Nem queria acreditar no que me diziam! Fiquei embasbacado quando soube que o Gazcidla me tinha oferecido o automóvel. E ainda ando nervoso!...

O Gazcidla ofereceu, como vai sendo seu hábito, sempre que atinge mais uma centena de milhar de clientes — um magnífico automóvel ao possuidor do contrato com o n.º 900 000.

E, para o efeito, deslocaram-se à Covilhã, de avião, seguindo depois de automóvel para Manteigas, os representantes da Cidla, srs. Henrique Morais Vaz, subdirector-geral comercial, e Francisco José Cordovil, chefe dos Serviços de Vendas, que eram aguardados pelos srs. Francisco Eduardo Oliveira Marques, chefe dos Serviços de Publicidade, Pedro Ordas, agente central da Cidla, João Guinot, representante da Sociedade Comercial Guérin e Aires Direito dos Santos, agente local da Cidla.

A caminho do milhão de consumidores de Gazcidla

Durante um beberete oferecido em honra do feliz contemplado e no qual estavam presentes os srs. comendador Francisco Esteves Gaspar de Carvalho, presidente da Câmara Municipal de Manteigas, eng.º João Feliciano Farrais Alves, administrador florestal de Manteigas, sr. José Leitão Cravino, agente do Turismo de Manteigas, representantes dos jornais «Ecos de Manteigas», «Notícias da Covilhã» e «Jornal do Fundão», o sr. Henrique Morais Vaz fez a entrega do automóvel ao sr. Porfírio Leitão de Morais, manifestando a sua satisfação por se tratar do 900 000.º consumidor de Gazcidla, facto que não pode deixar de ser considerado como representativo da enorme popularidade do Gazcidla em todo o País e da expansão sempre crescente dos seus consumidores. Porque aquele número, atingido no princípio deste ano, já foi largamente ultrapassado e vai a caminho de um milhão.

900 esquentadores sorteados entre os consumidores de Gazcidla

Querendo assinalar ainda mais tal acontecimento, a Cidla sorteou 900 valiosos esquentadores entre os consumidores de Gazcidla. Estes 900 esquentadores foram distribuídos por todo o País e Ilhas Adjacentes, contemplando consumidores de todas as províncias.

Adiado o julgamento da impugnação das eleições do Sindicato dos Empregados de Escritório de Lisboa

Devia ter-se realizado ontem na 2.ª vara do Tribunal de Trabalho o julgamento de um processo de impugnação da eleição dos corpos gerentes do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório do Distrito de Lisboa. O juiz, dr. João Monteiro da Costa Pereira, adiou a audiência para o próximo dia 26, pelas 15 horas, por faltar um dos quatro autores, o sr. Fernando Moreira de Abreu.

A questão que se debate é a um tempo jurídica e moral. Por um lado trata-se de interpretação mais curial a fazer de algumas disposições estatutárias, nomeadamente os artigos 18.º 21.º parágrafo único e 60.º dos estatutos do S. N. E. E. do distrito de Lisboa, que a serem compreendidas como pretende a direcção que foi eleita em 28 de Fevereiro e a sua predecessora, terão como resultado que os corpos intermédios que elegeu a direcção e a assembleia geral em representação, pois de todos os sócios do sindicato, *são apenas os eleitos até há três anos antes dessa eleição*, com exclusão de todos os sindicalizados inscritos no último triénio; que origina, por sua vez, que *só após quatro anos de filiação no S. N. E. E. de Lisboa o sócio tenha efectivo direito de voto*, com manifesta postergação do estipulado na lei geral do trabalho, que prevê o prazo de um ano imediatamente sequente á entrada do sindicalizado no seu organismo corporativo como o único em que o novo filiado ainda não dispõe do direito de voto, por se considerar (durante esse lapso de um ano, que a lei reputa suficiente) que o recém-inscrito não possui ainda a experiência que aquele direito exige.

Mas além do aspecto jurídico, acima resumido, o conflito que a jurisdição do trabalho agora tem entre mãos, reveste uma ampla significação ética e social, qual seja a da tentativa de grande número de sindicalizados jovens de revitalizarem a vida sindical, desembaraçando-se para tanto de interpretações escloiozadas da Lei (permitidas aliás pela indiscutível ambiguidade desta) e da oposição de quadros mais velhos e burocratizados, que até á data têm sobraçado as funções dirigentes do Sindicato. Da resolução deste pleito judicial, e eventualmente de outros afins que num futuro próximo venham a dirimir-se, depende, em grau importante, o porvir das actuais instituições laborais portuguesas, assim como o da consciencialização sindical entre nós.

Os advogados dos impugnadores (representantes da lista vencida em 28 de Fevereiro, devido, segundo alega, á interpretação da Lei como indicamos e outras irregularidades) são os drs. José Maria Martins Soares e Joaquim Luís Gomes.

Chegou o cardeal Agnelo Rossi

Chegou ao princípio da tarde proveniente de Roma, ao aeroporto da Portela, o cardeal Agnelo Rossi, arcebispo de S. Paulo e presidente da Conferência Episcopal Brasileira, que foi este ano convidado a presidir á grande peregrinação anual a Fátima, nos dias 12 e 13 do corrente. Entre outras individualidades e bastantes fiéis, para esse efeito convocados, aguardavam o prelado brasileiro o cardeal-patriarca, o arcebispo de Mitilene, o bispo-auxiliar de Leiria, e um representante do ministros e o ministro Cláudio tro dos Negócios Estrangei- Garcia de Sousa, actualmente a exercer as funções de embaixador do Brasil, na ausência do dr. Ouro Prêto.

Concentração Musical 1 de Junho de 1914

Na sede da «Concentração Musical 1 de Junho de 1914», Rua Maria Pia, 411-1.º, inicia-se hoje às 21 horas, um ciclo de cinema «Western» dedicado aos moradores do bairro. Será exibido o filme «Flecha Quebrada», de Delmer Davis.

Amanhã pelas 15 horas, o mesmo filme será exibido no Centro Social do Casal Ventoso.

O ciclo visa a valorização do público que vai ao cinema, pelo aperfeiçoamento do seu espírito crítico.

«A Sangue-Frio» (EM ANTES-TREIA) no VI Ciclo de Cinema da Casa da Imprensa

Vai durar duas semanas e meia o VI Ciclo de Cinema da Casa da Imprensa, dedicado este ano aos «Mestres do Cinema Americano» e incluindo logo no primeiro dia uma antestreia:

De 20 de Junho a 7 de Julho: duas sessões duplas por dia no São Luiz e Alvalade

«A Sangue-frio», de Robert Brooks, filme extraído do romance homónimo de Truman Capote.

O ciclo, que constitui «uma merecida homenagem ao melhor que o cinema dos Estados Unidos tem apresentado nestes últimos anos», é preenchido com 26 filmes de 25 realizadores, desde o Chaplin de «Luzes da ribalta» ao Roger Corman de «O massacre de Chicago», passando por Elia Kazan, Otto Preminger, Arthur Penn, John Huston e Jerry Lewis.

A abertura está marcada para 20 de Junho. Depois, até 7 de Julho, haverá sessões todos os dias: nada menos de duas (ás 15 e 21 horas) em dois cinemas (S. Luiz e Alvalade). Dentro do melhor esquema cineclubístico, o ciclo é um repositório da produção norte-americana do pós-guerra no que ela tem de mais interessante ou significativo.

CURSO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA AGRICULTORES AÇORIANOS

Para frequentar um curso de formação integrado nos programas de valorização profissional elaborados pela Secretaria de Estado da Agricultura, chegaram a Lisboa 25 agricultores açorianos, oriundos das Ilhas da Terceira, Faial, Pico, São Miguel e Santa Maria.

Estes agricultores, que são acompanhados pelo rev. Pedro Lima, foram recebidos pelo sr. eng.º agr. Gustavo Pitschieller e outros técnicos da Junta de Colonização Interna, tendo já partido para Pegões onde decorrerá o curso que, começando depois de amanhã, se prolongará por três meses.

Durante o curso, aqueles agricultores açorianos receberão formação teórica e prática sobre as técnicas mais modernas, nomeadamente nos sectores da mecanização e pecuária. Por outro lado, estão previstas visitas a explorações agrícolas, associações de agricultores.

O regresso aos Açores está previsto para meados de Agosto.

O 58.º aniversário da G. N. R.

Encerram-se hoje as cerimónias de comemoração do 58.º aniversário da G. N. R., que haviam sido iniciadas a 4 deste mês. Pelas 15 horas, no quartel da Ajuda, formatura geral e parada do 4.º esquadrão do regimento de Cavalaria, seguida de alocução e distribuição de medalhas. A partir das 16 e 45 haverá manifestações desportivas em que serão participantes elementos da Guarda, terminando as comemorações com um por-do-sol ás 18 horas. Estarão presentes os ministros do Interior e do Exército.

Necrologia

FALECIMENTOS

Dr. Julio Manuel Porto de Vilhena

Após prolongada doença, faleceu esta noite o sr. dr. Julio Manuel Porto de Vilhena, de 61 anos, natural de Lisboa, que durante 23 anos ocupou o alto cargo de administrador-director da Companhia dos Diamantes de Angola (Diamang).

O sr. dr. Julio Manuel Porto de Vilhena era casado com a sr.ª D. Maria dos Prazeres Teixeira de Sousa de Vilhena.

O funeral realiza-se amanhã, ás 12 horas, da igreja de Santa Isabel para o cemitério dos Prazeres, após missa de corpo presente que será celebrada ás 11 horas.

FUNERAIS

Arquitecto Raul Tojal

Da igreja de São João de Deus para o cemitério do Alto de São João realizou-se, com grande acompanhamento, o funeral do arquitecto Raul Francisco Tojal.

O extinto, que contava 68 anos era natural de Lisboa, onde estudou, tendo completado o curso de arquitecto, na Escola de Belas-Artes. Entre as várias obras que realizou, sallientam-se o primeiro arranjo do Cinema Condes e as remodelações do Conservatório Nacional e do Forte de São Julião da Barra. Ultimamente, trabalhando em colaboração com o sr. arquitecto Manuel de Carvalho, fez os projectos dos hotéis Estoril-Sol, Algarve (da Praia da Rocha) e Embaixador.

Deixa viuva a sr.ª D. Esmeralda Soares de Oliveira Tojal e era pai da sr.ª D. Manuela Tojal Valssassina Heitor.

Tal como seus irmãos, os eng.os João e Afonso Tojal e o falecido construtor Diamantino Tojal, era um apaixonado da região de Sintra e suas praias, onde viveu largos anos, tendo sido o autor dos projectos do hotel e da piscina da Praia Grande. Por isso, tanto nesta praia como na das Maçãs foram içadas bandeiras a meia haste.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

Reduzido ao silêncio o «leader» mais poderoso do Paquistão Oriental

DACCA — O homem que poderia ter sido primeiro-ministro do Paquistão recebe-me, sentado numa poltrona, de pernas cruzadas, para dizer: «Lamento, mas não tenho nada a dizer».

O «sheik» Mujibur Rehman, «leader» da Liga Awami (o partido político mais poderoso do Paquistão Oriental) dá assim claramente a entender que, pelo menos por agora, não tem qualquer desejo de se arriscar a voltar novamente para a prisão, desafiando abertamente o novo regime militar do Paquistão.

Há apenas 40 dias que o «sheik» Mujibur saiu da prisão, depois de ter sido preso por «traição», em Janeiro de 1968. Foi posto em liberdade no passado mês de Fevereiro, menos de 24 horas depois de o ex-presidente Ayub Khan ter anunciado que não se candidataria à presidência e um pouco mais de um mês antes do general Yahya Khan ter imposto a lei marcial

Se o general Yahya Khan não tivesse proclamado a lei marcial, a 25 de Março, anulando a reunião de uma assembleia constitucional e as eleições nacionais, o «sheik» Mujibur teria vindo a ser, segundo os observadores imparciais, primeiro-ministro de um regime parlamentar com liberdade eleitoral para os adultos.

Foi esta perspectiva, mais do que a sua preocupação da ordem e da lei, que levou Yahya Khan ao poder: o «sheik» Mujibur era o mais poderoso porta-voz do movimento a favor de uma autonomia regional para o Paquistão Oriental.

Esta voz está agora reduzida ao silêncio. A minha visita foi puramente «social». O «leader» da Liga Awanú, elegante no seu traje local, ofereceu-me uma bebida não alcoólica, mas não tomou nada. Lá fora, no jardim, um grupo de amigos aguardava o seu regresso. O «sheik» Mujibur mostrou-se afável e sorridente mas recusou-se a discutir a situação política.

Um dos seus próximos colaboradores, no entanto, disse-me em momento ulterior, que Mujibur não tinha ficado inactivo depois da proclamação da lei marcial. Disse-me que Mujibur tinha tido o seu papel, ao fazer saber ao Governo que a anulação das altas dos salários obtidas pelos trabalhadores antes da proclamação da lei marcial comportariam novas violências nas fábricas de fiação de juta de Dacca, capital do Paquistão Oriental.

O «sheik» Mujibur conta numerosos partidários entre os 40 000 empregados deste complexo industrial. Parece que os dirigentes sindicais teriam ido avistar-se com Mujibur para lhe pedirem que os ajudasse a manter este benefício das altas de salários (30% ou mais), arrancado durante os quatro meses de agitação.

Mujibur teria feito saber às autoridades responsáveis pela aplicação da lei marcial que não se responsabilizava pela manutenção da ordem nas fábricas de fiação se as altas de salários fossem revogadas. Não sendo embora possível confirmar, de fonte oficial, o papel de Mujibur nestas negociações, a verdade é que o Governo Militar anunciou que as altas de salários seriam mantidas até uma data ulterior àquela em que a questão dos salários fosse reexaminada.

Adamjee, o proprietário das fábricas de fiação que os empregados encerraram no seu próprio gabinete, reclamando fortes altas de salários, declarou, numa entrevista, que a situação era agora calma nas suas fábricas, registando-se um mínimo de ausências. A produção continua diminuída, acrescentou, porque a atenção dos trabalhadores está «noutro ponto».

Este «ponto» poderia determinar os acontecimentos que se seguiram no Paquistão e até mesmo a sua existência como Nação. Há muita gente aqui que supõe que, uma vez recomeçadas as agitações — e poucas pessoas duvidam de que elas recomecem — o Paquistão Oriental não reclamará a autonomia regional, mas sim uma independência total.

Este é o «outro» Paquistão. Quando ouvimos um funcionário do Paquistão Ocidental falar do Paquistão Oriental, chamando-lhe «esse Paquistão» (e carregando todo o seu desprezo no adjectivo) então é que compreendemos o abismo que separa os dois Paquistães, separados entre si por 1400 quilómetros de território indiano.

Quando viajamos de Lahore para Karachi, no Paquistão Ocidental, de avião, temos que controlar os gastos a bordo, porque é um voo «interno»: se tomarmos o avião de Lahore para Dacca, no Paquistão Oriental, numa companhia paquistanesa, o consumo é gratuito porque é uma «ligação internacional». Chegados ao Paquistão Oriental, provenientes do Ocidental, temos que passar pela Alfândega, mesmo que sejamos de nacionalidade paquistanesa.

(Continua na página seguinte)

Por WILLIAM COUGHLIN
EXCLUSIVO «WASHINGTON POST»-«DIÁRIO DE LISBOA»

Nota do dia

O CAMINHO DA ESCOLHA

AÍ TEMOS NÓS UM QUADRO, que se afigura movimentado, de perspectivas eleitorais. Parece-nos prudente, no entanto, advertir desde já o leitor de que não estamos a pensar especificadamente na próxima eleição de deputados à Assembleia Nacional, que deverá fazer-se este ano lá para o Outono e de cujo recenseamento de eleitores hoje termina o prazo para consulta aos respectivos cadernos. Mas que estamos a pensar principalmente no significado que podem ter aquelas que deverão fazer-se dentro de dias em França para designar o sucessor de Charles de Gaulle e naqueloutras que poderão vir a ser antecipadas na Inglaterra para a futura Câmara dos Comuns. Cada uma destas consultas tem o seu significado.

Das de cá não vale a pena tentar algum comentário, porque efectivamente tudo parece fazer crer que não há lugar para comentários. Para mais, devemos estar aí a uns cinco meses da data que, de acordo com a lei eleitoral, a Constituição estabelece que ao Presidente da República em definitivo compete marcar. Daqui até lá, não parece que haja muito para ver. Mas, a propósito, valeria talvez a pena apurar quantas foram as pessoas que — nos prazos legais — se deram ao trabalho de ir verificar se estão ou não inscritas nos cadernos.

Faz-se este ano campanha no sentido de chamar a atenção dos cidadãos interessados para exercerem o direito de fiscalização que a lei lhes confere. Alguns o fizeram, do que vieram a público algumas reclamações. Mas a verdade, a indisfarçável verdade é que não está isso nos nossos costumes, amolecidos uns na indiferença, esquecidos alguns na ignorância, perdidos outros no cepticismo. Que fazer por isto? Não há lugar para grandes ilusões, preferível sendo, ao que nos parece, que se deixe vir ao de cima a verdade, que é a da nossa carência de hábitos, a nossa inexperiência de actividade cívica.

Que fazer, então? Pois, continuar a chamar a atenção, insistir, lembrar e mostrar ao cidadão que a forma possível de intervir no que se passa no País é a de estar em condições de votar de cada vez que se faça consulta. Mas que tem de dar, a tempo e horas, os passos para isso, sem o que perde todo e qualquer direito de se queixar ou lamentar, é preciso que se diga. Franceses e ingleses, com eleições à vista, esses bem o sabem. Sabem o que hão-de fazer para poder votar, mesmo quando, como parece que esse é agora o caso, não saibam como e em quem é que hão-de votar.

O leque de candidatos à próxima eleição do futuro presidente da República francesa mostra bem a indecisão, a variedade de soluções admitidas, a fragmentação da opinião. Pode parecer um estranho fenómeno, mas é preciso entendê-lo. A França vem de um período diferente, em que toda a cena política foi dominada por um homem que as circunstâncias da História dos últimos trinta anos marcaram com um sinal fora das convenções habituais. Apagado esse homem, é a hora de procurar novos caminhos, novos métodos, novos intérpretes. Que admiram tantas hesitações? Na hora da decisão cada um há-de ser capaz de escolher.

RECTÂNGULOS DA VIDA

COR DE MEL

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

O cabeleireiro estendeu-lhe o mostruário como quem oferece um ramo de flores. Mechazinhas de cabelo em leque, ou melhor, em arco-íris que ia do preto agressivo asa de corvo, ao louro platinado nórdico. Pelo meio havia castanhos encarniçados, esverdeados, amarelados. Castanhos muito simplesmente. Tudo o que era cor de cabelo estava ali. Apontou com o dedo como que ao acaso: «Este». A rapidez da escolha impressionou o cabeleireiro: «Este, madame?» — «Este, senhor Jullien». O senhor Jullien era tão exageradamente francês que usava dois *ll* no nome: «Jullien, coiffeur», rezava a tabuleta de noite, a néon.

Não se deteve a pensar se aquele tom de mel lhe ficaria bem ou mal. Isso era-lhe, de resto, indiferente. O que queria era mudar e depressa a cor do cabelo. Aquilo acontecia-lhe às vezes e dava-lhe um certo conforto, embora episódico.

Quando saiu para a rua, o sol dissolvera algumas nuvens que havia pouco tapavam o céu, e estendia-se pelo asfalto e cintilava nas folhas das árvores. Um homem olhou-a com atenção, uma criança chocou com ela e soltou uma risada. A mulher deteve-se numa pastelaria e comprou uma cornucópia a entornar sorvete de morango. Nesse instante teve quinze anos e vinha do liceu com livros e cadernos na mão e ao seu lado um rapazinho que gostava dela. As pessoas à sua volta eram bonitas e simpáticas. Apetecia falar-lhes. Andou durante meia hora sem saber muito bem por onde andava, depois foi-se aproximando de casa, e as pessoas começavam a ser diferentes e ela pôs-se então a andar mais depressa e quando chegou à rua onde morava começou mesmo a correr.

Uma porteira disse a uma criada que passava: «Viu a maluca do 75? Hoje vai de cabelo amarelo. Quem dirá que o marido lhe morreu há dois anos e que tem um filho atoleimado? Sempre há cada uma!»

Pensão Monumental
(Restauradores)
Magníficos aposentos.
Serviço de bom hotel.
Rua da Glória, 21
Tel. P. P. C. 36 98 07.

FRIGORÍFICOS EMERSON
A QUALIDADE INDISCUTÍVEL

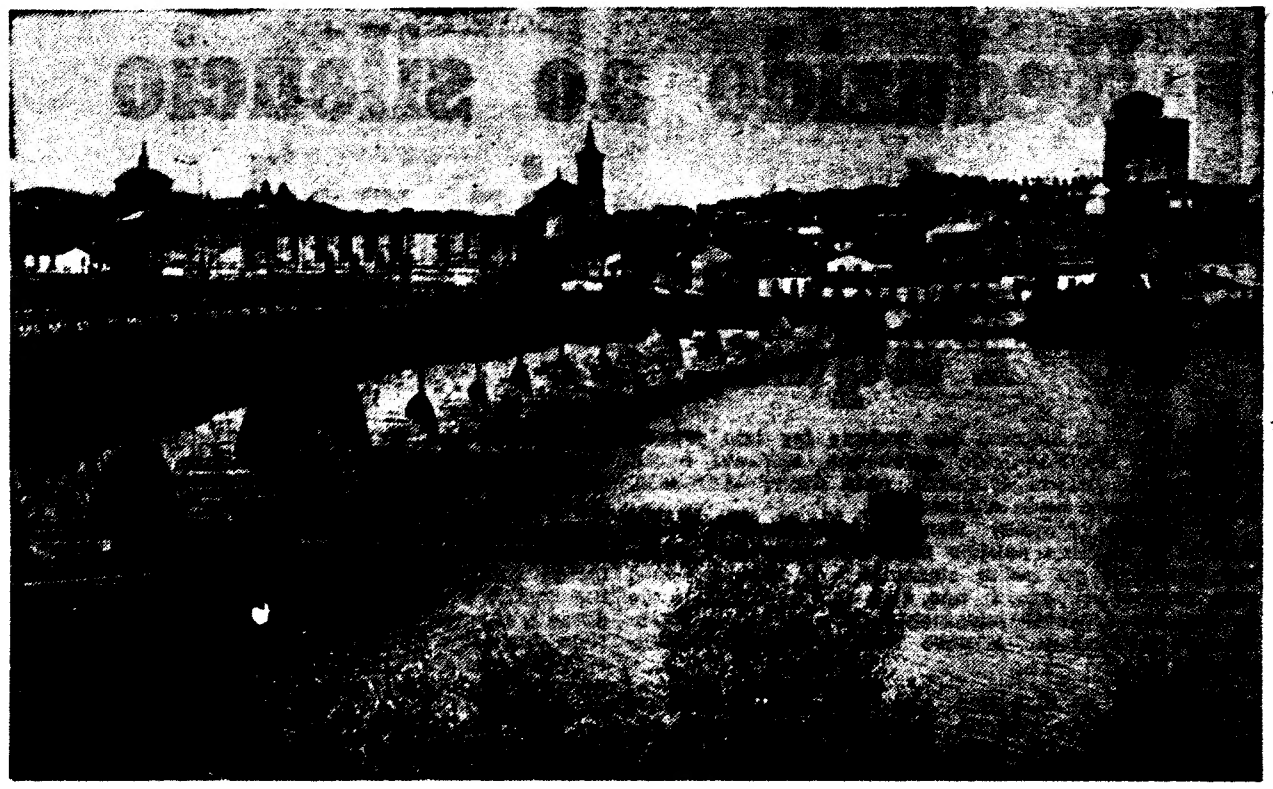
Conta Universitária
BANCO DO ALENTEJO

LYCÉE FRANÇAIS CHARLES LEPIERRE
VAGAS PARA O ANO LECTIVO DE 1969/70
JARDIM INFANTIL — Só para crianças nascidas em 1964.
7.º ANO DO LICEU — alínea a); número reduzido para as restantes.
Av. de Duarte Pacheco — LISBOA — Tel. 61 11 01-2-3

Em Alba de Tormes—1

NAS PISADAS DE SANTA TERESA

POR RAUL REGO



Alba de Tormes vista do outro lado da ponte romana. Ao alto a Torre de Menagem dos Duques de Alba. À direita vê-se a cúpula do mosteiro de las Madres, o lugar de peregrinação dos teresianos

QUEM FORAM os primeiros homens a fixar se naquele meandro do rio Tormes, a correr para Norte antes de virar rumo a Oeste e de mostrar-se depois em Salamanca? Perdem-se as origens da terra, mas não é difícil deduzir que o rio, os campos em torno e a passagem obrigatória dos caminhos que de Mérida levavam a Salamanco e Leon, foram atractivos determinantes desses cultivadores ou barqueiros que ali resolveram ganhar a vida, nos campos vastos, levemente ondeados, que o caudal das águas em que se desfazem as neves da Serra de Gredos, a Sul, torna singularmente úberes. Hebreus, expulsos da Palestina por Tito, em 70 da nossa era, cartagineses de Aníbal que saquearam Salamanca, no século segundo antes de Cristo, ou, entrando ainda mais nos nevoeiros do tempo, celtas idos da Gália no século V, teriam sido quem ergueu cabanas e constituiu família nessa margem direita do rio. Mas, se não sabemos quem começou o povo, sabemos que lhe havia de dar esplendor, glória e a importância que chega a nossos dias.

Alba de Tormes teve o ponto culminante da sua vida quando um dos grande cabos de guerra do mundo se recolheu ao seu solar acastelado, de mal com o seu rei, e antes de, a novo chamado do soberano, vir comandar as tropas invasoras de Portugal onde haveria de morrer, sensivelmente na altura em que uma freira fundadora de conventos morria no da Anunciacion por ela estabelecido anos antes. E se dos duques de Alba deixaram cair quase por completo sua residência senhorial, a freira que foi santa continua a ser um dos focos de atracção da cidade e uma das suas fontes de receita quase quatro séculos volvidos sobre a sua morte.

De Salamanca a Alba de Tormes, a estrada de nossos dias segue traçado sensivelmente paralelo ao dessa calçada romana que era uma das grandes vias da Hispânia e que de Mérida ia a Cáceres, a Salamanca, continuando depois para Leon numa ligação directa dos principais centros. Aflora a estrada romana aqui e além e letreiros chamam para ela a atenção dos viandantes, como a centuar a evolução normal da caminhada dos homens através da história.

Retrato autêntico de Santa Teresa, feito em vida e que se conserva em Alba de Tormes

A meio do percurso, temos á direita, a Fonte de Santa Teresa. Numa das suas jornadas entre Salamanca e Alba de Tormes, teria ela descansado neste local e, é claro, vieram anjos do céu com luzes e cantares, a dar-lhe ânimo para o resto do percurso. Não sabemos se a bica de água continua que ali corre para as terras ou para as gentes que não deixam de fazer alto no local, rebentou na altura por milagre divino e para consolação dos eleitos; mas, no pino do Verão quando dos restolhos em volta parece chispar lume, sem que num raio de quilómetros e quilómetros surja a bênção de folha verde, a fonte e a moita de árvores, constituem bálsamo revivificador para quantos seguem os passos das legiões romanas, dos servos dos duques de Alba ou dos peregrinos de Santa Teresa.

Em azulejo, sob o nicho com a imagem de Santa Teresa e as águas, lá estão os versos de confiança inteira no seu destino e na missão que lhe incumbia:

Nada te turbe
Nada te espante
La paciência
Todo lo alcanza
Quien a Dios tiene
Nada le falta
Solo Dios conta.

Na cidadesinha provinciana, o itinerário teresiano começa muito fora de portas, como em Ávila, como noutros centros de peregrinação; e não nos conseguimos desprender da evocação de há quatrocentos anos, em que as freiras faziam este mesmo caminho nos seus garranos refilões ou em jumentos de tanta filosofia como paciência. As montadas tasquinhariam seu cardo tenro pelas bermas enquanto os moços as freiras estimulariam seus vagares com as varinhas arrancadas ás azinheiras vizinhas; e na fonte fariam sempre alto, entrando as freiras no farnel e na água fresca e rebuscando seus comeres nas ervas e arbustos em torno, os animais.

A imagem do caminhar a passo de burro lazarento de há séculos vem até nós e a impressão de alívio, sacudindo a poeira e estimulando as bestas seria grande ao chegar ao altinho de onde se tem o povoado da outra banda do rio. Este nasce caudaloso em Gredos, e em Alba, depois de passar em El Barco de Ávila, é já torrente grande neste começo de Maio nos açudes de Alba de Tormes. Na margem esquerda, antes de se atravessar a ponte, temos um grande hortal. Mas os olhos fixaram-se-nos desde há uma légua na grande torre que domina o casario pardo; e agora, no esporão do povo, mesmo em frente á ponte e no entroncamento de estradas que apartam para Ávila e para Bejar levanta-se outra torre. Mais baixa esta, era a guarda avançada do castelo medieval, posteriormente palácio ducal. Lá iremos.

Como velo este andarilha de hábito que, no curto espaço de uns quinze anos semeou de conventos reformados toda a terra de Castela desde a Ávila onde nascera a Alba de Tormes em que deixaria seu corpo, ter a este recanto? Ela no-lo conta no «Libro de las Fundaciones». Francisco de Velasquez, tesoureiro da Universidade de Salamanca e que no cargo enriquecera, tornara-se o administrador das propriedades do Duque, com residência em Alba de onde era natural. Foi ele e sua mulher D. Teresa de Layz que garantiram á freira as rendas para novo mosteiro. É que ela diz ser renitente a fundar um convento sem rendas próprias em terra diminuta, incapaz portanto de o manter.

Foi no máximo esplendor da Casa de Alba que o mosteiro das carmelitas reformadas se fundava, em 1571. Iremos ver como a grande mística e o duque constituem hoje ainda a atracção de Alba de Tormes. Uma ali foi para a expansão da sua obra e ali voltou uma vez a outra, lá ficando para sempre; o outro lá foi e lá teve a residência em horas de exílio na própria terra, de lá saindo para a conquista de Portugal e para a morte. Terra de grandeza a terra de exílio, onde os verdadeiros valores avultam e onde o oiro de lei do carácter vem á superfície, esta Alba de Tormes onde entramos!

COMO VOCÊ PODE EMAGRECER E CONTINUAR MAGRO

O facto de uma pessoa ser gorda pode por si só perturbar o metabolismo do seu corpo. E com base num cálculo mínimo, pelo menos cinquenta por cento da população dos grandes centros sofre de perturbações metabólicas. Leia em SELECÇÕES de Maio, já à venda, «Emagreça e Fique Magro», para saber tudo que há de novo em matéria de pesquisa das causas da obesidade. Não perca, é sensacional. SELECÇÕES é uma distribuição exclusiva da Livraria Bertrand.

NO PAQUISTÃO ORIENTAL

(Continuação da pág. anterior)

Isto são simples indícios superficiais de um abismo muito mais profundo.

«Para vos dar alguns exemplos» — indicou o «sheik» Mujibur, num discurso proferido pouco tempo antes de proclamada a lei marcial — «a produção de energia do Paquistão Ocidental é 5 a 6 vezes superior à do Paquistão Oriental. O número de camas de hospital no Paquistão Ocidental estava calculado em 26 200, no ano de 1966, e em 6900 no Paquistão Oriental. Há cerca de 50 milhões de habitantes no Paquistão Ocidental, mais de 70 milhões, no Oriental».

«Mais de 80% de todo o auxílio estrangeiro foi utilizado no Paquistão Ocidental» — acusou Mujibur, o qual acrescentou que «o Paquistão Ocidental importou, nestes últimos 20 anos, três vezes o valor das suas exportações, enquanto o Paquistão Oriental mostra um excedente substancial da sua balança».

«Todos estes factos acentuam a enorme injustiça económica praticada contra o Paquistão Oriental» — afirmou o «sheik» Mujibur.

O próprio Governo central reconhece a existência de um substancial desequilíbrio económico entre as duas partes do Paquistão. Nota, por exemplo, que só 22% do total dos investimentos privados foram para o Paquistão Oriental. Está a assistir-se a alguns esforços no sector público para atenuar estas desigualdades.

Contudo, podemos ler isto num documento governamental do plano: «Um dos objectivos essenciais do plano era suprimir as desigualdades nos rendimentos *per capita* entre o Oriente e o Ocidente, para o ano de 1985».

Para os camponeses e operários do Paquistão Oriental, que consideram a aplicação da lei marcial como uma forma de ocupação colonial, (dado que as forças militares são largamente compostas de paquistaneses ocidentais) o ano de 1985 parece uma data muito longínqua para o advento da justiça económica.

O salário mensal mínimo para um operário das fábricas de fiação de juta de Admjee é de 88 rupias, segundo declaração do proprietário. Na indústria do algodão é de 72 rupias.

O preço do *maund* de arroz (cerca de 40 kgs) chega a ser de 62 rupias em certas localidades. As estatísticas governamentais indicam que o preço do arroz aumentou de 87% em 3 anos.

Lucros anuais de 25% ou mais não são raros na indústria de juta e de algodão, segundo os seus próprios relatórios. O balanço anual de uma fábrica de fiação revelou, no ano passado, lucros de 10 milhões de rupias, após imposto, para um capital de 40 milhões.

O «sheik» Mujibur concluía o seu discurso, dizendo: «nada seria mais catastrófico do que deixar de resolver as questões fundamentais que estão na base da agitação do país».

Era uma advertência feita ao novo Governo militar de Yohya Khan, advertência que o actual silêncio em nada desmente.

ANTES DA PARTIDA
PARA O ULTRAMAR
VASCO MORGADO
APRESENTA
LAURA ALVES

NUM DOS SEUS MAIORES ÊXITOS
A SUPER-COMÉDIA COMÉDIA
A RAINHA
DO FERRO-VELHO
— BORN YESTERDAY —
com RUI DE CARVALHO
TEATRO VARIEDADES
A PARTIR DE 3.ª-FEIRA (ADULTOS)
UM EXTRAORDINÁRIO ELENCO
(Por ordem de entrada em cena)
RUI DE CARVALHO ● ÂNGELA RIBEIRO
CARLOS J. TEIXEIRA ● TOMAZ DE MACEDO ● JOÃO MOTA ● LAURA ALVES
CANTO E CASTRO ● VASCO MORGADO JR. ● ALDA PINTO ● JOAQUIM MIRANDA ● MANUELA MARIA
NO PROTAGONISTA
TOMAZ DE MACEDO

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

● NO ROMA E NO MUNDIAL:

TITULO — «Uma nova cara no inferno» («P. J.»).
REALIZAÇÃO — John Guillermin (1967).
INTERPRETES — George Peppard, Gayle Hunnicutt e Raymond Burr.

— Gosta deste filme de John Guillermin, no original «P. J.»?

— É-me, evidentemente, difícil dar uma resposta peremptória, como as pessoas gostam... «P. J.» insere-se numa sequência de filmes que me é antecipadamente simpática. Do «Harper» ou do «Contrato para Matar» até «À Queima Roupa» (quanto a mim, o melhor) e «Bullit», passando, é claro pelo Tony Rome e os seus três filmes (incluindo «O detective», que não vimos), temos uma tentativa de restituição da velha e confortável figura do detective particular e da sua admirável estratégia entre a justiça e a injustiça, escolhendo sempre o mal menor, porque a perfeição não é deste mundo (como a polícia sabe, mas finge não saber). Boggart está aí como modelo, e não vale a pena cairmos na nostalgia de dizer que os de agora lhe são inferiores. São até diferentes. Mas ele é sempre, e ainda, o modelo. Veja-se essa malograda «Roleta da Morte», obra interessante que o Eden exibiu numa escassa semana de incompreensão, veja-se o protagonista desse filme, e lá está a figura de Boggart a servir de arquétipo. O que caracteriza este tipo de filmes pode talvez definir-se em três pontos. Primeiro: uma violência feita de lirismo, com certos objectos privilegiados (os chapéus, as pistolas, as mãos, os corpos no chão, as ruas, os copos, etc.). Segundo: uma análise aprofundada de certas zonas «perversas» do mundo americano: onde a perversão *tout court* se mistura com a corrupção de maior alcance (e nisto tudo, com relevo para homossexuais). Terceiro, e último ponto: a «embalagem», que é excelente, lustrosa, brilhante, cromada, policroma, cheia de requinte e saber oficinal. Situado «P. J.», tentemos algumas comparações. Com «À Queima Roupa»: realização menos segura e mais pobre; menor linearidade narrativa; menos sentido de pormenor; interpretação muito inferior (sobretudo Gayle Hunnicutt está muito longe dessa espantosa Angie Dickinson). Com «Bullit»: menor dignidade, menor carga política; menos apuro na imagem, menos eficácia. Em «Bullit», há o equilíbrio. Aqui, não. Com «Tony Rome»: mais requinte, Gordon Douglas é popular, quase ordinário. Guillermin é mais ambicioso, tem outro tom.

— Mas será que a ambição de Guillermin se chega a justificar no filme?...

— Creio que, *de quando em quando*, sim, e por isso «P. J.» é um filme, como dizer? estimável. Há alguns defeitos visíveis na realização (enquadramentos obliquos, *bluffs*, visuais, como um lagarto na parede, analogias forçadas entre gigantescas taças com bailarinas e simples taças de vinho, etc.).

Por outro lado, Guillermin é também ambicioso no plano temático, e aí, embora as coisas estejam excessivamen-

(Continua na página seguinte)

LATINA

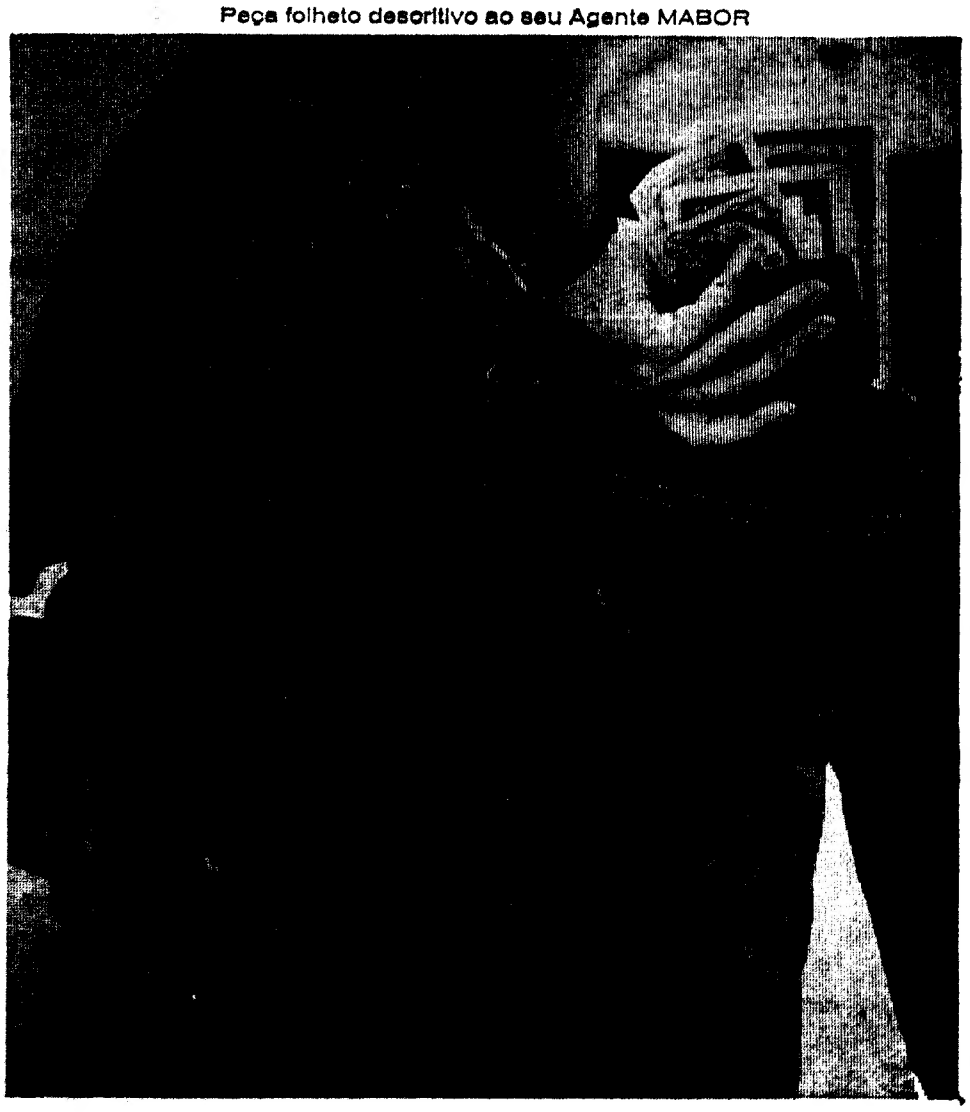
O custo final
do Super
Expressway
é mais baixo

Super Expressway dá mais rendimento. Tem o piso mais largo, espesso e profundo. Mais borracha para mais quilómetros.
E outras superioridades. Ombros de perfil especial. Arrefecimento eficaz. Piso de ranhuras e nervuras contínuas. Aderência constante. Carcaça robusta. Muito mais recauchutagens. Todas estas vantagens contam para o seu baixo custo por quilómetro. Porque Super Expressway dura mais.
Não admira, pois, que seja o pneu preferido para transporte de carga e passageiros. Em cidade e estrada.

Super
Expressway

MABOR
GENERAL

Peça folheto descritivo ao seu Agente MABOR



COMUNICADO

SÉRGIO TEM O PRAZER DE INFORMAR QUE DO S/ ELENCO ARTISTICO A ACTUAR DIÀRIAMENTE NA
VIELA FAZ PARTE COMO CONVIDADA, A GRANDE REVELAÇÃO DO FADO
ZÉLIA LOPES
(ADULTOS)

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto
O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias do Leça, Matosinhos, Foz, Avenida dos Aliados, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua da Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Livraria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

O FORNO
BAR ● BOITE
SUBTERRÂNEA
M/ 17 anos

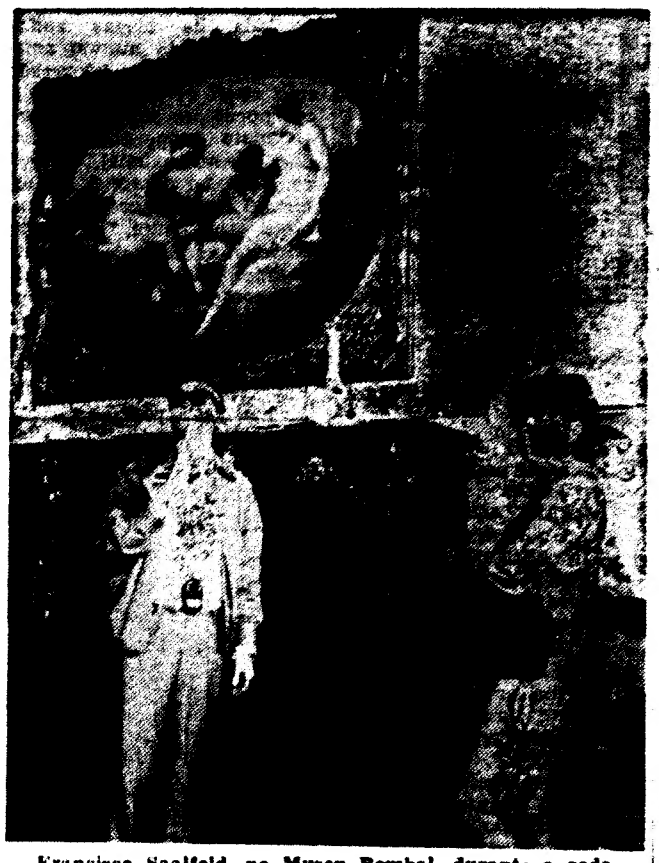
O documentário colorido «Colecção Calouste Gulbenkian» representará Portugal no Festival de Cinema de San Sebastian

Realizador vindo do cinema de amadores, onde obteve assinalados êxitos, no País e além-fronteiras, Francisco Saalfeld prossegue a sua carreira na actividade profissional, também com excelentes resultados. Assim, representou já o nosso País, nos Festivais Internacionais de Berlim, em 1967, e de Barcelona, em 1968, com o filme «Outono em Lisboa», e, por outro lado, continua desenvolvendo grande labor, realizando e preparando outras películas. Com efeito, tem em estudo dois filmes, cuja rodagem deve ser iniciada em breve. Trata-se de «A Biblioteca Nacional» e «Ribatejo em festa», este um exercício rítmico.

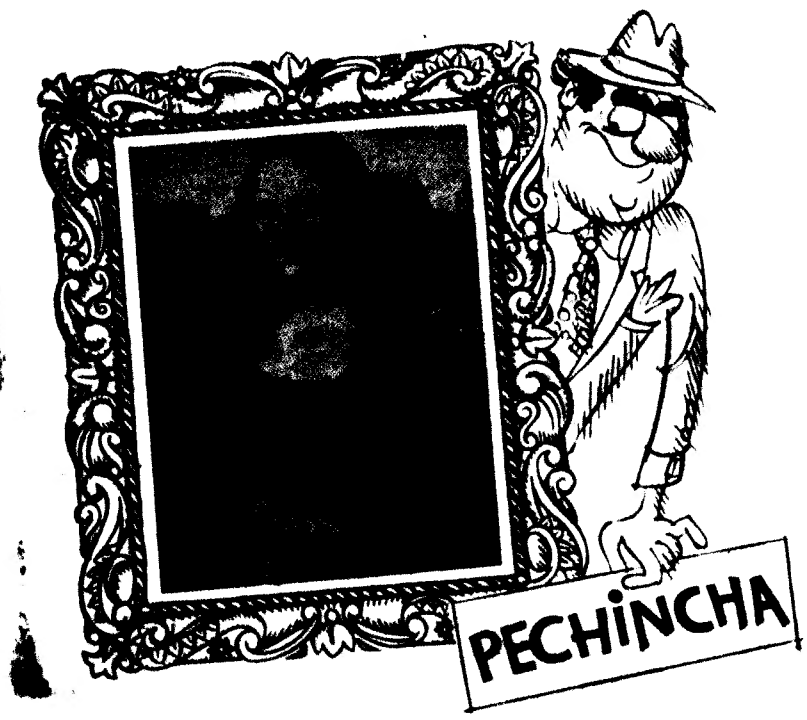
Espera realizar, também, dois novos trabalhos sobre Arte Islâmica, produzidos pela Fundação Calouste Gulbenkian que vem fomentando actividade mais intensa no cinema nacional.

Entretanto, o seu filme «Colecção Calouste Gulbenkian», produzido por aquela Fundação, divulgando as obras que se encontram no Museu Pombal, em Oeiras, e focando 54 peças daquela colecção, foi agora seleccionado para representar Portugal no próximo Festival Internacional de Cinema de San Sebastian.

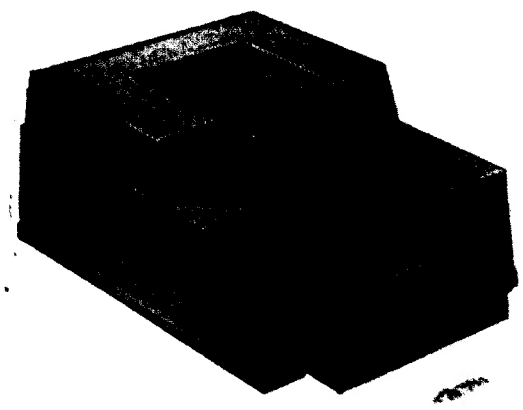
Esta película, que esteve oito semanas em exibição no Cinema Monumental, foi já projectado em mais de duas dezenas de salas nacionais.



Francisco Saalfeld, no Museu Pombal, durante a rodagem de «Colecção Calouste Gulbenkian»



Cópias perfeitas aos mais baixos preços!



No mundo de hoje a palavra de ordem é a simplificação!
Simplifique e melhore o trabalho no seu escritório adquirindo uma copiadora Kodak.
O novo plano de pagamentos da Kodak Portuguesa Limited permite-lhe ir comprando, apenas com algumas centenas de escudos, qualquer das copiadoras Kodak.
As copiadoras Kodak têm o ritmo que lhe convém. Máximo na produção de cópias perfeitas, e mínimo no modo de pagamento. Aproveite o nosso novo sistema de pagamentos. Envie hoje mesmo o cupão abaixo.

Kodak

CUPÃO
À
KODAK PORTUGUESA LIMITED S.A.R.L.
Apartado 2554 — Lisboa
☐ Agradeço mais informações referentes às copiadoras Kodak.
☐ Agradeço uma demonstração
NOME _____
ENDEREÇO _____
LOCAL _____

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da pág. anterior)

te sublinhadas, há apontamentos de interesse. O ambiente colonial da filha de S. Crispim está bem conseguida, sobretudo através do negro, chefe da polícia. A personagem de Orbison atinge por vezes as terríveis dimensões das forças do mal á Orson Welles. Temos ainda algumas sequências exemplares: a visita de «P. J.» a casa do pai de Jason é excelente. Já a luta no bar dos homossexuais me parece de um sadismo excessivo e despropositado. Quanto á cena final, ela ronda o inverosímil e ressente-se da inabilidade de Guillermin. Refiro-me á cena no campo de caça, a das revelações... É curioso que o pré-genérico nos dá, duma forma rasurada a chave do filme. Vale a pena observar o processo.

— Quer dizer então que vale a pena ver «P. J.», apesar de todas as reservas?

— Sim, creio que sim. Não atingindo o nível que o programa vem proclamar (e note-se que este texto do programa é deplorável, porque nem Guillermin fez «O desafio das águias» nem a história que no programa se narra tem alguma coisa que ver com a história do filme, demonstrando-se que o autor do texto não viu o filme), sem suportar o confronto com outras películas semelhantes, sem deixar de corresponder a um padrão um pouco estereotipado, «P. J.» possui uma força inegável, que justifica a atenção e a simpatia.

EDUARDO PRADO COELHO

• NO SÃO LUIZ E NO ALVALADE

TITULO — «A felicidade da sr.ª «Blossom».

REALIZADOR — Joe McGrath.

INTERPRETES — Shirley MacLaine, Richard Attenborough e James Booth.

Os tecnocratas, a tecnocracia, a tecnologia, etc., são «coisas» boas, desejáveis, respeitáveis e multiformemente utilizáveis: podem revolucionar e europeizar países e culturas, espalhar o pão e as rosas, reinventar a felicidade na produção *do* consumo — ou descobrir, após uma vida de pesquisa e sonho desperto, a fórmula do «soutien» universal. E não se subestime o valor desta descoberta: as virtudes do «soutien» universal não são puramente estéticas; segundo o seu inventor e fabricante, o sr. Blossom, estaria nas suas potencialidades reconstruir a Paz e a Concórdia universais, reconciliando a China de Mao Tsétung e a América das convenções democráticas e republicanas...

«A felicidade da sr.ª Blossom» é uma obra que se pretende crítica — e que o é, por vezes —, e bem humorada — e que o é sempre. A atitude crítica, porém, para o ser, consequentemente, tem de ser impiedosa e corrosiva e não é este o caso da «Felicidade da sr.ª Blossom», que se mantém dentro dos limites da comédia-*divertissemente*.

O que me atrai neste filme de Joe McGrath, realizador que julgo desconhecido entre nós, é uma certa «facilidade narrativa vigiada», feita á medida do talento e da beleza da sr.ª Blossom (Shirley Mac Laine) e dos seus quadros-pop, que, do princípio ao fim do filme, enchem o *écran*.

Essa facilidade narrativa atinge, por vezes, um ritmo frenético, de raiz onírica, e assistimos, por exemplo, a um «happening» psiquiátrico memorável; outras vezes, o realizador perde o «contrôle» da sua própria obra e do seu próprio estilo e a felicidade de Shirley Mac Laine exprime-se simbólicamente em sonhos romanescos (ao gosto dos «comics» dos primeiros tempos do mudo) de uma «réussite» duvidosa.

Complementos: Dois documentários sobre cães, pumas, viagens a Tahiti, etc., compulsados em velhos e relhos arquivos cinematográficos e, acima de tudo, os longos-longos intervalos dos cinemas portugueses...

A. L. S.

• NO EDEN

TÍTULO — «Uma inógnita chamada Duffy» («Duffy»).

REALIZADOR — Robert Parrish.

INTÉRPRETES — James Coburn, James Mason, Susannah York e James Fox.

«I'm satisfied», poderá trautear a maioria dos espectadores depois de ter visto o filme estreado ontem no Eden. Com efeito, «I'm satisfied» é, precisamente, a canção que procura sintetizar o espírito da película dirigida por Robert Parrish.

A obra faz lembrar determinado tipo de produções do cinema inglês, de há alguns anos atrás e, a par de um grupo escolhido de actores, vive do imprevisto de certos ambientes, ajudados por uma boa fotografia. Repassada de ironia, a história desenrola-se através de um prisma em que predomina a cor «hippy» e o espectador tem a oportunidade de mergulhar num universo insólito, sem necessidade de recorrer ao LSD ou á marijuana... o que corresponde a uma das capacidades, a de sugestão, da Sétima Arte, cujo desenvolvimento futuro Aldous Huxley nos fez descortinar no seu «Brave New World».

Em «Duffy», por detrás da comédia, podemos descobrir a análise de uma «affluent society», já em plena decadência, á qual os novos tentam escapar, fazendo de maneira diferente as mesmas coisas. Mas não precisam de ir muito longe, pois todas as necessidades básicas estão resolvidas, a vida é bela e o sol brilha. Para eles, trata-se apenas de criar um estilo próprio e, a golpes de imaginação, tentar vencer a geração mais velha, que beneficia, no entanto, de uma maior experiência e conhece todos — ou quase todos os truques. A análise é, evidentemente, incompleta. A liberdade simbolizada apresenta-se sem responsabilidades e os «hippies» retratados parecem excessivamente «limpos» para serem reais. No entanto, o espectador não dá o seu tempo por perdido. «I'm satisfied», poderá trautear, á saída do Eden, após ter vivido uma realidade simplificada — a do cinema — que, apesar de tudo, é susceptível de nos ajudar a definir a realidade vivida. De outro modo, o interesse da Sétima Arte seria bem reduzido.

N. V.

Grande êxito do Bailado Nacional Polaco «Mazowsze»

Evidentemente que há estilização, que os espectáculos apresentados pelo Bailado Nacional Polaco «Mazowsze» (designação tirada do nome de uma região da Polónia banhada pelo Vístula e na qual se situa Varsóvia) assentam na estilização dos elementos populares e tradicionais. Mas isto não quer dizer que tenha de haver necessàriamente sempre traição a dados fundamentais do repositório nacional. Claro que as canções e danças não são dadas na sua pureza nativa, tais como se encontram no povo. Mas, em boa verdade, também não se pode falar de um «rancho folclórico» mais ou menos envernizado. Os responsáveis pela orientação do «Mazowsze» não se cingiram ao cultivo do género orfeão ou do mero arranjo coreográfico próprio de casino ou de cabaret. Trata-se sim de uma companhia organizada, em cujas manifestações transparece o propósito de evocar aspectos musicais e de dança das várias regiões da Polónia, dos seus costumes — através de quadros «concertados» com vista a espectáculos de fácil acesso, sem descurar um sentido turístico de exportação, mas com dignidade artística. Em suma: não se deve ir à espera de encontrar uma reconstituição erudita do folclore, uma demonstração de rigorosa etnografia. Há números que têm mesmo um sabor de opereta e de revista, como, por exemplo, o coro intitulado *Elegia a um Pássaro* e mais algumas canções que se ouviram sobretudo na primeira parte. A valsa, mas de carácter bem vienense, insinua-se com frequência. Outros números, porém, conservam maior autenticidade e esses são, em geral, acompanhados de instrumentos típicos. Estão em tal caso algumas danças e canções da região de Wielkopolska, em que intervêm dois violinos, um contrabaixo e dois instrumentos do género das «cornemusas».

Onde a tal autenticidade se verificou em maior grau foi no aproveitamento de cantos e danças dos montanheses de Tatras e em canções, sem apoio instrumental, de inflexões que traem uma origem bastante remota.

Mas o «Mazowsze» impôs-se, principalmente, pelo esplendor, a riqueza e a policromia do seu guarda-roupa, reflectindo fielmente, embora com sumptuosidade, os trajes de várias regiões da Polónia, um deslumbramento para os olhos!

O espectáculo incluiu ainda — e constituiu este um dos seus aspectos mais interessantes — referências suficientemente explícitas a diferentes estádios sociais e a diversas épocas. Ao lado de movimentos caracterizadamente populares, danças rústicas e saltos acrobáticos, não faltou a sugestão de ambientes de corte e de salões burgueses. Assim o número intitulado *Adeus á pátria*, á base de uma «polaca» em que os elementos masculinos dançavam envergando uniformes militares, *Polka-Mazurka* trouxe-nos apontamento curioso, evocando o romantismo de meados de oitocentos.

De uma maneira geral, a primeira parte foi menos variada, mais standardizada nos seus «clichés» de exportação. A segunda decorreu já com outra mobilidade ambiental, num ritmo mais intensamente contrastante.

Mas o que ressaltou, antes de mais, nesta apresentação do «Mazowsze» foi a alegria de viver, a comunicabilidade irradiante dos artistas, frisando ora a truculência ora uma fundamental elegância de atitudes ou um lirismo nostálgico. Tudo isto transmitido por raparigas bonitas e graciosas e bailarinos que não deixaram de exibir a sua destreza e o seu vigor.

O grupo polaco levou ao rubro o entusiasmo do público quando entoou duas canções portuguesas muito popularizadas: *Tia Anica de Loulé* e *Padeirinha*, surpreendendo pela nitidez da dicção e a correcção da pronúncia. S. Carlos perdeu o seu ar solene, contagiado pela juventude e o dinamismo daqueles representantes de um povo cujo ânimo nem as mais cruéis vicissitudes conseguiram abafar.

NUNO BARREIROS

VIDA MUSICAL

Recital de música regional portuguesa

O Coro da Academia de Amadores de Música, organismo único que, sob a direcção do seu criador, Fernando Lopes Graça, vem realizando através do País inteiro, e há mais de vinte anos, uma autêntica cruzada de reabilitação de música regional portuguesa, apresentará, na quarta-feira, às 21 e 30, um recital dedicado aos sócios daquela Academia.

O programa, de repertório constantemente renovado, inclui cantos de Trás-os-Montes, Beira Alta, Beira Baixa, Douro Litoral e Alentejo, harmonizados, como sempre, por aquele insigne compositor.

Jantar campista na Cova da Piedade

Integrado nas comemorações do 8.º aniversário da sua secção de Campismo e Caravanismo, a Sociedade Filarmónica União Artística Pedense realiza hoje um jantar de confraternização campista para o qual foram convidados todos os desportistas dos clubes e secções congéneres. A reunião é no salão de festas da Sociedade Industrial Aliança (Caramujo).

TEATRO NO GINÁSIO DO ALTO DO PINA

Para a noite de hoje, dia 10, com início ás 21 e 45 h., está marcado mais um espectáculo da série de iniciativa municipal, dedicado aos moradores dos bairros populares e da periferia da cidade, a cargo do Teatro de Ensaio. A representação efectua-se no Ginásio do Alto do Pina, com as peças em um acto «Processo disciplinar», de Cunha Viana; «Os dois macacos», do dr. Julio Dantas e «Está lá?», de André Brun.

TEATRO LAURA ALVES

Tel. 864756 (ADULTOS)

HOJE, 2 SESSÕES 20.45 e 23 h.

A COMÉDIA DA GARGALHADA de Pierrete Bruno

Pepsie

tradução de R. Lobato Faria

com JACINTO RAMOS, IRENE CRUZ, JOÃO LOURENÇO, GRAÇA LOBO, LUÍS PINHÃO

cenário de João Vieira

Direcção de JACINTO RAMOS

Amanhã — à tarde, às 16 h.

SAUNA

INSTALAÇÕES DA PISCINA MUNICIPAL DOS OLIVAIS

AVENIDA DE BERLIM TEL. 31 46 30

Cabines individual e colectiva

HOMENS: todos os dias das 16 ás 20 h. (excepto domingos).

SENHORAS: 2.as, 3.as, 5.as e sábados, das 10 ás 14 h.

PISCINA

CASA DE COMÉDIA

(Janelas Verdes)

Ás 16 h. — seguido de colóquio Ás 22 h.

STRINBERG

DANÇA DA MORTE

(Trad. R. Alberty)

CARMEN DOLORES, AUGUSTO FIGUEIREDO E ÁLVARO BENAMOR

Direcção: Jorge Listopad

Cenário: António Botelho

Marcações pelo telefone 677299

Teatro Capitólio

Tel. 320879

HOJE, ÀS 16 H. (PREÇOS REDUZIDOS) E ÀS 21.45 HORAS

O original português de NUNO MONIZ PEREIRA

A ESFERA FACETADA

M/ 17 anos

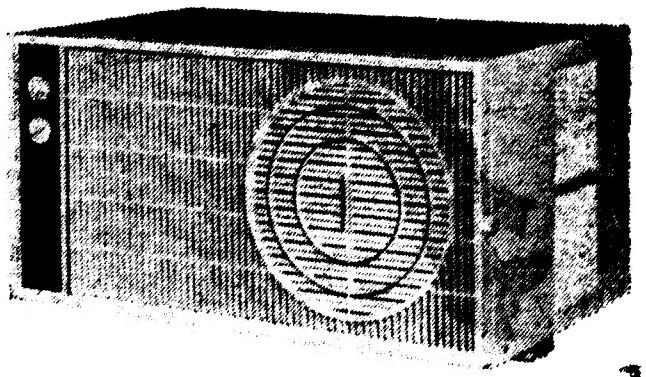
Amanhã, às 16 horas, Tarde especialmente dedicada a estudantes

FIEL AOS SEUS DESEJOS... ADMIRAL

...INSUPORTÁVEL O CALOR

...INSUPORTÁVEL O FRIO

Feche a janela e tenha em sua casa o conforto que deseja. No Verão ou no Inverno, ADMIRAL traz-lhe sempre o clima do seu bem-estar. ADMIRAL evacua o ar viciado, evita a humidade, o fumo e as poeiras. No lar ou no escritório com ADMIRAL estará sempre admiràvelmente.



ADMIRÁVEL — ADMIRAL

Distribuidores exclusivos para PORTUGAL:
LISBOA — RÁDIO INDÚSTRIAS, LDA.
Rua Pascoal de Melo, 127
PORTO — RÁDIO ATLÂNTICA
Rua de Santa Catarina, 615

Teresa Stich-Randall chega amanhã para cantar a ópera «Alcina» de Haendel

Proveniente de Viena, chega amanhã a Lisboa a grande cantora Teresa Stich-Randall que vem desempenhar o principal papel da ópera «Alcina» de Haendel, que será levada à cena no Teatro Nacional de S. Carlos, nos dias 18 (ás 16 e 30) e 19 (ás 21 e 30), no âmbito do XIII Festival Gulbenkian de Música.

De nacionalidade norte-americana, Teresa Stich-Randall começou a tornar-se notada no plano internacional quando Toscanini a chamou para participar na gravação do *Falstaff* de Verdi. Depois de ter obtido o primeiro prémio do Concurso Internacional de Genebra, abriram-se-lhe as portas dos melhores teatros de ópera do Mundo.

Actualmente, Stich-Randall é colaboradora habitual dos Festivais de Salzburgo, Viena e Aix-en-Provence, do Covent Garden de Londres, da Metropolitan Opera House de Nova Yorque, etc.

O público português terá ensejo de admirar esta extraordinária cantora na interpretação de algumas das mais belas páginas operáticas de Haendel, precisamente aquelas que se destinam á protagonista da «Alcina».

A cantora Teresa Stich-Randall

A «MAJA DE PORTUGAL» PARTIU HOJE PARA ESPANHA

Num avião da Ibéria (Linhas Aéreas de Espanha), a jovem Maria Emília Rodrigues Pinto partiu hoje para Espanha onde, como «Maja de Portugal - 1969», vai concorrer ao título de «Maja Internacional».

No aeroporto de Barajas, Maria Emília dará uma conferência de Imprensa, ainda hoje. Na próxima 2.ª feira, a «Maja de Portugal» viajará de Madrid para Jerez de la Frontera, onde será recebida pelo Conselho Regulador dos Vinhos de Jerez. Quinta-feira, Maria Emília Pinto desloca-se (também em avião da Ibéria) de Madrid a Saragoça onde, no dia seguinte, é recebida pelas autoridades e apresentada à Imprensa local. Prevê-se, para o próximo sábado, uma visita a Fuendetodos (lugar onde nasceu o famoso pintor Francisco de Goya Lucientes) das «Majas» representantes de vinte e dois países que se candidatam ao título internacional. E, no dia 18, durante um «show» de gala, é eleita a «Maja Internacional» por um júri formado por «experts» em concursos similares.

No júri, Portugal está pela primeira vez representado pelo nosso camarada Neves de Sousa, que acompanha Maria Emília Pinto nesta digressão por Espanha e para o «Diário de Lisboa» enviará completa reportagem do acontecimento.

À despedida, esteve no aeroporto da Portela o sr. D. António Besada, director da Ibéria (Linhas Aéreas de Espanha) que, acompanhado pela esposa, desejou boa viagem e uma boa classificação à representante de Portugal que, como se sabe, foi eleita através do nosso jornal.

Maria Emília Rodrigues Pinto é portadora de lembranças do presidente da Câmara Municipal de Lisboa, sr. general França Borges, para o «alcalde» de Saragoça. No desfile final, a «Maja de Portugal» vai envergar um rico trajo de lavradeira minhota pertencente a D. Maria Emília de Vasconcelos. Este trajo, único dentro do seu estilo, é de pedrarias com adornos de ouro velho.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Do Lisboa Ginásio Clube recebemos um cativante ofício de agradecimento pelo noticiário que publicámos relativo à suspensão e respectiva anulação do castigo aplicado àquele clube.

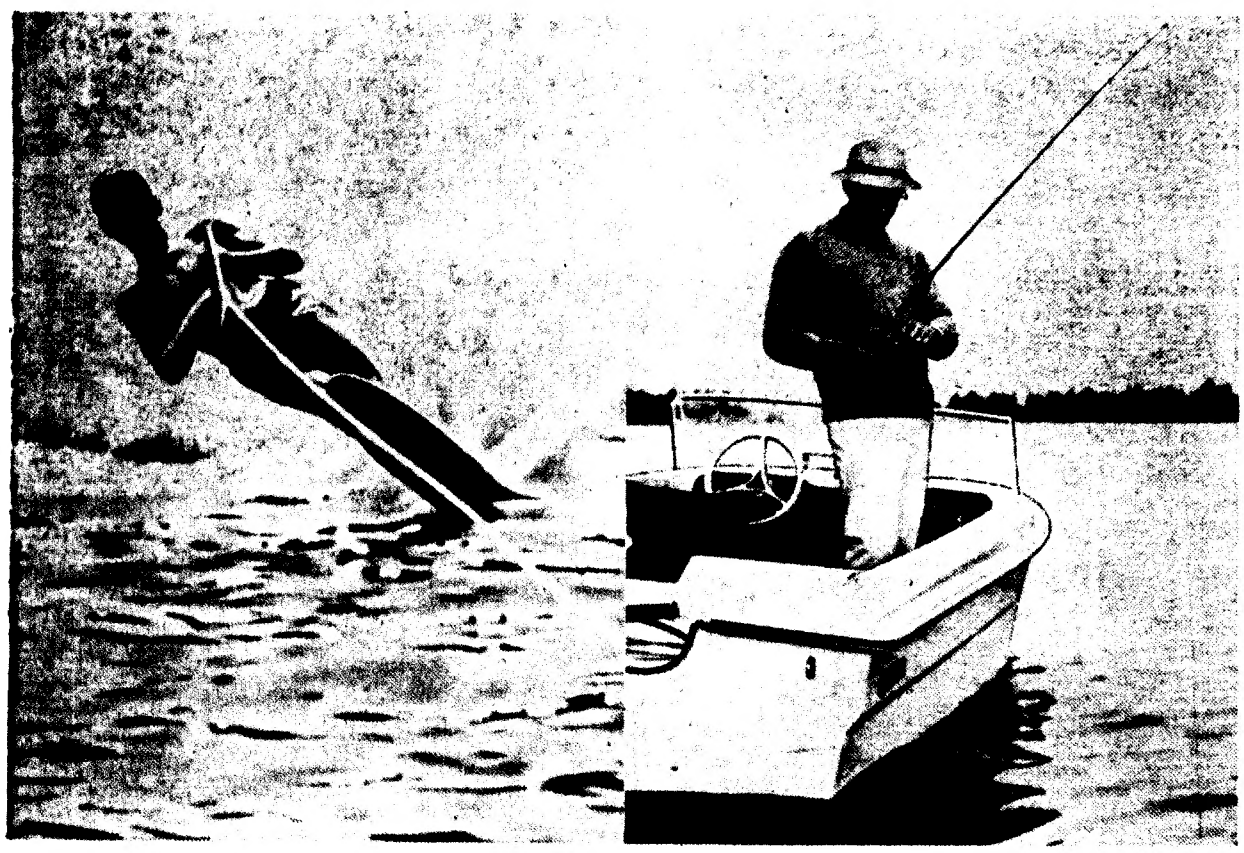
TEATRO DA TRINDADE
(F. N. A. T.)
HOJE, dia 10, às 21.30
4.ª Récita com a ópera
TRAVIATA
de Verdi
Pela Companhia Portuguesa de Ópera
Maiores de 12 anos
Dia 12 — 5.ª Récita de «Traviata», de Verdi

A lotaria de ontem

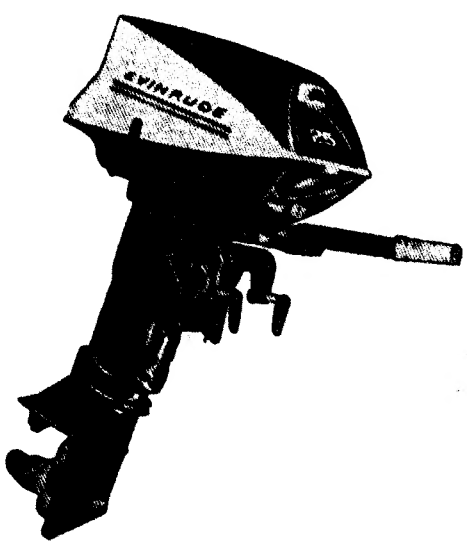
Realizou-se ontem o 17.º sorteio das lotarias ordinárias do ano em curso, com atribuição de 8733 prémios totalizando oito milhões e cem mil escudos. A extracção dos prémios fez-se pelo sistema de ordenação decimal, no qual foram utilizadas as seis grandes esferas metálicas. Numerosos conferentes, técnicos e pessoal auxiliar coadjuvaram nas operações, perante assistência numerosa. Ao n.º 5349 couberam os 4000 contos da sorte grande, sendo os n.os 42 817 e 21 330 contemplados com 400 e 200 contos correspondentes ao segundo e terceiro prémio. No final da extracção dos 35 prémios de mais elevadas quantias procedeu-se á determinação dos grupos de algarismos finais com direito a prémios de diversos valores.

Na próxima sexta-feira realiza-se mais uma lotaria de tipo popular.

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S A R L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA



30 milhas por hora... 1 milha por hora.
Esta a versatilidade
do novo EVINRUDE de 25 CV.



Com certeza desejava-o... Nós construimo-lo...
O novo 25 CV, projectado para uma vasta gama de preferências. Quando o seu desejo é deslocar-se à velocidade de um campeão, sentindo o vento fustigar-lhe alegremente o rosto, gozando todos os prazeres do esqui aquático...
Quando o seu desejo é manter-se à deriva, durante as longas horas de uma calma tarde de pesca... Sem dúvida exige: sossêgo, mas um rendimento de excepção...
Grande poder de manobra...
Arranque instantâneo...
E todas estas qualidades num motor compacto e de tamanho médio. A nossa resposta para os seus desejos é o EVINRUDE de 25 CV — o pequeno aristocrata dos motores fora-de-borda que lhe oferece tudo o que pretende. Visite-nos para conhecer todos os pormenores do novo EVINRUDE de 25 CV. E, evidentemente, o novo 25 CV beneficia também da famosa Garantia EVINRUDE e Serviço de Assistência após-venda.

Dirija-se ao Distribuidor Exclusivo
MENDES DE ALMEIDA, S.A.R.L.
Av. 24 de Julho, 52-A - Lisboa - Telef. 66 77 10

EVINRUDE
O poder da experiência

TAP
Transportes Aéreos Portugueses
Linha Portuguesa ao Serviço de Portugal
PRETENDE:
EMPREGADA DE ESCRITÓRIO QUE REUNA OS SEGUINTES REQUISITOS:
— Nacionalidade portuguesa;
— Idade inferior a 36 anos;
— 2.º ciclo liceal (1 secção pelo menos) ou equivalência oficial;
— Prática de secretariado;
— Conhecimento de arquivo, expediente e ficheiro médico (clínico, saúde pública e medicina de trabalho);
— Conhecimentos de língua inglesa e francesa que permitam traduzir e retroverter quaisquer documentos médicos;
— Conhecimentos elementares de manutenção de uma biblioteca e de um ficheiro bibliográfico;
— Esteno-dactilografia.
OFERECE:
— Remuneração compatível com as condições exigidas e responsabilidade inerente às funções;
— Benefícios sociais;
— Salários diferidos;
— Prestígio, estabilidade e progressão.
Só serão consideradas as candidaturas que correspondam inteiramente às exigências postas.
Inscrições no Serviço do Pessoal — Rua do Conde de Redondo, n.º 70, 1.º, em Lisboa.

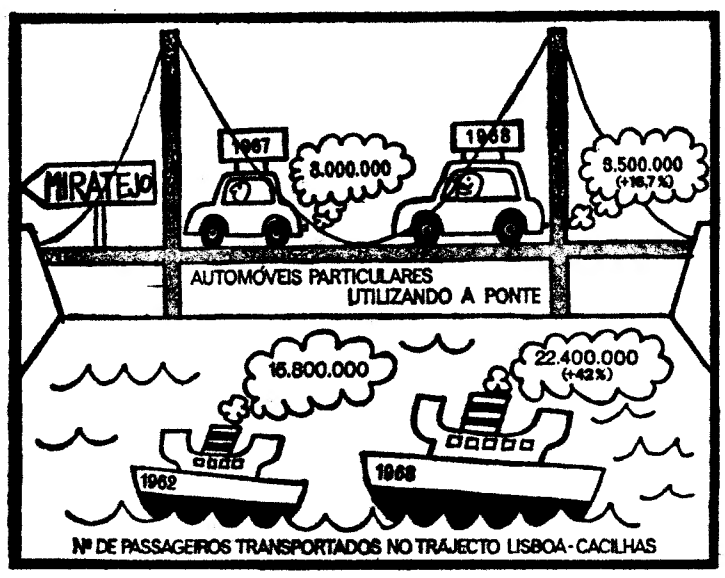
O QUE É A REALIMO?

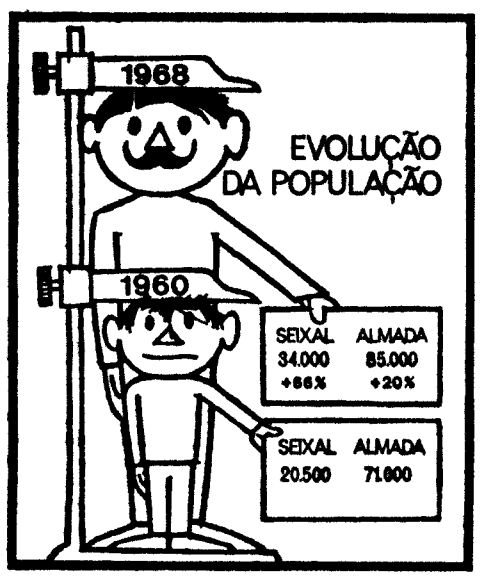
É uma Sociedade Portuguesa integrada num grande grupo financeiro internacional, e criada para a realização em Portugal, de importantes empreendimentos urbanísticos.

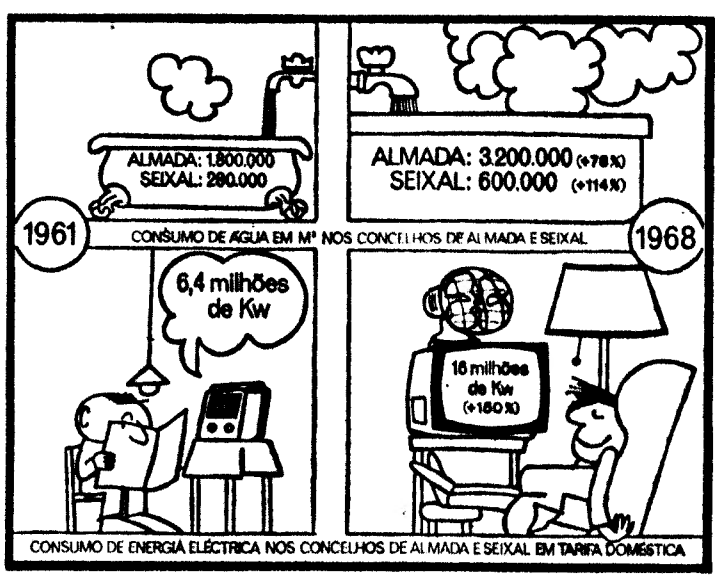
1ª Realização em curso:

MIRATEJO A CIDADE PANORAMA!

Localizada nos arredores, a 15 minutos de Lisboa, numa zona que beneficia das mais altas taxas de Expansão:







VALORIZE O SEU CAPITAL EM MIRATEJO...

Onde tem à sua disposição:

Diversos tipos de andares de 2 a 5 divisões

Apartamentos **mobilados a 154 contos, com garantia de rendimento IMEDIATO de 8% durante 12 anos**

Lotes de terreno, num belo pinhal, para construção de moradias

Servidos por:

Transportes eficientes e constantes
Centros Comerciais
Diversas Escolas
Parques Infantis e Jardins Públicos
Igreja, Cinema e Restaurante
Rede viária, esgotos, água, luz, gás e telefone.

Todo este empreendimento situado numa zona cuidadosa e tècnicamente escolhida para garantia da rápida valorização dos seus capitais.

UMA CONCESSÃO GERAL DE CRÉDITO ATÉ 20 ANOS

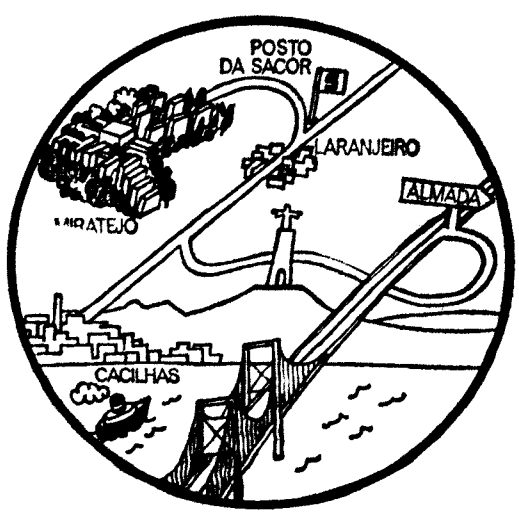
e, **evidentemente**, as habituais facilidades de crédito aos beneficiários das Caixas de Previdência

INFORMAÇÕES EM LISBOA NOS ESCRITÓRIOS DA
REALIMO, S.A.R.L.
Avenida Eng. Duarte Pacheco, 21 - 3.º B
Edifício Angola / Tel. 68 32 46 / Lisboa 1

ALVARÁ DE LICENÇA DE LOTEAMENTO N.º 13 DE 22/12/67

VISITE MIRATEJO

Onde encontrará:
Andares modelo, completamente mobilados e decorados, e uma exposição permanente do projecto em curso.
Todos os dias das 10,30 às 12,30 e das 14,30 às 19,30



QUATRO

VISITE MIRATEJO E VERÁ QUE A REALIMO REALIZA O SEU SONHO

ora diga-nos...

— Gosta de histórias aos quadradinhos?

As histórias aos quadradinhos, ou bandas desenhadas, ou comics, estão na ordem do dia. Estão na moda, em suma, e passaram aquela fronteira de intelectualidade que as torna já um entretenimento dilletante. O estilo comics já penetrou mesmo na sétima arte, impondo figurinos, personagens, uma linguagem .. Lembram-se de «Uma aventura a quatro» («Jeu de massacre») de Alain Jessua?

● *Sérgio Joaquim Vassalo Calado, jovem empregado de escritório, disse-nos que:*

— ... De algumas, sim
— Como, por exemplo?

— De histórias policiais.

— Compra com frequência revistas da especialidade?

— Compro, mas mais devido às fotografias de artistas. Olho, gosto dos Bee Gees, dos Beatles, da Sandy Shaw... A última que adquiri? Foi uma chamada «Texas Jack», também por causa dos artistas...

● *O segundo interrogado, o sr. José Gabriel Pereira, continuo de uma companhia de seguros, mostrou dificuldade em compreender do que se tratava:*

— Palavras cruzadas? Não, não faço...
— Não, não é isso, é... *(e explicámos melhor, com exemplos).*
— Ah, já sei! Gosto, mas leio pouco, pois não tenho tempo Estou sempre muito ocupado, porque de dia trabalho, de noite estudo (no ensino secundário industrial).
— Mas não lê nada além de estudar?
— Bom, leio jornais desportivos.

● *O sr. António Garcia Ribeiro, tipógrafo compositor, encerrou o inquérito. Assim:*

— Gosto. Não, não compro revistas do género — só leio as dos outros É cá um hábito...
— Não compra, pois, nada que se leia?
— Compro jornais desportivos
— Quanto tempo é, em média por dia?
— Aí uma hora, no comboio É o tempo que demora a viagem de caminho-de-ferro de Lisboa-Sintra, onde moro. Só de tarde, no regresso a casa, é que leio os jornais que levo. De manhã, quando venho, não leio nada.

Hoje, último dia da verificação dos cadernos eleitorais, registou-se assinalável afluência, para esse efeito, nos bairros administrativos de Lisboa

Termina no dia 15 o prazo para reclamar pela não inscrição nos cadernos eleitorais

Hoje foi o último dia para a verificação dos cadernos eleitorais — por esse motivo se tem registado assinalável afluência nas administrações de bairros de Lisboa e Porto, e nas secretarias das Camaras Municipais dos restantes concelhos. O prazo para as reclamações termina na próxima quinta-feira, dia 15.

As reclamações instruídas com certidão de não inscrição, são primeiro dirigidas ou ao governador civil (em Lisboa e no Porto) ou aos presidentes da Camaras Municipais, que dentro de cinco dias têm de dar, ou não satisfação á reclamação. Em caso negativo dentro também do prazo de cinco dias o cidadão deve reclamar para o auditor administrativo de Lisboa ou Porto, conforme o seu concelho pertença a uma ou a outro, do que se deverão informar junto da própria Camara Municipal. As reclamações são feitas em papel de 25 linhas.

A situação em Braga

Na maioria dos concelhos do distrito de Braga (Famalicão, Guimarães, Vieira do Minho, Póvoa de Lanhoso, etc.) foi permitida a consulta e cópia dos cadernos eleitorais Porém, quando um grupo de cidadãos se preparava para fazer o mesmo em Vila Verde, impediram-nos de tal Em face disso esse grupo de cidadãos comunicou o facto para o ministro do Interior tendo recebido resposta telegráfica — dirigida ao primeiro signatário, sr. dr. Humberto Soeiro—em que se afirmava terem sido dadas ordens urgentes no sentido de permitir a consulta dos cadernos.

Em Leiria o sr. dr. José Henrique Vareda enviou uma reclamação ao governador civil do distrito na qual, além do mais, (e dado que os cadernos eleitorais não estiveram patentes ao público como ordena o artigo 18 da Lei 2015, não sendo permitido fazer a sua cópia) solicita que o signatário e outros eleitores possam copiar os cadernos num prazo de dez dias a fixar pelo chefe do distrito em substituição do prazo legal em que eles não estiveram patentes.

TAP

Transportes Aéreos Portugueses

PRETENDE:

MECÂNICOS E ELECTRICISTAS DE INSTRUMENTOS

Que reunam os seguintes requisitos:
— Prática de relojoaria e/ ou conhecimentos de electricidade
— Serviço militar cumprido ou dele isento
— Idade inferior a 36 anos
— Nacionalidade portuguesa

OFERECE:

— Vencimento compativel com as condições exigidas e responsabilidade inerente às funções
— Benefícios sociais
— Salários diferidos

Só serão consideradas as candidaturas que respondam às exigências postas.

Inscrições no Serviço do Pessoal:
Rua do Conde de Redondo, n.º 79-1.º — LISBOA

A LOTARIA DE ONTEM

NUMEROS PREMIADOS

5349 — 4 000 000$
42817 — 400 000$
21330 — 200 000$

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

5348 — 15 875$
5350 — 15 875$

PRÉMIOS DE 10 000$00

115	1303	9294	9424	10495
12688	14795	15323	17246	20533
27900	28616	31648	31842	34565
34857	37840	39135	40179	41273
41697	43921	44294	44348	44524
45449	45946	46140	55257	56768
56886	57152			

PRÉMIOS DE CENTENAS — 500$00

5301 a 5400; 21301 a 21400 e 42801 a 42900

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

São premiados com 1 250$00, em cada bilhete, os numeros terminados em 449 e 499; com 1 000$00, os terminados em 001, 137, 254, 462, 481, 604, 672 e 977. Com 500$00, os terminados em 11, 51 e 85. Todos os restantes numeros cujo ultimo algarismo (terminação), seja 9, têm direito a 250$00 de prémio, também em cada bilhete.

Todavia esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

☆

Os 4.000 contos da «Sorte Grande» foram distribuidos aos balcões da Casa da Sorte.

NOVAMENTE

UM PRÊMIO GRANDE
42817 — 400 CONTOS

VENDIDO PELO

CAMPIÃO

Rua do Amparo, 2-C — Lisboa 2

A MAIS ANTIGA CASA DE LOTARIAS DO MUNDO

À VENDA A TALUDA DA

LOTARIA DO SANTO ANTÓNIO
15.000 CONTOS!

BILHETES — 500$00 DÉCIMOS — 50$00
(pelo Correio mais 2$50 para registo)

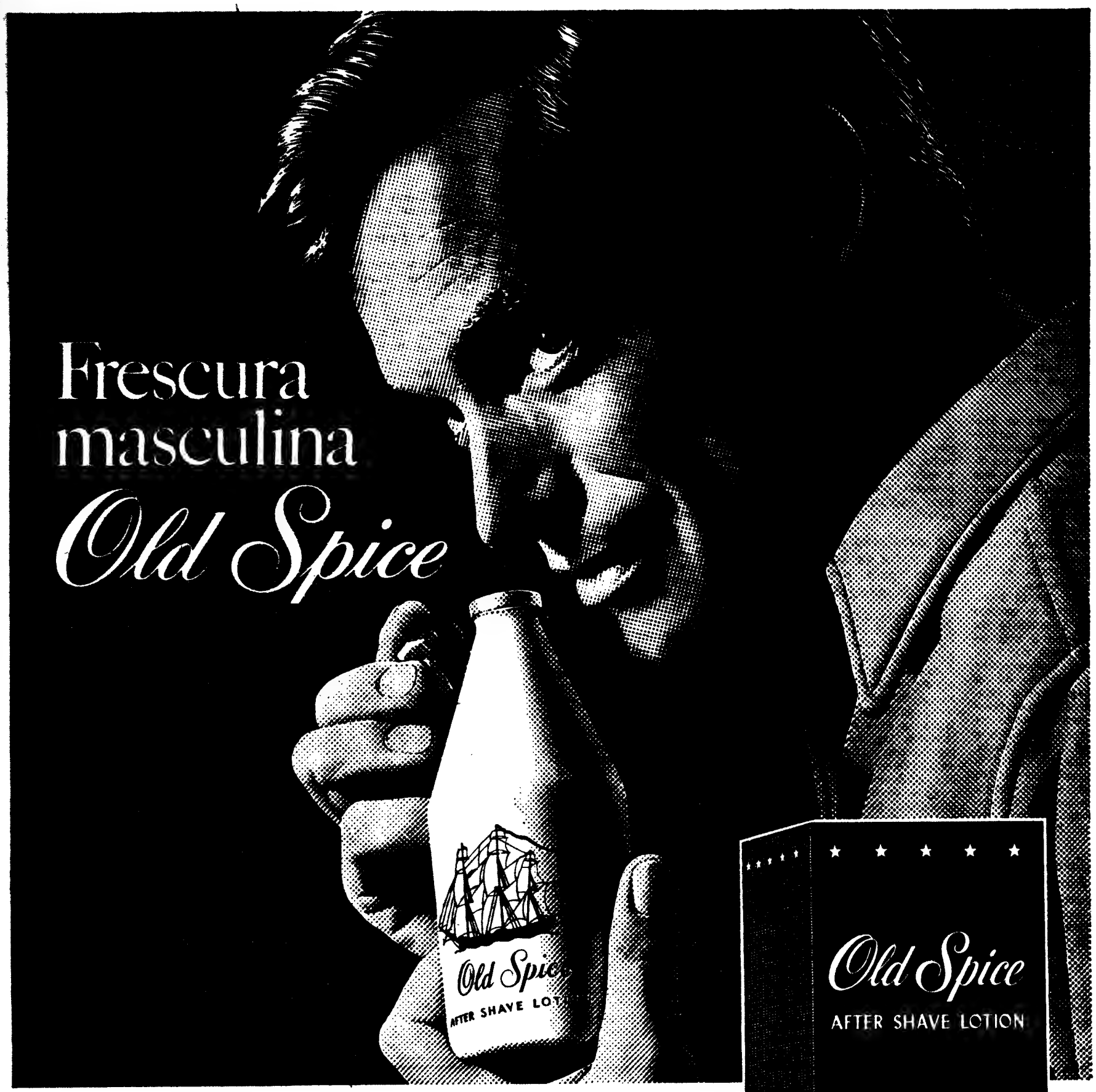
VENHA... ou ESCREVA!

A SORTE GRANDE
foi vendida aos balcões da
CASA DA SORTE
Veja o anúncio na página central

Dr. Júlio Manuel Porto de Vilhena

FALECEU

OS CORPOS GERENTES DA COMPANHIA DOS DIAMANTES DE ANGOLA cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu saudoso Colega Ex.mo Sr. Dr. Júlio Manuel Porto de Vilhena, cujo funeral se realiza amanhã, 11 do corrente, pelas 12 horas, para o cemitério dos Prazeres, saindo da igreja de Santa Isabel, onde se celebra, às 11 horas, missa de corpo presente.



Ontem um luxo...

...hoje a indispensável necessidade
do homem moderno,
que toda a mulher aprecia.

Old Spice

OLD SPICE REGULAR • OLD SPICE LIME • OLD SPICE BURLEY

O CHEFE DO ESTADO EM LAGOS

Gil Eanes foi pretexto para falar do porto local

LAGOS, 10 — Uma estátua do navegador lacobrigense Gil Eanes e uma unidade hoteleira para turistas de médios recursos foram inauguradas nesta cidade pelo almirante Américo Thomaz, que aqui se deslocou hoje acompanhado por três membros do Governo. O Chefe do Estado percorreu também, entre as duas cerimónias inaugurais, o novo Palácio da Justiça (já em pleno funcionamento).

Saído pouco antes do Hotel da Penina, onde pernoitara, o almirante Américo Thomaz foi aguardado no limite do concelho, cerca das 11 horas, pelas principais entidades locais. Vinham com ele, além de sua esposa e de um elemento da Casa Militar, os ministros da Justiça e Obras Publicas e o secretário de Estado de Informação e Turismo.

Pouco depois das 11 e 30, seguido por extenso cortejo automóvel, o Presidente da Republica chegou a esta cidade e foi saudado por muitos habitantes concentrados ao longo do precurso Já na praça onde se ergue a estátua, uma força militar prestou ao ilustre visitante as honras do estilo, após o que desfilou em continência Procedeu-se depois á inauguração da estátua de Gil Eanes, a que se seguiu uma breve sessão solene, pretexto para algumas afirmações de interesse histórico ou económico.

Palavras do dr. Alberto Iria

Falou, depois, o sr dr Alberto Iria, director do Instituto Histórico Ultramarino, que depois de saudar o Chefe do Estado, fez uma pequena resenha histórica da estátua de Gil Eanes, *«antigo desejo dos Lacobrigenses de exigirem em Lagos o monumento ao seu ilustre conterraneo»*.

A seguir, o director do Instituto Histórico Ultramarino fez uma resenha da figura e obra de Gil Eanes, citando a «Crónica dos Feitos da Guiné», de Zurara e o «Esmeraldo de Situ Orbis», de Duarte Pacheco Pereira, além de outros autores, incluindo alguns modernos

Por outro lado, salientou a importancia do Algarve, nomeadamente Sagres e Lagos, na economia dos Descobrimentos portugueses e afirmou que «O Bojador foi graças a Gil Eanes, uma das mais belas vitórias da moderna História Naval» A terminar, leu um soneto do poeta algarvio Candido Guerreiro, intitulado «Gil Eanes» e cuja inscrição propôs no pedestal «da bela e expressiva estátua hoje inaugurada»

A conclusão das obras do porto de Lagos pedido pelo presidente do Municipio local

No inicio do seu discurso o presidente da Camara Municipal de Lagos saudou o Presidente da Republica, os membros do Governo e demais personalidades presentes e sublinhou que nesta terra da beira-mar teve outrora os seus navegadores e também os desconhecidos pescadores. *«Os primeiros desapareceram com a época das descobertas, mas os segundos — os incansáveis e humildes pescadores, mantêm-se firmes no desempenho da sua actividade».*

Referindo-se, então, ao porto da cidade, «esse grande sonho de todos nós que foi iniciado mas não está concluido» afirmou, dirigindo-se ao ministro das Obras Publicas:

— O nosso porto, velha aspiração de todos os habitantes deste concelho, precisa ser completado com a execução dos trabalhos da 3.ª fase

Presentemente, prosseguem os trabalhos de quebramento, de rochas no canal, a que se seguirá a dragagem.

Segundo os técnicos e os homens do mar que, diàriamente, sulcam as águas da nossa costa em busca do peixe tão necessário ao consumo das populações e á industria de conservas, deveriam os trabalhos em curso ser prolongados até á entrada da «futura doca de pesca» a contribuir na 3.ª fase, por nós todos tão desejada e ambicionada. Que o trabalho a que me refiro seja mandado efectuar em prosseguimento imediato dos que estão, presentemente, em execução, são os desejos de todos os habitantes deste concelho.

Pediu ainda ao eng.º Rui Sanches que, assinalando a visita do Chefe do Estado, fosse concedida ao Municipio uma verba *«que permitisse iniciar com brevidade a construção de algumas casas em terrenos camarários destinados á implantação de um bairro para famílias pobres»*

«O nome mágico do Algarve»

Terminado o primeiro acto inaugural do dia, o almirante Américo Thomaz, acompanhado por todas as individualidades presentes, dirigiu-se para o edifício do Palácio da Justiça, cujas instalações percorreu demoradamente. Uma placa comemorativa, descerrada na ocasião, fica a assinalar esta visita do Chefe do Estado

Seguidamente, cerca das 14 horas, o Presidente da República e sua comitiva voltaram a tomar lugar nos automoveis encaminhando-se para a nova unidade turística da cidade: o Hotel S. Cristovão Estava a recebê-los o proprietário, sr Hermano Nascimento Baptista.

A inauguração do hotel, a que se seguiu um almoço em honra do almirante Américo Thomaz, deu azo a um breve discurso de boas-vindas do sr Hermano Baptista.

— Os meus catorze anos de hoteleiro — disse este senhor — *atingiram hoje o seu ponto culminante com a honra que para mim representa a generosa presença de Vossa Excelência, Senhor Presidente da Republica. Pode a vida trazer-me outros momentos de felicidade, mas nenhum será como este em que tenho o grato prazer — que para mim é dever — de receber Vossa Excelência.*

Foi para servir Lagos, o Algarve e o País, prosseguiu o sr. Hermano Baptista, que se ergueu este hotel, sucessor duma estalagem com o mesmo nome inaugurada há catorze anos. E o proprietário do empreendimento sublinhou a propósito:

— Orgulho-me de ter sido o primeiro que levei além-fronteiras o nome mágico do Algarve, como ponto de atracção para os visitantes estrangeiros.

Quanto ás caracteristicas *sui generis* do hotel, disse o sr Hermano Baptista que ele nada tem que ver com um estabelecimento de luxo, «antieconómico e sumptuoso» E', sim, «um hotel dedicado á chamada classe média, ao cidadão vulgar, áquele que amealha durante o ano para poder gozar as férias merecidas».

Falando de improviso, o almirante Américo Thomaz respondeu ao hoteleiro com palavras de apreço pela obra realizada, símbolo dum Algarve que se estende também ao turismo interno preconizado pelas entidades competentes.

A meio da tarde, novamente saudado por muitos habitantes, o Chefe do Estado retirou-se para a Penina.

O 40.º aniversário da Fiat Portuguesa

A Fiat Portuguesa entrou hoje ao quadragésimo ano da sua existência.

Comemorando uma data que classifica a empresa como das mais antigas representantes de automóveis no nosso País de entre aquelas cuja actividade se mantem, realizou-se hoje, num hotel em Sintra, um almoço a que estiveram presentes numerosos convidados, entre os quais o embaixador de Itália e muitas individualidades ligadas ao comércio e á industria automóvel. Foram recebidos pelos dirigentes da firma, dr. G. Candelo, director, e srs. Strazzeri e Chirichin.

Relevação de faltas aos estudantes de Coimbra

COIMBRA, 10 — Em todas as Faculdades da Universidade foi afixado o seguinte aviso:

«Os alunos que excederam o limite legal de faltas ás aulas, no período de 23 de Abril a 5 de Maio corrente, podem pedir a sua relevação em requerimento devidamente fundamentado, dirigido ao reitor da Universidade.

«Os requerimentos deverão ser entregues nas secretarias das Faculdades.»

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

MAIS UMA SORTE GRANDE
vendida ontem ao balcões da
CASA DA SORTE
5349—1.º PRÉMIO
4000 CONTOS
Para os
15 MILHÕES
DO SANTO ANTÓNIO
Bilhetes a 500$00
Décimos a 50$00
Desde já, à venda na
CASA DA SORTE
A CASA QUE FAZ MULTIMILIONÁRIOS

O CAMPO EM LISBOA — Em pleno Jardim Zoológico, ao lado do «Palácio dos Chimpanzés», pode ver-se todas as manhãs esta cena campestre que muitos meninos — e até adultos! — desconhecem na cidade de cimento armado: um vitelo guloso a beber o leite de mãe alheia por uma garrafa de ocasião

Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas

O JÚRI ESCOLHEU AS JOVENS FINALISTAS

O júri do concurso para eleição da Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas, acaba de escolher, de entre mais de centena e meia de concorrentes, as dez candidatas consideradas finalistas e, simultâneamente, as quatro que (em caso de qualquer imponderável) serão chamadas a participar na jornada decisiva.

As dez finalistas devem comparecer na «Bayer Portugal» (Rua Sociedade Farmacêutica, 3-C, em Lisboa) para receberem cortes de «Dralon Imprimé» (e mais 500 escudos para o respectivo feitio). além de um vestido já confeccionado na famosa firma de renome mundial. Recordemos ainda que a «Bayer» quis prolongar a sua valiosa presença no certame para eleição da Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas e resolveu conceder o «Prémio Elegância» à jovem que melhor aproveitar o tecido oferecido, conferindo-lhe um corte moderno, alegre e bem juvenil.

Outros excelentes prémios aguardam as jovens mais bem classificadas neste concurso organizado pelo nosso jornal Assim, a «Loja das Meias» oferece à titular um harmónico conjunto, de muita utilidade. Referimo-nos a roupão de banho, saco de praia e fato de banho. Para as duas «teen-agers» que precederem a Princesa, a «Loja das Meias» reserva bonitas toucas de banho.

Por seu lado, a distribuidora em Portugal das afamadas cintas e «soutiens» da «Formfit» (Indústria Nacional de Confecções Elásticas, Rua Garrett, 36, 3.º, direito, em Lisboa) também oferece produtos da sua representada a todas as finalistas do concurso para eleição da Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas.

É escusado lembrar que a representante do nosso país ao «International Teen-Princess», que se realiza em Chicago nos primeiros dias de Junho, desloca-se ao outro lado do Atlântico num magnífico avião dos Transportes Aéreos Portugueses numa viagem inolvidável em que terá sempre a seu lado a presença do acompanhante que escolher.

No próximo dia 19, num hotel de Lisboa, o júri reúne-se com as finalistas para aquilatar dos conhecimentos intelectuais e sociais das «teen-agers» que se habilitam ao sensacional passeio aos Estados Unidos da América do Norte. E, no dia seguinte, no decorrer de um «cocktail», será proclamada a Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas.

AS DEZ FINALISTAS

As finalistas escolhidas pelo júri são as seguintes:

- *Ana Maria da Gama Rose (Lisboa).*
- *Maria Helena Pinto Lacerda (Lisboa).*
- *Ana Maria Lourenço Marques (Lisboa)*
- *Elza Maria Cabral de Almeida Gomes (Carcavelos).*
- *Maria Fernanda de Carvalho (Lisboa).*
- *Helena Isabel Correia Ribeiro (Lisboa).*
- *Maria Helena de Herédia (Carcavelos).*
- *Olga Ferreira de Pinho Morgado (Lisboa).*
- *Maria Manuela Feu Mascarenhas Leote (Portimão).*
- *Fernanda Dias da Silva Guardão (Porto).*

As quatro suplentes:

- *Maria Helena da Rocha Rafael (Lisboa).*
- *Maria da Conceição Castelo Vitorino (Lisboa).*
- *Ana Maria do Valle Brak-Lamy (Lisboa).*
- *Maria da Assunção de Jesus Landolt (Lisboa).*

BRILHANTES
De qualquer tamanho e preços compramos: Pagamos muito bem
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

● MARIA VITÓRIA ●
HOJE ÀS 20,45 E ÀS 23 HORAS
● A SENSACIONAL REVISTA
ADULTOS

JOSÉ VIANA no «Mouro»
•MÃOS À OBRA!•
O TRIUNFO de UM GRANDE ELENCO, com
SALVADOR ● VIANA
MARIEMA
MAX ● ANITA ● DORA ● VITOR MENDES ● HELENA CARDINALI ● MARIANO FRANCO ● VITOR ESPADINHA e a atracção MAY AVRIL com ALBERTO GRAZIANO
● UM ENORME EXITO!!!
● Amanhã, «Matinée», ás 16 horas
● Um espectáculo que é um êxito de gargalhada!

«NO DISTRITO DE AVEIRO HÁ LUGAR PARA TODOS»

—DISSE O GOVERNADOR CIVIL NA POSSE DA COMISSÃO DISTRITAL DA U. N.

AVEIRO, 10 — Sob a presidência do sr. conselheiro Albino dos Reis, efectuou-se esta tarde, no maior teatro local, o acto de posse da nova comissão distrital da U. N., presidida pelo sr. dr. Manuel Homem Ferreira, advogado em Albergaria e antigo deputado, e de que fazem parte os srs. eng.º José Gamelas Junior, de Aveiro; industrial Alvaro Rola; dr. Augusto Nuno Condesso; dr. Fernando Barbedo; dr. Joaquim Brandão; e dr. José Manuel Cardoso da Costa.

Assistiu, em representação da comissão executiva da U. N. o sr. dr. Domingos Braga da Cruz.

O sr. dr. Vale Guimarães, chefe do distrito, usou da palavra em primeiro lugar, começando por dizer:

«A posse de uma comissão distrital da União Nacional é acto do maior relevo e projecção dado o papel que incumbe ao patriótico organismo. Entendeu, por isso, o governador civil que a cerimónia de hoje devia realizar-se perante vasta representação das forças políticas que apoiam o regime, na cidade e no distrito. Esse seu propósito encontrou, por toda a parte, acolhimento tão entusiástico que o próprio governador civil, apesar de bem conhecer os sentimentos das gentes aveirenses, se surpreendeu »

«Presentes a direita, o centro e a esquerda do regime»

Mais adiante, depois de considerar aquele acto «uma grande jornada política, a maior no género», acrescentou:

«E se tivermos em atenção a feliz e bem significativa circunstância de estarem presentes homens e mulheres que, embora integrados no Regime, se situam na classificação tradicional, á sua direita, ao centro e á esquerda — numa afirmação de unidade que tem de ser enaltecida — e também de elevado número de republicanos democratas — homens que rejeitam qualquer ligação com o socialismo esquerdista ou progressismo mais ou menos comunizante e para quem o regime, nesta fase de renovação na continuidade, fez despertar simpatia, em muitos casos já apoio e noutros casos até já colaboração — podemos dizer estarem aqui hoje reunidas as cortes políticas distritais, a representarem, com autenticidade, a esmagadora maioria dos 140 000 eleitores, inscritos no recenseamento — número este que será, talvez e proporcionalmente, o mais elevado do País.»

O dr. Vale Guimarães incitou os presentes a reunirem-se á volta dos dois responsáveis pelos destinos do regime: o almirante Américo Thomaz e o prof. Marcello Caetano. E acrescentou:

«Sob a chefia de ambos, continuando e renovando a chefia de outro grande que foi Salazar, os portugueses têm a certeza de que se promoverá a prosperidade geral da Nação e a melhoria do bem-estar do povo. Como têm a certeza de que a vela da liberdade irá sendo desfraldada na medida em que a vela da autoridade se mantenha firmemente empunhada — como o está — pois no dia em que esta fosse, mesmo só parcialmente, recolhida, a nau, em que simbolizei a Pátria, perderia a estabilidade que é garantia de boa navegação.»

Já a terminar disse que no distrito de Aveiro «há lugar para todos». «Todos aqui têm força. Só há que saber quem tem mais força». «Importa só demonstrar que o aveirismo dos aveirenses está integrado na letra e no espírito dos princípios constitucionais» E lembrou o seu discurso de posse, em que afirmara ir «desenvolver a formação de uma frente imbatível».

«Ela aí está, constituída por todos vós» — disse ainda.

Um estabelecimento moderno e atraente («Laura Boutique») foi hoje inaugurado

Abriu esta tarde ao público, na Rua José Falcão, 68-A, um novo e aliciante estabelecimento, «Laura Boutique», que apresenta a «nova linha» de sapatos e modas dos melhores modelistas franceses e italianos. Com sugestiva decoração e ambiente acolhedor e agradável, o novo estabelecimento constitui a materialização de uma feliz ideia, não lhe faltando elegância e conforto. A competente direcção de «Laura Boutique» não se poupou a esforços para colocar o moderno estabelecimento a par dos melhores no seu género. Por isso, a atraente «boutique» marcará, certamente, pelo bom gosto, pela perfeição e pela originalidade dos seus graciosos e confortáveis modelos de calçado; e ainda vestidos, malhas, bijutarias, etc.

«Laura Boutique» impõe-se, também, não só pelos seus preços, acessíveis, mas pela profusão e boa qualidade dos seus artigos.

Exposição campista nas Mercês

A União Recreativa das Mercês promove, hoje e amanhã, na sua sede, uma exposição de material de campismo.

NOVO AUMENTO DO CAPITAL SOCIAL DO BANCO DO ALENTEJO

Recentemente, no relatório e contas relativos ao exercício de 1968, o conselho de administração do Banco do Alentejo afirmava o sinal de renovamento e expansão como caracterizador do período que vive o Banco.

A propósito desse documento, vieram a publico justas considerações sobre a actividade da instituição e, a servir de prova para o renovamento e expansão expressos, mais uma vez se tem a oportunidade de referir o Banco do Alentejo.

Desta feita, é o aumento de capital. No entanto, de novo nos podemos reportar ao relatório e contas, em que esse aumento se anunciava, tão só aguardando despacho ministerial. Assim, o Banco do Alentejo vai efectuar a sua 7.ª emissão de acções, subindo o capital social de 50 130 contos para 75 000 contos.

O aumento é possível no quadro dos novos Estatutos, aprovados no ano transacto. instrumento jurídico que possibilitará elevar o capital até 150 mil contos, traduzindo a dinamização e o progresso do Banco do Alentejo.

A autorização governamental, por despacho do Secretário de Estado do Tesouro, foi inserida no «Diário do Governo» — III Série — N.º 103 de 1 de Maio de 1969. A emissão será de 165 800 acções com o valor nominal de 150$00.

A subscrição das acções emitidas é reservada aos actuais accionistas, na proporção de uma acção nova por cada duas possuídas. O preço de subscrição é de 205$00 por acção, pagável integralmente no acto da subscrição.

Num contexto em que a valorização rural, a procura de correcção de uma macrocefalia sócio-económica, são temas obrigatórios e actuações urgente, não se pode deixar de salientar a expansão de uma instituição com as características do Banco do Alentejo, cuja sede social se localiza na cidade de Évora.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

O belo enquadramento de Santo António dos Cavaleiros causou o maior agrado aos técnicos dinamarqueses que o visitaram

Visita de 84 técnicos dinamarqueses à fábrica da Icesa e a Santo António dos Cavaleiros

Vindos da Dinamarca, estiveram em Portugal oitenta e quatro engenheiros, arquitectos, construtores e encarregados de obras que aproveitaram a Primavera para uma viagem de informação e estudo destinado ao estabelecimento de contactos com actividades industriais portuguesas, principalmente no campo da construção. Interessava-os sobretudo — segundo nos explicaram — conhecer os métodos e os materiais empregues no nosso país e avaliar as possibilidades técnicas e económicas da sua utilização na Dinamarca.

Uma das rubricas do seu programa indicava visitas à fábrica da Icesa (Indústrias de Construção e Empreendimentos, S. A. R. L.) e a Santo António dos Cavaleiros, visitas que constituem o complemento uma da outra, porquanto, na fábrica, se produzem os elementos utilizados, depois, nas edificações daquele empreendimento.

Foi, aliás, o que se explicou aos técnicos dinamarqueses, reunidos no refeitório dos serviços sociais da empresa com os dirigentes srs. eng.º Jardine Netto, director técnico; arq.º Ruy Marchante, director comercial; arq.º Reaes Pinto, chefe dos Serviços de Estudos e Projectos; eng.º Ferreira de Almeida, chefe dos Serviços de Produção; e eng.º Jardim Fernandes.

Usando da palavra, em nome da administração, o sr. arq.º Ruy Marchante transmitiu saudações aos presentes e. em seguida, deu-lhes a conhecer que a Icesa foi introdutora, em Portugal, de um processo de construção industrializada, em que se aplicam elementos pesados, pré-fabricados exclusivamente na fábrica da Póvoa, com materiais (tijolo e cimento) de origem nacional. Acrescentou que esses materiais proporcionam consideráveis vantagens, na medida em que são de fácil transporte e permitem obter o menor peso possível por superfície.

Para um auditório vivamente interessado, que formulou perguntas e pediu explicações, o sr. arq.º Ruy Marchante disse ainda que, na fábrica e em Santo António dos Cavaleiros, trabalham 1200 homens, e que a capacidade de produção e montagem ascende, presentemente, por dia a três apartamentos com quatro divisões assoalhadas cada um, num total de 90 metros quadrados, podendo ser aumentada quando necessário.

Após o «briefing», os técnicos dinamarqueses, fragmentados em grupos, percorreram minuciosamente as instalações, guiados pelos dirigentes da Icesa que lhes prestaram todos os esclarecimentos, quer sobre os materiais, quer a respeito dos métodos de produção. Os técnicos dinamarqueses exprimiram, inequivocamente, o seu interesse por tudo quanto observaram, e a excelente impressão colhida e confessada foi, pouco depois, corroborada em Santo António dos Cavaleiros.

A volta ao empreendimento começou no Centro Comercial onde, aos dirigentes da Icesa, se juntou o sr. Sérgio Madeira, chefe do Departamento de Vendas. Os visitantes, logo de início encantados pela paisagem, pelos relvados, pelo supermercado e outros estabelecimentos, modernos e funcionais, percorreram, em seguida, alguns fogos, já concluídos, e detiveram-se, com agrado, junto dos mínimos pormenores de acabamento, como os estores e até os gonzos das portas e das janelas. Por último, os técnicos dinamarqueses foram conduzidos através de arruamentos e ajardinamentos, ao ponto mais alto de Santo António dos Cavaleiros, a uma área onde alguns edifícios estão a ser levantados. Aí puderam observar, sem limitações de tempo, a construção desde os alicerces ao ajustamento das peças pré-fabricadas na Póvoa de Santa Iria.

À partida, agradecendo tudo quanto haviam visto e aprendido, exprimiram a sua convicção na solidez das obras e na perfeição dos seus acabamentos

Actualidade internacional

FIM DO GAULLISMO OU FIM DE UM GAULLISMO?

Ao desaprovarem de Gaulle desaprovaram os franceses o essencial das instituições da V República?

Os motivos que explicam a vitória do «não» dão um primeiro elemento de resposta a esta pergunta. O processo referendário em si não parece estar em causa: por ocasião do referendo de Outubro de 1962, 45 por cento dos franceses, segundo a I. F. O. P., eram favoráveis ao sistema de consulta referendária, eram-lhe hostis 32 por cento; em Abril de 1969 os números são quase idênticos, 45 por cento a favor, 35 por cento contra. O objectivo directo do referendo, em contrapartida, pesou na balança dos resultados: em 1962, antes do início da campanha propriamente dita, a maioria dos franceses pronunciou-se pela eleição do presidente da República por sufrágio universal directo, e o «sim», vinte dias antes do escrutínio, era de 67 por cento contra 33 por cento de «não»; em 1969, descortina-se uma maioria de facto pela reforma regional, mas a reforma do Senado, pela sondagem da S. O. F. R. E. S. de 14 a 18 de Março, é repelida por um terço dos franceses, apoiada por pouco mais de um quarto, e mergulha na indecisão 41 por cento do eleitorado, de tal modo que os «sim», ainda vinte dias antes do escrutínio, só aparecem em 52 por cento contra 48 por cento (I. F. O. P.). A margem de segurança é muito frágil. Pela segunda vez desde a guerra, a expensas da esquerda em Maio de 1946, a expensas do gaullismo agora, a colocação em causa da existência da segunda Assembleia é repelida pela maioria dos franceses. Querem de facto que o seu papel seja diminuído, mas pretendem conservá-la como uma espécie de guardião contra o poder da Assembleia Nacional. A tradição política francesa fortalecida com uma história amiúde dramática em excesso, alimenta o medo do Poder e a necessidade de um contrapeso, ainda que amplamente simbólicos e psicológicos.

Não é esta, entretanto, a razão profunda do malogro do general de Gaulle e do «sim». Sob o aspecto da sua força eleitoral, o gaullismo — desde 1958 — atravessou duas fases de natureza bem distinta. De 1958 a 1962, devido ao problema argelino, o general de Gaulle aparece como o chefe de uma união nacional: seis a sete franceses em cada dez estão satisfeitos com ele como presidente da República, e é apoiado no Parlamento por uma maioria de coligação que vai — em certos casos — dos socialistas à direita moderada. Esta situação extraordinária, que há a tendência de atribuir um tanto levianamente ùnicamente ao «carisma» do general, aparece de maneira evidente em 1958 na diferença entre a força referendária do gaullismo — cerca de 80 por cento dos sufrágios manifestados — e a sua força legislativa — menos de 20 por cento... O fim da época argelina da V República vai caracterizar o inverso destas tendências: a força legislativa gaullista sobe — 35 por cento em 1962, 38 por cento em 1967, 44 por cento em 1968 na primeira volta — enquanto a sua força referendária ou presidencial diminui até a alcançar: 62 por cento no referendo de 1962; 47 por cento no de 1969; 44 por cento na primeira volta da eleição presidencial de 1965. É claro que o general de Gaulle é cada vez mais considerado pela opinião pública francesa, o homem em torno de quem se faz a união no momento dos perigos. Mas a partir de então, necessita uma segunda volta e a adesão de pelo menos metade dos eleitores centristas para ganhar seja que consulta for. Em Dezembro de 1965, tem disso a amarga experiência. Em Abril de 1969, o general de Gaulle esquece que um referendo só tem uma volta, porque não se pode habituar a este estatuto diminuído de chefe de uma formação ou coligação política, ainda que maioritária. Deste modo, no momento em que o gaullismo referendário se equilibra quase com o gaullismo legislativo, o general de Gaulle vai-se embora. Com ele, sem dúvida, alguns companheiros para quem a política só tem valor quando um homem e os acontecimentos lhe derem uma dimensão épica.

Esta análise pode sugerir duas interpretações contraditórias quanto ao futuro. Ou nos reportamos à queda do gaullismo referendário para disso deduzir o fim do gaullismo; ou então nota-se a subida paralela do gaullismo legislativo para nisso encontrar o início do gaullismo sem de Gaulle, do gaullismo de Pompidou. A primeira hipótese pressupõe que, privado do general, o gaullismo perde o essencial dos seus meios eleitorais; a segunda implica uma ampla autonomia do eleitorado gaullista para com o general de Gaulle e a sua resistência às tentações e apelos centristas. A perspectiva do gaullismo sem de Gaulle parece mais verosímil. Se a curva eleitoral presidencial e referendária baixou enquanto a curva legislativa da União dos Democratas para a República subia, se a popularidade de Georges Pompidou, em Maio de 1968, passou subitamente a um nível superior quando a do chefe do Estado decaiu, isto leva a crer que o gaullismo da opinião pública não está ou já não está ligado fundamentalmente à pessoa do general de Gaulle. A maioria dos franceses — 60 por cento em Novembro de 1968 segundo a I. F. O. P. — deseja a manutenção ou o reforço do papel político do presidente da República, um quarto ùnicamente deseja que seja diminuído: as teses de Guy Mollet e dos centristas são mais susceptíveis de agradar aos quadros políticos do que ao eleitorado, que, desde 1962, elege o presidente da República. Tanto mais que uma maioria de Governo gaullista continua a ser a mais «creditável» perante as divisões e incertezas estratégicas da esquerda e a indisciplina natural do centro e dos moderados. O fim de um gaullismo, sem dúvida alguma. O fim do gaullismo? É menos certo.

Exclusivo «Le Monde»-«Diário de Lisboa»

Durante 48 horas, centenas de estudantes enfrentaram a Polícia nas ruas próximas da Universidade de Wisconsin, em Madison, e, após a luta ter chegado ao fim, a Polícia anunciou que tinham ficado feridas 35 pessoas e que 90 foram detidas. Tudo começou quando os jovens pretenderam bloquear uma rua para fazerem um baile ao ar livre, sem licença

Volta ao mundo numa cadeira de rodas

SAN FRANCISCO, 10 — (R.) — Charlie Brown, de 33 anos, um funcionário dos serviços sociais, que não tem pernas nem o braço esquerdo, projecta dar a volta ao Mundo numa cadeira de rodas.

Brown afirmou que iniciaria a sua viagem de cerca de 85 300 quilómetros pedindo com o dedo polegar uma boleia desde esta cidade ao Reno, no Nevada, em 4 de Julho. Levará pouco mais do que uma muda de roupas na sua cadeira de rodas.

Charlie, que perdeu os membros há 18 anos num desastre ferroviário, espera angariar dinheiro durante a viagem para um novo centro humanitário, sem fins lucrativos, em San Francisco.

PROPOSTA DE PAZ

Saigão pronta a discutir certos aspectos com a F. N. L.

SAIGÃO, 10 — (F. P.) — No comunicado ontem publicado, o Governo da República do Vietnam do Sul declarou-se pronto a discutir com a Frente Nacional de Libertação certos aspectos da proposta de paz em dez pontos apresentada pela F. N. L., mas entende que a posição da Frente não mudou em vários outros pontos.

O comunicado, redigido em termos moderados, não declara rejeitar «a solução global do problema vietnamiano» tal como é proposta pela F. N. L. contenta-se em salientar que a posição da F. N. L. não tem viabilidade no que respeita ao seu programa em cinco pontos e aos quatro pontos de Hanoi. Verifica também que «o lado comunista recusa» o princípio da retirada mutua das forças exteriores ao Vietnam do Sul e continua a exigir a partida unilateral e incondicional das forças aliadas».

GREVE ILIMITADA DOS JORNALISTAS DE «LE FIGARO»

PARIS, 10 — (R.) — «Le Figaro», o jornal francês de circulação em massa, cessa temporàriamente, a partir do numero de hoje, a sua publicação por causa de uma greve de jornalistas acerca do princípio da liberdade de Imprensa.

Num artigo publicado hoje a toda a largura da primeira página, os jornalistas anunciam a sua intenção de se porem indefinidamente em greve a seguir ao malogro das negociações sobre a prorrogação de um contrato de 1950, que expira esta semana.

Os proprietários do jornal, os industriais Jean Prouvost e Ferdinand Beghin, propuseram um novo contrato, nos termos do qual teriam uma maioria de dois para um na administração.

Os jornalistas afirmam que se opõem a essa diligência por razões morais e não devido a lucros financeiros.

Declararam ainda recentemente: «A redacção do «Figaro» quer demonstrar a sua determinação em manifestar que o jornal foi sempre aquilo que desde a libertação revelou: um jornal livre».

Prouvost queixou-se que os jornalistas pretendem impedir um co-proprietário do jornal de exercer a sua função.

Na sua comunicação de hoje, os jornalistas replicam que Prouvost anunciara a sua intenção de dirigir ele próprio o jornal e que eles receavam a «orientação» que lhe daria.

Dizem ainda que o seu objectivo é uma prorrogação do seu contrato ou a criação de uma nova administração na qual teriam representação suficiente para bloquear decisões importantes sobre assuntos tais como política jornalística e a nomeação de um director.

Além do «Figaro», que foi fundado em 1866, a greve afecta, também, os seus congéneres «Figaro Littéraire» e «Figaro Agricole».

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

CRISE MONETÁRIA

Os banqueiros franceses esperam da Alemanha medidas mais eficazes

(Continuação da 1.ª página)

rias, que tinha começado em Novembro passado.

COMENTÁRIOS DA «TASS»

MOSCOVO, 10 — (R.) — A agência noticiosa soviética «Tass» afirmou hoje que a decisão do Governo alemão-ocidental de não revalorizar o marco era prejudicial para a França e a Grã-Bretanha.

O correspondente da «Tass» em Bonn declara que a decisão «demonstra que Bonn tenciona continuar a empregar a crise monetária internacional para fortalecer a sua posição política e financeira, em prejuízo principalmente da França e da Grã-Bretanha.

JURO PUNITIVO?

PARIS, 10 — (R.) — Banqueiros franceses esperam hoje da Alemanha Ocidental medidas das mais eficazes para esfriarem a recente crise monetária internacional, a seguir á recusa de Bonn de revalorizar o marco.

Durante a crise monetária de Novembro passado, girando á volta do franco doente, os alemães ocidentais introduziram impostos alfandegários que apenas reduziram ligeiramente a competição do marco no que se refere ao comércio externo.

Círculos financeiros desta capital esperam que o Governo de Bonn imponha uma taxa de juro punitiva sobre depósitos derivando de fontes estrangeiras, ou que estabeleça fiscalização mais directa sobre o afluxo de «dinheiro quente» do estrangeiro.

Aguardam ainda um reforço das medidas alfandegárias de Novembro.

Importantes banqueiros centrais das grandes nações não-comunistas — que não dispõem de qualquer poder constitucional nos seus próprios países para apresentarem cambios de paridade — reunem-se este fim-de-semana em sessão, em Basileia, e discutirão certamente a crise.

Um resultado provável dessa conferência, que coincide com uma sessão ministerial alemã ocidental em Bonn seria dar vida a propostas para escoar automáticamente para os países de origem o dinheiro especulativo.

Algum alivio de carácter técnico é aguardado na segunda-feira quando os agiotas especuladores procurarem converter em dinheiro as suas reservas em marcos, a seguir á decisão de não revalorização.

POLÍCIA DE PREVENÇÃO NA FEDERAÇÃO MALAIA

KUALA LUMPUR, 10 — (R.) — A Polícia encontrava-se hoje de prevenção. Os malaios iam ás urnas, após uma campanha eleitoral em que foram mortas duas pessoas.

O primeiro-ministro «Tunku», Abdul Rahman, e o seu Partido da Aliança, que tinha 125 dos 144 lugares no ultimo Parlamento, são considerados imbatíveis e o interesse da eleição concentra-se no facto de se saber até que ponto os nove partidos da oposição reduzirão a sua maioria.

Cerca de 3 800 000 pessoas vão ás urnas para escolher 143 deputados federais e centenas de representantes para 12 legislaturas estatais.

O Partido trabalhista, da oposição e grandemente representado por chineses, pediu que se boicotassem as eleições como protesto, contra a detenção de alguns dos seus dirigentes e membros, após o Governo declarar que comunistas pro-Pequim, banidos pela Lei, se tinham infiltrado no Partido.

Ontem, 10 000 partidários dos trabalhistas desfilaram através das ruas de Kuala Lumpur, gritando estribilhos maoistas no funeral de um membro do Partido morto a tiro pela Polícia durante um comício eleitoral no último fim-de-semana.

Regista-se muita especulação sobre se a aliança poderá ganhar no Estado de Kelantan, no nordeste do país e grandemente malaio, pela primeira vez, e se perderá no Estado de Penang a favor do movimento do povo malaio, um partido moderado da esquerda.

NOVAS VÍTIMAS DO «ESQUADRÃO DA MORTE»

RIO DE JANEIRO, 10 — (R.) — Mais três vítimas do conhecido «Esquadrão da Morte», que se crê geralmente ser uma organização da Polícia, foram encontradas crivadas de balas, e á volta desta cidade, durante o dia de anteontem.

Sómente um dos cadáveres tinha sido identificado ontem, o de Jair Joaquim Santana, de 24 anos, e a Polícia afirmava que se tratava de um estudante e, aparentemente uma vítima inocente.

DESMENTIDO FRANCÊS

PARIS, 10 — (R.) — O Ministério dos Negócios Estrangeiros desmentiu a noite passada que qualquer membro da delegação francesa junto das Nações Unidas tivesse afirmado que círculos pró-israelitas em França despenderam grandes somas em dinheiro para assegurar a derrota no referendo do general de Gaulle.

O desmentido do Ministério, que assumiu a noite passada a forma de uma comunicação oficial, seguiu-se a um comentário feito ontem na Imprensa francesa acerca de uma notícia da «Reuter».

Português morto em Espanha

ALICANTE (Espanha), 10 — (A. N. I.) — O português Fernando Ferreira, de 35 anos, residente no Rio de Janeiro, morreu em consequência dos ferimentos sofridos num acidente de viação que teve ontem, ao fim da tarde, próximo de Alicante, na Espanha.

O automóvel conduzido por Fernando Ferreira despistou-se numa curva da estrada, próximo de Alicante, e foi embater numa casa existente no local.

A convite da Frente Patriótica e Popular Hungara, o embaixador Ha Van Lau, chefe da delegação da Republica Democrática do Vietnam ás conversações de Paris e Tran Hoai Nam, membro da Comissão Central da F. N. L. do Vietnam do Sul e chefe da delegação deste movimento ás mesmas conversações, visitaram recentemente a capital hungara

ISRAEL DEVE RETIRAR — diz o ministro Pinhas Safhir

TEL AVIV, 10 — (F. P.) — «No interesse da paz, Israel deve aceitar retirar-se das regiões ocupadas durante a guerra dos seis dias, com excepção da parte oriental de Jerusalém e das antigas colinas de Golão, que devem continuar a ser territórios israelitas», declarou Pinhas Saphir, ministro sem pasta e secretário-geral do Partido Trabalhista Israelita, falando durante uma reunião publica em Tel-Aviv.

Saphir reafirmou assim a sua oposição contra todos os planos de anexação excessivos. Antigo ministro das Finanças declarou também que Israel deveria reduzir o seu nível de vida, sem o que seria necessário impor um regime de austeridade depois das eleições parlamentares de Outubro próximo.

RESPOSTA EGÍPCIA A U THANT

CAIRO, 10 — (F. P.) — O Governo egípcio prepara actualmente uma resposta á mensagem de U Thant, na qual o secretário-geral das Nações Unidas manifesta a sua inquietação perante o agravamento [illegible] no Médio Oriente e pede para se garantir a segurança dos observadores da O. N. U. instalados na [illegible] em ocidental do Canal de Suez — anuncia esta manhã o jornal «Al Ahram».

Fico — afirmou Wilson após as eleições municipais

LONDRES, 10 — (F. P.) — «Fico. O futuro continua aberto para nós», disse em resumo o primeiro-ministro Wilson, ontem á noite, aos 49 sindicalistas e deputados trabalhistas que vieram a Downing Street reunir com o Governo, reunião que durou oito horas.

Tratou-se sobretudo dum exame de consciência e nenhum dos que tomaram a palavra, uns vinte segundo se sabe, pediu ao primeiro-ministro que se fosse embora. Pelo contrário todos se felicitaram pela resolução de ser mantida a unidade do Partido, e alguns mesmo teriam querido que aquela reunião tivesse passado na Televisão, para fazer subir a confiança na decisão do «Labour» de permanecer no poder

Sómente o ministro do Interior, Callahan, manteve as suas posições de crítica moderada ao projecto governamental antigreve. O êxito pessoal do primeiro-ministro durou pouco, porém, pois entretanto anunciava-se a decisão de Bonn de não valorizar, o marco, e a manutenção da paridade deste agrava a situação monetária inglesa da qual em grande parte depende o destino do Governo.

SORVAL

SECÇÃO ESPECIALIZADA EM CONTROLE INDUSTRIAL e MATERIAL DE LABORATÓRIO

— MECI: PARIS Registadores de temperatura e pressões — Pirómetros — Debitómetros.

— PROLABO: PARIS Material de Laboratório, Produtos Químicos e Reagentes.

— ANGST & PFISTNR: MILÃO Teflon para a Indústria, em chapa, varão, tubo rigido e flexível e fitas.

Rua Artilharia Um, 104—C/E Tel. 651229/20—LISBOA-1

Rua Santos Pousada, 571 Tel. 56921—PORTO

ENORME QUANTIDADE DE

MOBILIÁRIO USADO

MOBÍLIAS COMPLETAS, MÓVEIS SOLTOS, ESTOFOS, ANTIGUIDADES, QUADROS, LOIÇAS, OBJECTOS DE ARTE, CANDEEIROS, CARPETES, APARELHAGEM ELECTRODOMÉSTICA, INÚMERAS UTILIDADES, ETC., ETC.

VENDO URGENTE, BARATÍSSIMO

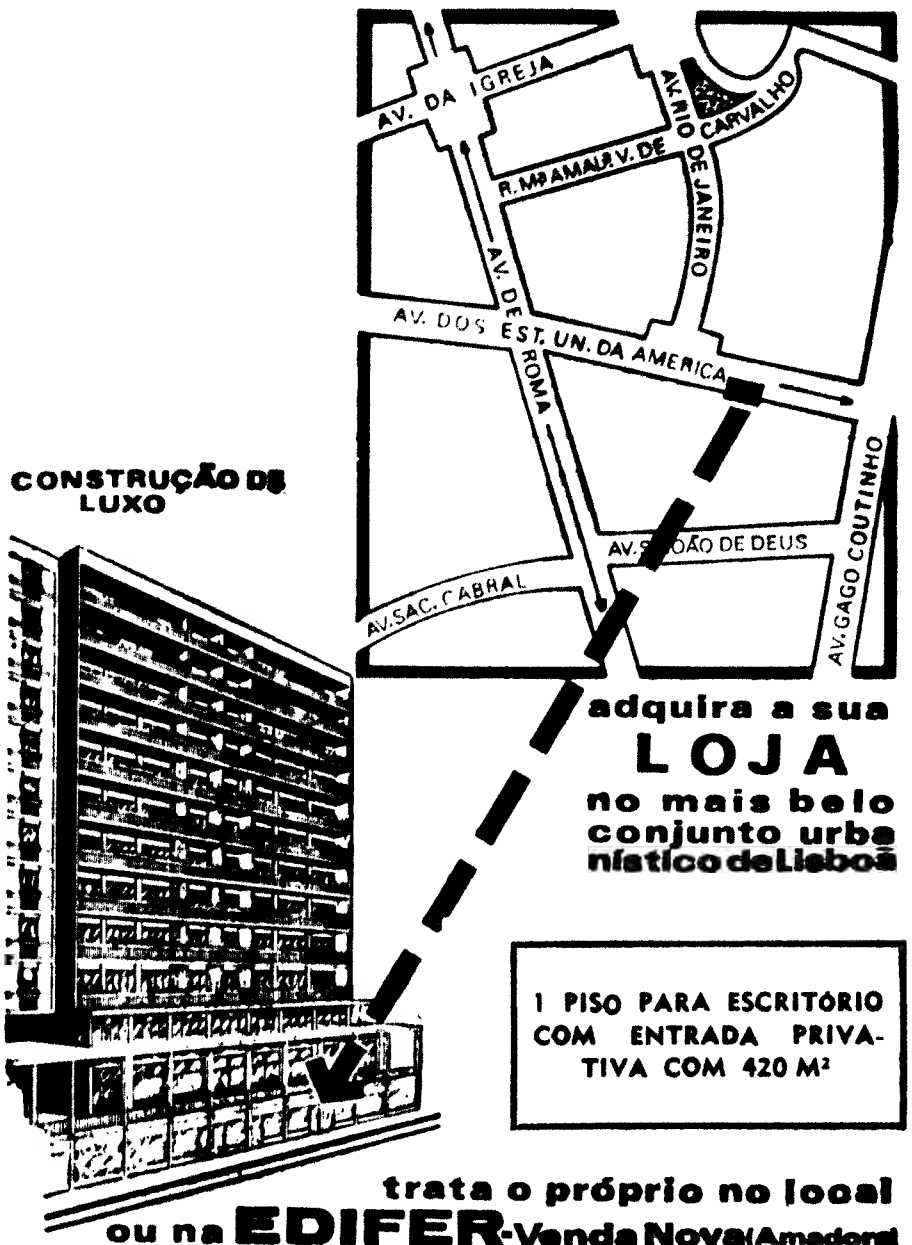
SÓ HOJE E AMANHÃ, DAS 10 ÀS 20 HORAS

Não fazendo muita questão de preços na CONDIÇÃO DE RETIRADA IMEDIATA

Para desocupação urgentíssima de grande MORADIA COM 30 DIVISÕES

CONFIRMAR E TRATAR DIRECTAMENTE NA AV. JÚLIO DINIS, N.º 6 (ENTRE O CAMPO PEQUENO E A AV. 5 DE OUTUBRO)

edifício AMÉRICA



CONSTRUÇÃO DE LUXO

adquira a sua **LOJA** no mais belo conjunto urbanístico de Lisboa

1 PISO PARA ESCRITÓRIO COM ENTRADA PRIVATIVA COM 420 M²

trata o próprio no local ou na **EDIFER**-Venda Nova (Amadora) telef. 970426

IMPORTANTE ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL COM SEDE EM LISBOA PROCURA

ADJUNTO DO DIRECTOR FINANCEIRO

QUE DEVERÁ

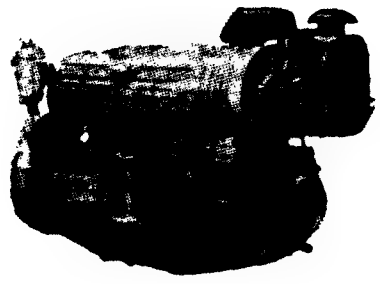
- Ser licenciado em Finanças ou Economia
- Ter bons conhecimentos bancários e de impostos
- Ter domínio da língua inglesa falada e escrita
- Ter cumprido as obrigações militares

A REMUNERAÇÃO SERÁ FIXADA DE ACORDO COM

- Experiência profissional
- Nível de formação académica

Agradece-se envio de «curriculum» detalhado, manuscrito, e indicação da remuneração pretendida a B. 396, Agência MARCA, R. Joaquim António de Aguiar, 64-2.º Dt.º, Lisboa.

- **Máquinas-Ferramentas**
- **Motores Diesel e fora de borda**
- **Grupos Electrogéneos, etc.**
- **Grupos Moto-Bombas para rega**

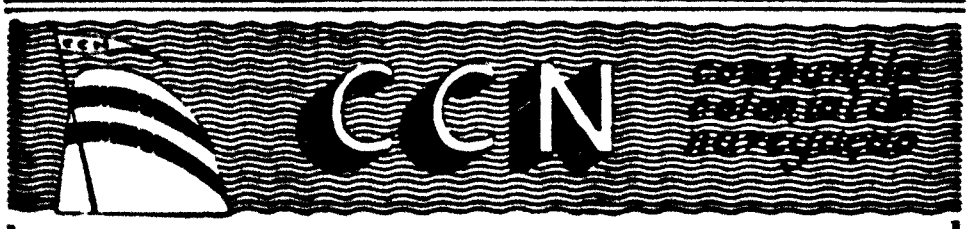


GÜLDNER

METALÚRGICA ALENTEJANA

CARLOS ROEDER, LDA.

STAND — RUA DO ARSENAL, 126
ESCRITÓRIO — RUA DO ARSENAL, 148, 1.º E 3.º • LISBOA
TELEFONES 36 18 32/3/4 TELEGRAMAS: «HERDER»



PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE ÁFRICA	
«LOBITO» a sair em 17 de Maio	Com escala prévia por LEIXÕES, para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário). Carrega de 11 a 15 de Maio.
«BENGUELA» a sair em 28 de Maio	Com escala por LEIXÕES, para: CABINDA, SAZAIRE, LUANDA, PORTO AMBOIM, NOVO REDONDO, LOBITO e MOÇAMEDES. Carrega de 21 a 25 de Maio.
«INFANTE D. HENRIQUE» a sair em 30 de Maio às 12 horas	Com escala por FUNCHAL para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega de 24 a 28 de Maio.
«VERA CRUZ» a sair em 7 de Junho às 16 horas	Directo a LUANDA e LOBITO. Carrega de 1 a 5 de Junho.
«IMPÉRIO» a sair em 7 de Junho às 16 horas	Com escala prévia por LEIXÕES, para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 30 de Maio a 2 de Junho.
«LUGELA» a sair em 23 de Junho	Com escala por LEIXÕES, para: PRÍNCIPE, S. TOMÉ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOÇAMEDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega de 16 a 21 de Junho.
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» a sair em 27 de Maio e 30 de Junho às 18 horas	Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, PORT EVERGLADES (MIAMI), S. JUAN (PUERTO RICO), LA GUAIRA e CURAÇAU.

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua do S. Julião, 63 — Tel. 36962 1/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 23342

S. R.

Ministério da Economia

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento na freguesia de S. Sebastião, concelho de Setúbal, de uma modificação da linha aérea a 30 kV Cachofarra-Curralinhos entre os apoios n.ºs 19 e 22 com substituição dos n.ºs 20 e 21 por outro de maior altura e práticamente sem alteração no comprimento.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 1 de Maio de 1969.

O ENGENHEIRO-CHEFE
Guilherme Martins

ANDARES

VENDEM-SE

Em Benfica, Barcos, Amadora, Algés, Linda-a-Velha, Carnaxide, Samoeiros e Parede, c/ 3 a 5 casas convencionais, 2 casas de banho, cozinha, recreios, etc.

TERRENOS C/ PROJECTO APROVADO
FACILITA-SE PAGAMENTO

JOÃO PROTÁSIO NALHA

Rua Luciano Cordeiro, 25-1.º-Dt.º — LISBOA
Telefs. 539200, 2910079 e 785200

APARELHOS DE SURDEZ

viennatone

A MARAVILHA MÁXIMA DE BEM SERVIR
EXPERIMENTE SEM COMPROMISSO
Av. de Roma, 29, 1.º, porta 1 — Lisboa — Tel. 777477

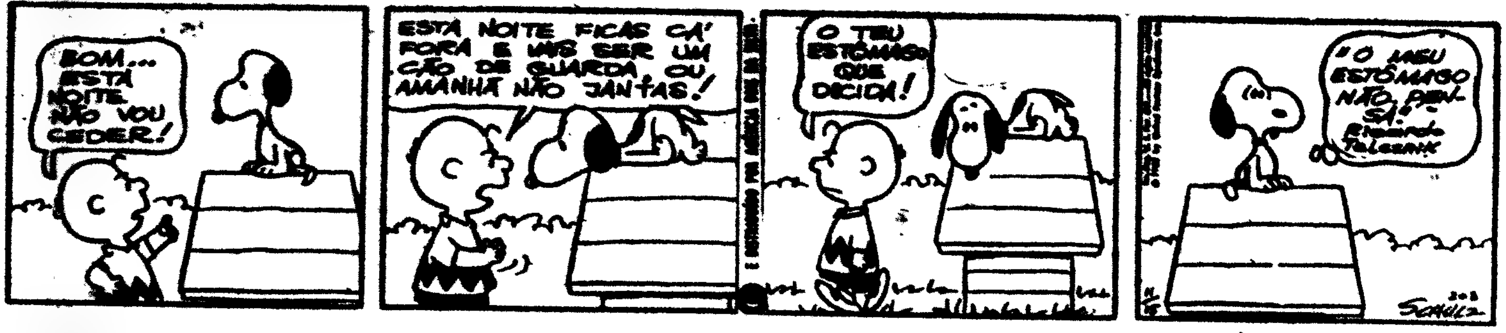
LICEU-INSTITUTOS

CURSOS DE LÍNGUAS
FRANCÊS • INGLÊS • ALEMÃO
Bem apetrechados Laboratórios

- Escola São-Vicente — Rua do Paraíso, 28 — T. 865904
- Externato Marquês de Pombal — Rua Carrilho Videira, 10 — T. 834658 — Rua Edith Cavell, 8, 1.º — T. 870221

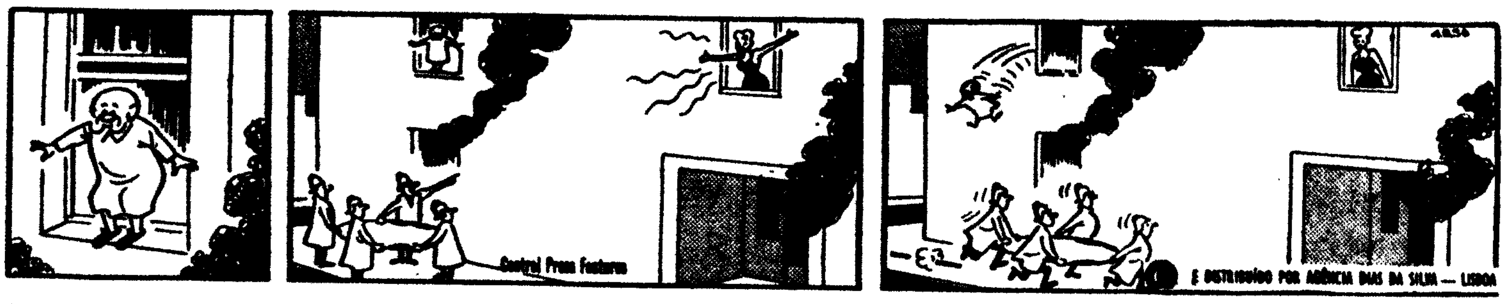
Manter-se-ão abertos em Agosto e Setembro

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

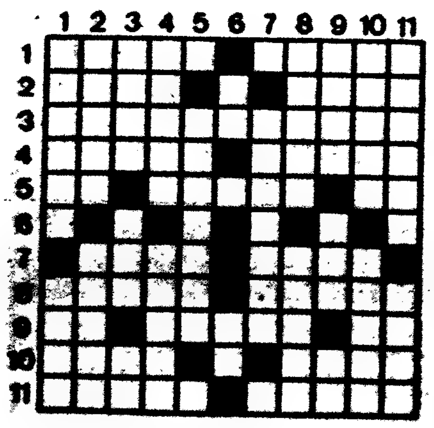
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5172

HORIZONTAIS: 1 — Casupi dade Um dos mais notáveis soberanos da Índia, que reinou de 274 a 232 a. C. 2 — Vento frio, agreste (pop.). Lavrar. 3 — Exibira. 4 — Tempo do verbo crer. Equipar. 5 — Nesse lugar Afie. Apelido. 7 — Cabeleira. Cidade da Roménia. 8 — Harmonizar. Nome de um jogo. 9 — Pronome pessoal. Roer. Nota musical. 10 — Cidade do estado de S. Paulo. Rezei. 11 — Metade para cada um. Empregais.

VERTICAIS: 1 — Acometer. Prendem. 2 — Ilha do mar Tirreno, onde Tibério passou os seus últimos anos. Pintor flamengo que trabalhou em Inglaterra e Colónia e cujos retratos são notabilíssimos. 3 — Apre. Magoa Nesse lugar. 4 — Costumara. Nome de mulher. 5 — Dançara o samba. 6 — Lê. Pronome pessoal. 7 — O mesmo que nadegada. 8 — Leito de viagem. Invulgares. 9 — Rezam. Figura que simboliza o povo americano. Rádio (s. q.). 10 — Rostos Oferecerei. 11 — Aves trepadoras Numeral

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5171

HORIZONTAIS: 1 — Doira. Iancu. 2 — Promessas. 3 — Aço. Aso. O. 4 — El. Artro. Ra. 5 — Liar. Mula. 6 — Vacas. TEMPO. 7 — Ada. Fila. 8 — Abalançar. 9 — Ainda. 10 — DO. Apois. Be. 11 — Ópera. Atoar.

VERTICAIS: 1 — Salva. Ado. 2 — Op. Lindo. Pé. 3 — Ira. Acaba. 4 — Rogara. Alar. 5 — AMOR. Salina. 6 — E. Lr. Aço. 7 — Isar. Tarda. 8 — Assana. Cota. 9 — NÃO. Ampas. O. 10 — Cs. Ripar. Ba. 11 — Ossos. TER.

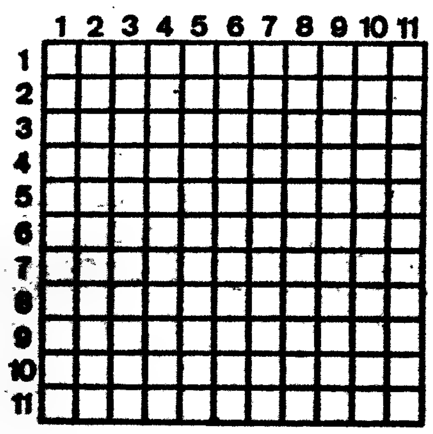
Provérbio: O TEMPO DO AMOR É NÃO O TER.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9015

HORIZONTAIS: 1 — Escravizara. 2 — Grosseiros. Macacos americanos. 3 — Lugar de embarque de pessoas ou mercadorias Armadilha para pássaros 4 — Sofrera. 5 — Curas. Argila. 6 — Amofinar. 7 — Sinal gráfico. Senhor em inglês. Gosta muito de 8 — Patrões. Ave de rapina 9 — Colorido Manto real. 10 — Estamparíamos. 11 — Nesse lugar O mais. Abreviatura de Santíssimo Apelido

VERTICAIS: 1 — Arrostas. Tecido que os Negros enrolam à cinta, em forma de saia, 2 — Recua. Semelhante. Troça. 3 — Detestar. Porção de peixe que se vende em leilão 4 — Sobejar. Tunda. 5 — Reis. Empregas. Doença. 6 — Sufixo que designa estado. Atilho. 7 — Em a. Formar as abas a. Suspiros 8 — Tostar. Faldas 9 — Avivar o lume Bolor. 10 — Lista. Versejo. Artigo definido. 11 — Planta vivaz e medicinal. Freguesia do concelho de Guimarães



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9014

HORIZONTAIS: 1 — Porto Afiam. 2 — Rio. Sul. Mia. 3 — Ermo. Aogr. 4 — Sopra. Crise. 5 — Animada. 6 — Ar. Te. 7 — Morro. Arpar. 8 — Áreas. Riana. 9 — Tris. Além. 10 — Aam. Sim. Aco. 11 — Irada. Asnas.

VERTICAIS: 1 — Presa. Matel. 2 — Oiro. Barrar. 3 — Rampa. Reima. 4 — Omeras. 5 — Os. Airos. Sa. 6 — Um. Ti. 7 — Al. Cater. Mó. 8 — Ardaria. 9 — Impio. Palas. 10 — Alas. Caneca. 11 — Manía. Ramas.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 10 de Maio de 1939 publicava:

«PARIS, 10 — De Varsóvia informam o «Figaro»:

«Nos círculos diplomáticos supõe-se que o Governo soviético parece estar agora na iminência de oferecer à Polónia uma garantia análoga à que lhe foi oferecida há um mês pelos Governos francês e inglês. Uma garantia soviética à Polónia seria uma resposta lógica ao tratado ítalo-alemão.»

UM FOLHETO DA C. P. SOBRE CIRCUITOS TURÍSTICOS

A C. P. acaba de publicar um folheto alusivo aos serviços que a rede «EUROPABUS» pode proporcionar aos turistas na presente temporada onde consta, além de uma descrição pormenorizada das excursões e circuitos portugueses, a relação de todas as linhas, circuitos e excursões nos outros países.

Peça folheto e esclarecimentos nas secções de informações de Lisboa, Porto e Coimbra, nos despachos centrais e nas agências de viagens.

CAMISAS P/ MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

já pensou que o seu móvel não necessita de ser caro, para ser bom?
basta que seja Grundig!
MILHÕES DE PESSOAS VÊEM E OUVEM COM GRUNDIG

VAI SER JULGADO EM VISEU O AUTOR DE UM CRIME MONSTRUOSO

VISEU, 10 — Quase concluso a organização do respectivo processo no tribunal judicial, será julgado, brevemente, Serafim da Cunha Marques, de 35 anos, armador de ferro, natural de Paradinha, casado, mas vivendo maritalmente com Maria Zulmira Henriques Ferreira, de 36, solteira, natural de Barbeita e residente no Largo Monteiro Leite, nesta cidade.

O réu é acusado de ter espancado brutalmente a companheira, que estava grávida e veio a ter um nado-morto, atribuindo ela á agressão a morte do filho. Examinada a pobre mulher, encontraram-lhe largas equimoses negras e, entre elas, sinal de forte pancada na região do ventre — talvez, pontapé. Em consequência desse crime, ocorrido em 20 de Fevereiro ultimo, o Serafim foi preso e depois pronunciado definitivamente, acusado de ter praticado três crimes de ofensas corporais e outro de infanticídio.

O criminoso é conhecido pela alcunha de «O Terrorista», pois já a mulher legítima teve de fugir do lar conjugal, tornando-se numa infeliz em todo o sentido, ébria e desgraçada. A amante, quase deu no mesmo, com uma vida de desesperada, mas, ainda assim, com sentimentos para reagir pelo que se viu, perante o filhinho morto pela crueldade do Serafim.

PRIMEIRO ACTO

No próximo dia 22 de Maio, no Cinema Stadium, de Algés, o Teatro Experimental de Cascais dará um espectáculo com a peça «Maria Stuarte». A receita reverterá para a construção da sala do «Primeiro Acto», Clube de Teatro

TRÊS FERIDOS NUMA PASSAGEM DE NÍVEL

PORTO, 10.

Esta manhã, pouco depois das 11 e 30, numa passagem de nível, que continua sem guardas na Rua dos Verdes, em Pedras Rubras, próximo do apeadeiro de Crestins, uma furgoneta, que se apresta va para atravessar a via férrea foi embater na automotora n.º 7322, que da Póvoa vinha para o Porto

A furgoneta era conduzida pelo sr. Manuel Eugénio da Silva Oliveira, de 22 anos, solteiro, operário, que vinha acompanhado pela sr.ª D. Maria Ludovina Moreira da Silva, de 20 anos, solteira, e D. Alzira da Silva Moreira, de 49, casada, todos residentes na Rua dos Verdes, 352. Todos feridos, foram levados para o Hospital de São João, onde ficaram internados.

Reunidos em Vila Viçosa com o ministro da Educação os finalistas das escolas de Magistério Primário do Sul

VILA VIÇOSA, 10 — O ministro da Educação Nacional presidiu hoje, nesta vila, ao encontro de finalistas das escolas do Magistério Primário do sul do País (Lisboa, Faro, Évora, Portalegre, Castelo Branco e Beja).

O titular da pasta da Educação, acompanhado de sua esposa e do director-geral do Ensino Primário, chegou a esta vila ás 11 e 30, tendo sido recebido pelas autoridades locais, entre as quais o governador civil de Évora, e assistiu á missa, celebrada na igreja de Nossa Senhora, no Castelo, celebrada pelo arcebispo de Évora.

Seguiu-se um almoço, no Palácio, durante o qual usaram da palavra a aluna Fátima Maria da Silveira Santos, de Lisboa, o director-geral, dr. José Gomes Branco, o presidente do Município local, eng.º Bento Charrua e, por fim, o ministro José Hermano Saraiva.

No seu discurso, o titular da pasta da Educação afirmou ter sido possível nos ultimos meses, prestar maior atenção ás carreiras docentes dotando-as de recompensas e de garantias.

Seguiu-se uma sessão cultural com a participação dos finalistas e do Grupo Coral da Universidade de Lisboa.

Ligações telefónicas directas de Lisboa para Setúbal

Desde as zero horas de hoje, marcando o indicativo 02, podem os utentes dos telefones obter directamente ligações de Lisboa para Setúbal, através dum novo cabo coaxial.

A montagem do sistema iniciou-se em princípios do ano passado, ficando a constituir a primeira parcela do cabo subterraneo projectado para servir o Alentejo e o Algarve, interligando Lisboa, Évora, Beja e Faro. Para esse efeito comporta seis pares de tubos coaxiais, permitindo cada par de tubos instalar equipamento para 300 comunicações telefónicas simultaneas, ampliáveis para 960. Nesta fase inicial, porém, estão em serviço apenas 100 circuitos.

Com a inauguração do cabo Lisboa-Setubal (cujo ramal para Sesimbra entrará em serviço em Fevereiro passado ligando á capital o cabo submarino Portugal-África do Sul e servirá também para interligação ao cabo submarino Portugal-Grã-Bretanha) a qualidade do serviço telefónico é substancialmente melhorada, tanto na audição, como na rapidez de estabelecimento de comunicações.

Ribatejanos homenageiam um conterrâneo que foi bispo do Algarve no século dezoito

FARO, 10 — Começaram a chegar a esta cidade os primeiros representantes do concelho de Vila Franca de Xira dos quais faz parte uma comissão de Calhandriz, chefiada pelo sr. Luís Lourenço Ramalho, presidente da respectiva Junta de Freguesia. Os ribatejanos vêm em romagem ao monumento de D. Francisco Gomes de Avelar, que foi bispo do Algarve no princípio do séc. XIX, tendo nascido no lugar do Mato, daquela freguesia, em 15 de Janeiro de 1739.

A representação aproveitará a oportunidade para convidar o actual bispo do Algarve, D. Júlio de Tavares Rebimbas, para assistir á inauguração prevista para o fim do corrente mês de um busto do referido bispo que, por iniciativa do Município vai ser erigido na Calhandriz, á memória daquele que foi filho ilustre e conterrâneo.

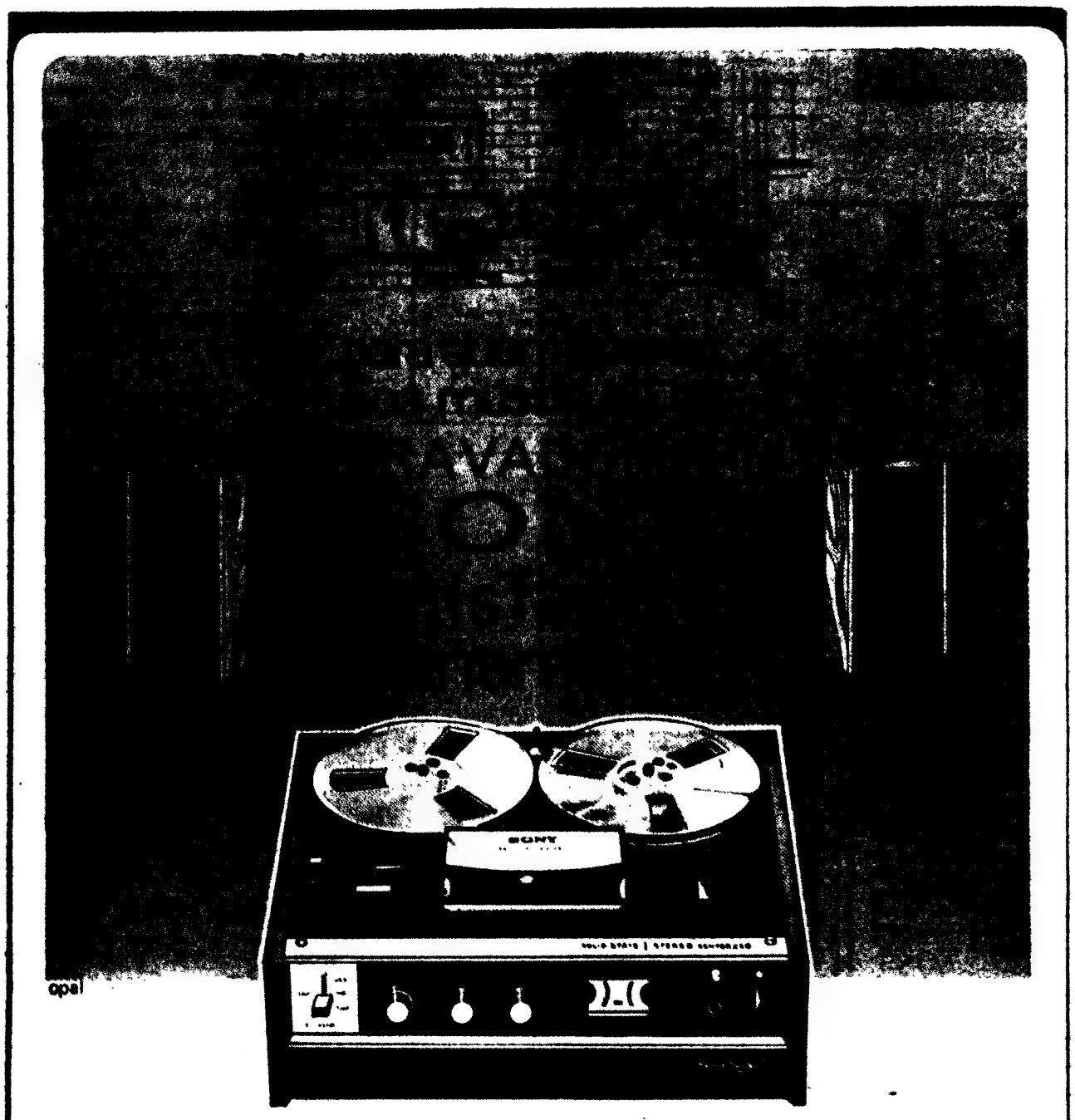
Estarão também em Faro, para encabeçarem a representação, o presidente e o vereador da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.

Entretanto, cerca de 150 transportadas em autocarros e automóveis particulares estão a chegar á capital algarvia, todos estando inscritos para a audiência que o actual bispo do Algarve, hoje, ás 19 horas lhes concede no paço episcopal.

Regressa de Genebra o dr. Dias Rosas

Chega hoje a meio da tarde a Lisboa, por via aérea, o dr. Dias Rosas, ministro das Finanças e da Economia, de regresso de Genebra, onde foi assistir ao conselho ministerial da E.F.T.A., que acaba de decorrer naquela cidade suiça.

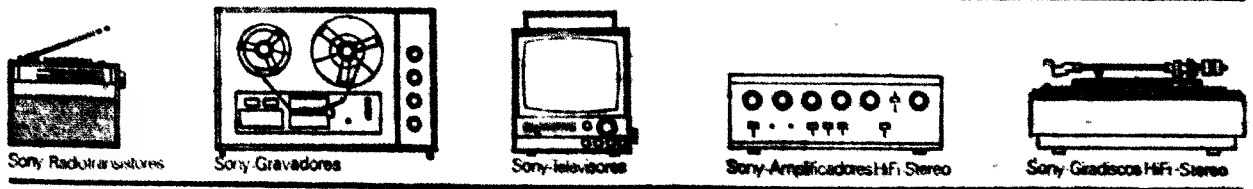
FÁTIMA
Dias 12 e 13 de Maio
Informações e inscrições
TURIJORGE
Praça de Londres, 9-B
Telef. 72 49 57
AUTOCARROS
EDUARDO JORGE
R. Jardim do Regedor, 35
Telefs. 30971 e 30972


opal

a técnica faz a diferença
SONY

Compactos, robustos, de manejo muito fácil e numa grande variedade de modelos. Ouça um gravador SONY e ficará maravilhado com a pureza de som.

SONY-a marca de maior prestigio no mundo da electrónica, ao seu dispor nas melhores casas da especialidade!...


Sony-Radiotransistores · Sony-Gravadores · Sony-Televisores · Sony-Amplificadores HiFi Stereo · Sony-Gira-discos HiFi-Stereo

Representantes para Portugal: EMÍLIO DE AZEVEDO CAMPOS & C.ª L.da
Departamento de Material Electrónico — Rua Santo António, 137-145 • PORTO
Distribuidor em Lisboa: ANTÓNIO BANÓ, L.da
Rua da Assunção, 59-2.º D.

INDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez. 65-100)

	2/5/69	9/5/69	Desvio %
GERAL	118,1	118,5	+0,3
METROPOLITANAS	113,1	115,6	+0,4
Bancárias	166,6	168,4	+1,7
Eléctricas	93,9	92,4	—1,6
Industriais	106,2	106,7	+0,5
Diversas	120,7	125,0	+3,6
ULTRAMARINAS	140,5	139,9	—0,4
Angolanas	142,9	142,5	—0,3
Moçambicanas	112,1	110,2	—1,7

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 17: Fim - de - semana; 18 e 05: Musica de filmes; 18 e 15: Emissão Infantil, por Madalena Patacho; 18 e 45: Vedetas «Pop»; 19: Cartaz dos Espectáculos; 19 e 50: Rádio Rural — Musica só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 15: Transmissão de Lausane do relato do desafio de hóquei em patins Portugal-Bélgica por Nuno Brás; 21 e 15: 20.º Episódio do Folhetim «O Imortal de Florença»; 21 e 40: Transmissão de um Espectáculo de Music-Hall realizado no Cinema Tivoli; 24: Programa da noite; 2: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 15 e 15: A ópera «Orfeu», de Monteverdi, comentada por Maria Helena de Freitas; 17 e 40: Concerto op. 61 para violino e orquestra (Szymanowski) — solista; Orquestra Sinfónica da Rádio Polaca sob a direcção de Orzegorz Fitelberg; 18: Abraço na Distancia, por Goulart Nogueira; 18 e 20: Musica de tecla; 19: O maestro Ernest Ansermet e a «Orquestra da Suisse Romande» — «Suite» «Masques et Bergamasques» (Fauré); 20: Diário sonoro; 20 e 25: Musica de arco — obras de Paganini, Mozart e Mussorgsky; 20 e 30: Ciclo de melodias — «A Bela Moleira» (Schubert), pelo tenor Walther Ludwig. Ao piano, Michael Raucheisen; 21: Concerto preenchido com obras de Bach e Mozart, que tem a colaboração da pianista Maria de Rosário Temudo Barata; 21 e 46: O gosto pela musica, pelo dr. João de Freitas Branco; 22 e 16: Musica Coral Sinfónica; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

2.º Programa (94,3 mc/s.) — Às 23: Concerto pelos coros e orquestra da União de Rádio Holandesa sob a direcção de Roberto Benzi — em gravações cedidas por aquele organismo de Radiodifusão — 1.º Parte — Obras de Bizet e Stravinsky; 23 e 55: Intervalo — Sonata 123 de Petrarca (Liszt)—Karl Ulrich Schnabel (piano); 0 e 05: 2.ª Parte — 2 Suites da Musica de bailado «Daphnis et Chloé» (Ravel); e 35: Sonata em Sol Maior «Kachel» 301 para flauta e piano (Mozart); 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE—451 m — 665 kc/s. — Às 19 e 10: Rádio Universidade.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 20: A. L. Nyffrance; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19: Noticiário; 19 e 15: Rabbialac; 19 e 30: Teatro; Trágico; 19 e 45: Rádio-Jornal; 20: Nota de Abertura; 20 e 15: Orquestras famosas; 20 e 30: Jornal dos Espectáculos; 20 e 45: Vozes que são êxito; 21 e 02: Sucessos; 21 e 15: Musica tradicional e palestra religiosas; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 2: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

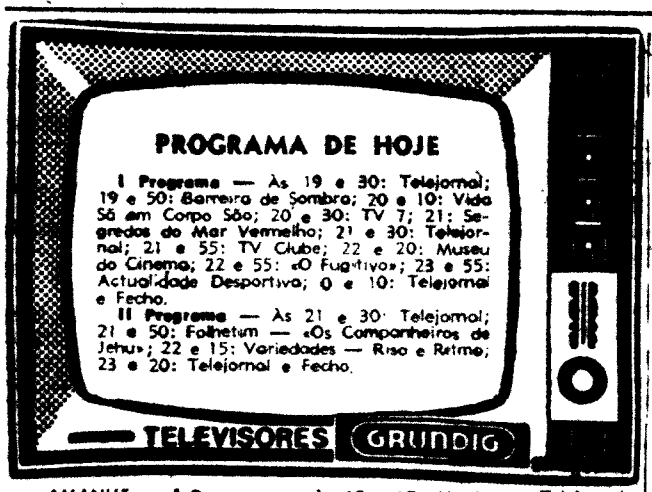
Modulação de frequência—97,4 mc/s. — Às 16: Da Philips para si; 16 e 15: Programa C. D. C.; 17: Noticiário; 17 e 57: O nosso Programa; 19 e 04: Em órbita; 20: Nota de abertura; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gá-Gá; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67 e Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s. — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Presença Singer; 19: Noticiário; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Solista; 19 e 30: Rabbialac; 19 e 45: Vozes de Hóje; 20 e 07: Rádio Placard; 20 e 21: Norte dia a dia; 21 e 08: Conjunto; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Produções Rádio Tupi; 21 e 45: Hora Luterana; 22 e 2: A orquestra de...; 22 e 15: O mundo de amanhã; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA—233,2 m — 1286 kc/s. — Às 16: Radioramo; 18 e 05: Programa Sumol; 18 e 20: Noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionado; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do

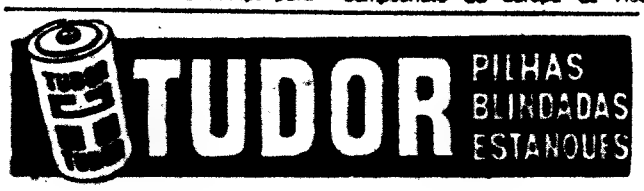
EMISSORES ASSOCIADOS DE S. C. R.; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Musica seleccionada; 21 e 15: Tríduo Preparatório para a Peregrinação a Fátima; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Cartas a ninguém; 22 e 45: Musica variada; 23: A 25.ª hora; 2: Fecho

LISBOA — Onda média — 186 m — 1594 kc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e 14 e 30 ás 19 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 12 ás 14 e 30.



AMANHÃ — I Programa — Às 12 e 15: Abertura e Telejornal; 12 e 30: Missa de Domingo; 13 e 25: No 1.º Centenário de um Grande Musico Português: Francisco Lacerda. Documentário e Recital de Trovas (II Parte) para canto e piano; 14 e 10: Expedição; 14 e 35: Dia do Senhor; 15: Telejornal; 15 e 10: Desenhos animados; 15 e 35: TV Educativa; 16: Dakfari; 16 e 50: Passatempo Infantil; 17 e 30: Série Juvenil de Ficção; 17 e 55: TV Educativa; 18 e 20: Informação Desportiva; 18 e 30: Folclore; 19: TV Rural; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Notícia do Espectáculo; 20 e 20: Vamos Dormir; 20 e 30: TV Mundo; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Folhetim «Bela e Sebastião»; 22 e 25: Variedades; 23 e 25: Domingo Desportivo; 23 e 55: XXIX Campeonato da Europa de Hóquei em Patins (Bélgica-Portugal); 0 e 10: Telejornal e Fecho.

II Programa — Às 21 e 28: Abertura; 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: TV 7; 22 e 20: Os Campeões «A Ilha Misteriosa» (Estreia); 23 e 10: TV Clube, com Mirene Cardinalle, Maria Armando e João Fernando, acompanhados pelo conjunto de Shegundo Galarza; 23 e 35: Telejornal e Fecho.



dia a dia

HOJE PODE VER...

«Segredos do Mar Vermelho»: AS PÉROLAS

CERCA DAS 21 horas é exibido o episódio «As Pérolas» da série juvenil «Segredos do Mar Vermelho», com Pierre Massimi, Benjamin Jules Rosette, Monarik Maasri e Jean Claude Marel nos principais papéis.

«Temos que Henry de Monfreid, o francês que resolve tornar-se pescador de pérolas, atraca numa enseada da Eritreia italiana. Ele trava conhecimento com Cheik Issa, um pirata e grande senhor...»

TV CLUBE: Orfeão de Coimbra

REALIZADO por Luis Miranda e transmitido pelas 21 e 55, em «TV Clube» com a participação do Orfeão de Coimbra que interpretará: «In Monte Oliveti», de Francisco Martins; «O Vos Omnes», de Raposo Marques; «O Memoriale Mortis Domini», de Mário de Sousa Santos; «Go Down», de Pierre Kachin (harmonização); «La Belle Si Nons Etions», de Poulene. O Orfeão de Coimbra interpreta, ainda duas canções de S. Miguel d'Acha, do compositor Fernando Lopes Graça e «Os Dose Ladrões» de Joel Canhão (harmonização).

ACTUALIDADE DESPORTIVA

PELAS 23 E 55, vem «Actualidade Desportiva», dedicada ao XXIX Campeonato da Europa de Hóquei em Patins e incluindo o resumo filmado do jogo Suiça-Portugal.

2.º PROGRAMA

O EMISSOR REGIONAL inclui na sua emissão, pelas 21 e 50, o 5.º episódio do folhetim «Os Companheiros de Ghur», com Claude Girand, Gilles Vellettier e Yves Lefvebre. Este episódio, intitulado «Jehu Contra Jehu, inclui também em repetição o programa de variedades «Riso e Ritmo» com Francisco Nicholson, Armando Cortez, «Os Sheiks», Maria da Fé, Ernesto César, José Manuel e Inês de Marcó.

«O FUGITIVO» — BALADA PARA UM FANTASMA

REALIZADO por Walter Grauman, a RTP apresenta, pelas 22 e 55, mais um episódio da série dramática «O Fugitivo» com David Janssen no protagonista, secundado por Janis Paige, Marck Richman, Ann Helm, Paul Fix e Hugh Sanders.

«O dr. Kimble trabalha agora numa estalagem à beira da estrada, que pertence a Johnny. Sua mulher separou-se dele para seguir a carreira artística e torna-se uma grande estrela, com o nome de Hollie Martinque. Sofre, porém, de uma doença incurável...»

David Janssen, na pele do fugitivo e inocente dr. Richard Kimble, continua no caminho da aventura. No episódio de hoje aparece uma grande «estrela»

INÊS DE MARCÓ (cançonetista argentina): Quero triunfar em Portugal

QUANDO A R. T. P. transmitiu o programa «Riso e Ritmo», no dia de Páscoa, uma artista provocou certa curiosidade entre os telespectadores. Cantava em castelhano, duas canções: «Esta Tarde vi Llover» e «Relax», com uma presença insinuante. O genérico final do programa citava o seu nome: Inês de Marcó. Mas quem é Inês de Marcó?

— Inês de Marcó é uma mulher simples com desejo de triunfar aqui em Portugal. Sem ser uma vedeta tem condições para triunfar pelos seus méritos, como já o demonstrou noutros países.

— Sim?

— Sim. Começo então pelo princípio: Nasci em Buenos Aires (sou argentina) e lá enveredei pelo teatro declamado e depois pela revista, sendo 2.ª vedeta em múltiplos espectáculos. Actuei no Chile, que foi a minha primeira deslocação ao estrangeiro. Vim à Europa. Primeira cidade? Barcelona, onde fixei residência. Entretanto, obtive um vantajoso contrato para os Estados Unidos, (Las Vegas e New York) e Porto Rico e de novo voltei a Barcelona. Formei um «ballet» e vim até cá.

— Como aconteceu aparecer no programa de TV «Riso e Ritmo»?

— Há uns anos atrás, estive no Teatro Monumental onde conheci o Francisco Nicholson. Agora, com o meu regresso e um ocasional encontro com ele, nasceu o seu convite para actuar no programa.

(Continua na página seguinte)

— Quero ser a Inês de Marcó que sonhei

canal da crítica

O TERATOLÓGICO PODE SER PEDAGÓGICO?

«O grande vale» no seu episódio de ontem não tinha nada de especial. Era uma banalidade medíocre, igual a tantas com que a indústria americana, a trabalhar em pleno, inunda os mercados mundiais.

No fim, porém, recordei-me da entrevista publicada no último número da revista «Flama» com Ramiro Valadão.

Lá se diz que certos filmes do Oeste são educativos, pois neles a violência leva quase sempre à vitória dos bons sobre os maus.

Parece-me muito precário o argumento para justificar certas americanices violentas, por muitas razões e ainda pela dificuldade em determinar quem são os bons. Os brancos triunfam *sempre* sobre os índios; os brancos são os bons? Os proprietários de um ranchito defendem-no da investida de vaqueiros pobres; são eles os bons? Os donos de um curso de água proíbem, de armas na mão, que gente doutro rancho o utilize; de que lado estão os bons? Etc.

Passado tempo, o lado de onde estava a virtude começa a diluir-se na memória (embora não no subconsciente) dos espectadores. Restam cenas gestos palavras — explosões emotivas concentradas num punhal que se levanta em duas mãos que apertam um pescoço, numa frase mais insólita.

No episódio «Traição» (oredo!, parece nome de tango) o pistoleiro era mau; matava a 25 dólares por cabeça (ah, estas cotações na Bolsa de Nova Iorque!); atraiçoou os seus amigos Barkley. Estes mataram-no, é certo que um pouco sem querer e (até) em legítima

(Continua na página seguinte)

A MELHOR APLICAÇÃO DOS SEUS CAPITAIS É EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

RENDIMENTOS EM PROPRIEDADES, DE 7,5 A 9% COM GARANTIA POR 12 ANOS

DURANTE 12 ANOS V. EX.ª PODE RECEBER DIRECTAMENTE EM CASA, NO N/ ESCRITÓRIO OU NO BANCO, O RENDIMENTO DA PROPRIEDADE QUE NOS COMPRA

em rendimento certo estabelecido, sem qualquer preocupação ou encargo pode ainda habitar ou explorar por aluguer, directamente a mesma propriedade

PREÇOS DOS APARTAMENTOS MOBILADOS

130 000$00 — 210 000$00
140 000$00 — 230 000$00
155 000$00 — 240 000$00
160 000$00 — 250 000$00
170 000$00 — 270 000$00
180 000$00 — 280 000$00
190 000$00 — 300 000$00
200 000$00 — 340 000$00

PREÇOS DOS ANDARES

3 assoalhadas 220 000$00
4 » 280 000$00
5 » 380 000$00
6 » 440 000$00
7 » 600 000$00

TEMOS ANDARES E APARTAMENTOS PRONTOS A FAZER ESCRITURA

LOCAIS ONDE POSSUIMOS ANDARES E APARTAMENTOS

REBOLEIRA - AMADORA — CENTRO DA AMADORA — VENDA NOVA AMADORA (junto à garagem Eduardo Jorge) — PAÇO DE ARCOS (Espargal) — PAREDE (Rua do Lobito, à Quinta do Junqueiro)

MORADIAS LUXUOSAS

9 DIVISÕES ASSOALHADAS, 3 CASAS DE BANHO, COZINHA, GARAGEM, QUINTAL E JARDIM
MAGNÍFICA VISTA DE MAR E SERRA, SITUADA NA RUA JOSÉ FERRÃO CASTELO BRANCO, EM PAÇO DE ARCOS

Azulejos nacionais e estrangeiros — **Plásticos** para revestimentos de paredes e tectos. Toda a gama de materiais de construção, utilidades para o lar, flores, e apetrechos para jardins, encontra V. Ex.ª aos mais baixos preços, nos estabelecimentos da Organização J. Pimenta, em Amadora e Queluz, junto às Estações de caminho de ferro respectivas.

Escritórios — LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º-Esq. — Telos. 45843 e 47843 — QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Tels. 952021/22
AMADORA - REBOLEIRA — Tel. 933670

A nossa organização vende mais barato e com mais garantias porque é a única do país devidamente apetrechada na indústria e comércio do ramo

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

defesa. Ou seja: *a morte na sua pessoa aparece justificada.* Ora desde que se admite a morte justificada, estamos a um passo de admiti-la injustificada.

Se o telespectador disse do pistoleiro *«Tens o que mereces!»* está a reagir afirmativamente á sugestão direita da fita — mas também começa aí a transformar-se num pequeno ou grande monstro, capaz de pertencer á Ku Klux Klan.

Nos olhos dos telespectadores ficam os tiros que prostram o Frank, a coronhada clássica com que o pistoleiro pretendia abater o Heath, o tiro certeiro da rapariga no pistoleiro, etc.

Na sua memória fixam-se, inamente á sugestão directa nável, palavras como *«odeio-o pessoalmente...»* e *«Quando me vir pelas costas, mate-me, pois é o que tenciono fazer-lhe.»*

Ninguém poderá alcançar onde habita o lado positivo, educativo, destes destrambelhamentos emocionais e verbais. A verdade é que o episódio de «O Grande Vale» não passava de uma ingenuidade... que servia de capa ao ferrão, não de um, mas de muitos escorpiões.

- **GINÁSTICA — OS ESQUEMAS ESQUEMÁTICOS**
- **O BOM EM REPETIÇÃO PODE SER MAU**
- **«BELA E SEBASTIÃO» — NÃO ME ESTÁ AGRADANDO, NÃO**
- **FERREIRA COM FUNDO DE BEETHOVEN**

A ginástica, do programa feminino, permanece com o defeito já apontado: excesso de esquemas para tão breve tempo de aprendizagem. Logo a seguir, um filme da U. R. I. dedicado á arte romanica. Filme pleno de seriedade, excelente de organização. Fiz a sua crítica há dois ou três anos aquando da sua primeira apresentação.

Repetir o bom pode ser melhor do que ineditar o mau. Mas a boa regra manda que se procure variar o bom — pois a repetição, seja do que for, é contra a natureza: nada se repete, nem na História, nem no pequeno quotidiano. Arte romanica? Pois bem: lá dar-se uma volta pelo norte do País e as estudiosas que apresentaram e comentaram ontem o documentário francês (Maria Luisa Sabbo e Maria Manuela Furtado) tratavam culturalmente do negócio, que ao menos sempre era português e falava de coisas nossas.

Esperei algum tempo pela «Bela e Sebastião» onde alguma coisa, não sei bem o quê, me aflige. Não sei bem o quê ou talvez saiba. A verdade é que as boas intenções produzem ás vezes erradas soluções...

No filme a que me refiro, ao mesmo tempo que se ensina a amar os cães, ensina-se a desconfiar dos homens... Claro, nem todos os homens são maus — mas também nem todos os cães são uns anjinhos...

Quanto a musica, continuamos bem, muito obrigado. Na Televisão portuguesa, tudo o que não tiver palavras, tudo o que for só musica — luz verde. É verdade que a quantidade nem sempre é pedagógico por si mesmo. Para ser pedagogia, a quantidade tem de transformar-se em qualidade assimilada. Senão, acontece-nos como aos meninos de Kimberley que jogavam á pedrada com diamantes...

Sem duvida que Madalena Sá e Costa e Helena Costa merecem as melhores atenções e gratidão do publico telespectador por aquela interpretação de Beethoven, tão cheia de dignidade. Mas a verdade é que a própria TV teve o seu recital em conta pouca: ela que o genérico surge enquanto zarpam as ultimas arcadas do violoncelo... Que ideia se faz pelo Lumiar da emoção estética — não faço a mínima ideia. Mas o realizador Fáliz Correia seria capaz de nos chamar a atenção para a sua realizadorice, enquanto se recitavam os ultimos versos de um poema de Fernando Pessoa, por exemplo?

Que pergunta a minha! Claro que era capaz disso e muito mais. Embora, claro, ter nome na pantalha com fundo de Beethoven e cenário de duas excelentes artistas, seja muito mais agradável, num é?

MÁRIO CASTRIM

Antigos alunos da Escola Rodrigues Sampaio

Hoje, pelas 20 horas, realiza-se, num restaurante do Campo Grande, o jantar de confraternização comemorativo do 28.º aniversário da Associação dos Antigos Alunos da Escola Comercial de Rodrigues Sampaio.

Assistirão antigos professores da Escola, antigos alunos da Preparatória e sócios fundadores, além dos representantes das associações congéneres.

As inscrições devem fazer-se até hoje, das 22 ás 23 horas, na sede da Associação, Calçada do Combro, 141-1.º, esq.º, ou pelo telefone 370535 dentro do mesmo horário.

INÊS DE MARCÓ

(Continuação da pág. anterior)

— Agradou-lhe a sua actuação?

— Não totalmente. Creio poder fazer mais e melhor. A minha actuação foi muito fugidia e generalizada no meio de todos os que actuaram, sem uma prévia apresentação, o que motivou a ignorância do público a meu respeito, e pior, ainda, acerca do meu valor.

— Quais as suas canções mais representativas?

— Bom, como argentina gosto muito do tango, como é óbvio, mas canto música moderna.

— O que pensa da nossa vida artística?

— Penso que se trata de um meio um pouco fechado, como em todos os países. O português ama o fado e é isso o que conta para ele. No entanto, a sua fidalguia leva-o a aceitar o artista estrangeiro e a acarinhá-lo e se ele tem valor, pode tentar algo aqui.

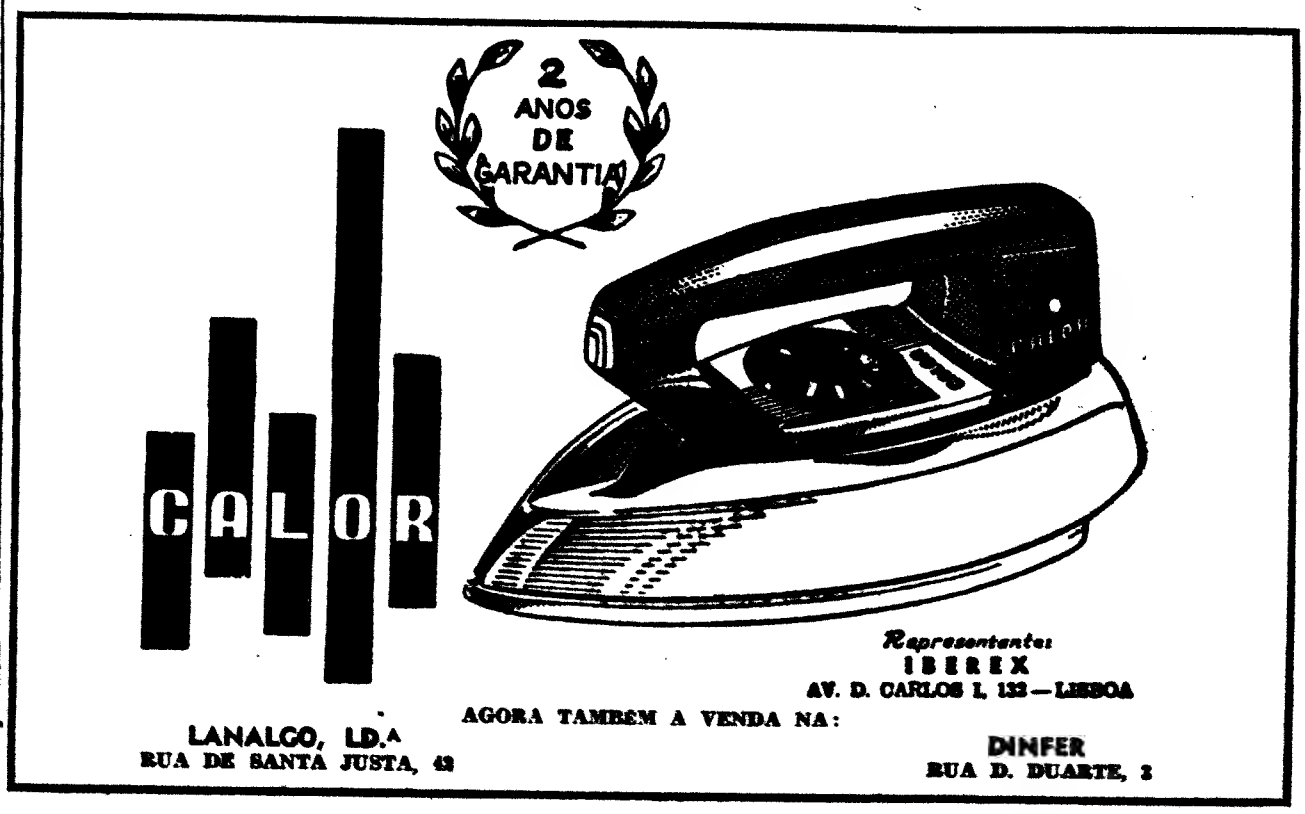
— Projectos?

— Viajar. Cumprir um contrato no Teatro Nacional de Buenos Aires para interpretar um papel numa comédia. Se for possível, antes ainda, actuarei um programa de Variedades ou TV Clube, na vossa TV. É um dos meus maiores desejos.

— E mais?

— Chegar a ser a INÊS DE MARCÓ que sonhei.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITANICA DE TV



Representantes:
IBEREX
AV. D. CARLOS I, 132 — LISBOA

AGORA TAMBÉM A VENDA NA:

LANALGO, LD.ª
RUA DE SANTA JUSTA, 42

DINFER
RUA D. DUARTE, 2

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

A CRÍTICA

O lamentável incidente ocorrido no Aeroporto das Pedras Rubras, a propósito (aliás, a despropósito) de uma crítica á selecção nacional de futebol, está longe de poder considerar-se coisa exclusiva do agitado arraial desportivo. Seria menos grave se assim acontecesse — mas não. E ainda recentemente tivemos de surpreender-nos com os insultos e as ameaças de violência (por escrito) dirigidos pelo autor e encenador de determinada peça teatral ao crítico que lhes apreciou a obra. E podíamos ainda falar de outras coisas mais, muitas mais...

É um problema que transcende de largo o sector desportivo para atingir, entre nós, uma generalidade desconsoladora. Um problema de mentalidade e de educação a que não se furtam alguns (muitos) com obrigações e responsabilidades *pensantes*. O que se verifica é que, de uma maneira geral, se reconhece e defende o direito à crítica — mas que raros sabem receber uma crítica desfavorável. O mais leve reparo, a mais justa das censuras, levam quase sempre á exasperação, à ira e ao desejozinho de vingança os responsáveis pelas obras criticadas, quer se trate de um simples jogo de futebol ou de coisa pomposa, de mais altas cavalarias.

Ao fim e ao cabo, que pretendem essas pessoas? Que deixe de haver crítica? Nem por sombras! Apenas desejam que, quanto lhes toca a si próprios, as críticas sejam rosários de elogios e louvores. Duras e desaprovadoras, está bem, quando sejam para os outros...

É evidente que nem sempre o crítico terá total razão. Mas por isso mesmo ele assina habitualmente os seus escritos, para lhes dar o cunho de opinião *pessoal* em matéria que admite, muitas vezes, outras opiniões. E, assinando, está a avalizar a sua intenção de *verdade*.

E vamos lá: em noventa por cento das vezes em que as críticas não se ajustam ás realidades, o erro está nos elogios, não nas reprovações. Pois ainda não dei por um unico senhor que aparecesse a contestar a *justiça* de uma crítica elogiosa, mesmo que se trate do mais evidente disparate! Porque é que não acontece? Estou á espera de ver alguém zangar-se por lhe chamarem «ilustre», o que não é, ou «brilhante», o que nunca foi, ou por apelidarem as suas obras de «magníficas», «geniais» ou «inspiradas», sem serem nada disso.

Crítica? Sim senhor, todos acham bem. Mas para si próprio, (e *salvo raras e honrosas excepções...*) cada um prefere a mentira agradável à verdade amarga. No fundo, o que se quer do crítico é que ele seja um mero publicista de virtudes reais ou imaginárias.

Tudo isto porque, tanto no desporto como fora dele, há muita falta de espírito desportivo...

MÁRIO ZAMBUJAL

EM COIMBRA E LUANDA A «TAÇA» RECOMEÇA HOJE

• AMANHÃ: C. U. F. E BELENENSES NAS «ILHAS» E GUINEENSES EM ALVALADE

Hoje, com dois jogos, reata-se o torneio da Taça de Portugal. Trata-se dos oitavos-de-final, disputados em duas «mãos», e a competição vai entrar, agora, em fase mais animada, de mais expectativa, digamos, mesmo, «mais portuguesa». Porque chega a vez de aparecerem na liça as equipas insulares e ultramarinas

Nos jogos de hoje, a Académica, em Coimbra, defronta o Ferroviário, de Moçambique, e, em Luanda, o A. S. A. enfrenta o Benfica. Dois embates que oferecem motivos de interesse (não se esqueça, por exemplo, que o Ultramar tem sido manancial de ases para os clubes metropolitanos). E registe-se que o Ferroviário e o Benfica realizam ambos os seus encontros na Metrópole e em Angola, respectivamente. Recorde-se ainda que os benfiquistas, campeões nacionais, foram recebidos festivamente em Luanda, mais do que nunca desejosa de assistir a uma exibição competitiva da famosa equipa.

Aguarda-se que as representações ultramarinas dêem melhor conta de si do que das outras vezes em que tomaram parte na Taça de Portugal. Valores individuais não lhes escasseiam. O que lhes tem faltado é um contacto insistente com adversários mais evoluidos tácticamente, de preparação mais serena e cuidada, mais rápidos e resistentes.

Amanhã, prosseguem os oitavos-de-final do torneio com mais seis desafios:

Varzim - Vit. Guimarães, Sporting-União de Bissau, Lusitânia-Belenenses, Tirsense-União de Tomar, Leixões-Barreirense- União da Madeira-C.U.F.

Teremos, portanto, mais um interessante despique minhoto (o Varzim subiu de forma, mas os vimaranenses têm boas tradições na «Taça»).

Em Alvalade, parece relativamente fácil a tarefa «leonina» diante da representação guineense. Mas, nestes embates da «Taça», há sempre o aliciante de se admitirem surpresas mais ou menos vultosas...

O Lusitânia, representante dos Açores, recebe o Belenenses. Dia de festa para os entusiastas de Angra do Heroismo. No seu meio, os ilhéus vão-se tornando temíveis...

Em Santo Tirso não deverá ser fácil o trabalho dos unionistas de Tomar.

No Estádio do Mar, contra o Leixões, o Barreirense, de novo na 1.ª Divisão, e ora treinado por Manuel de Oliveira, que também já esteve ao serviço do clube matosinhense, terá, naturalmente, o ensejo de alcançar resultado que recomende o embate da segunda «mão»...

Finalmente, no Funchal, o União local terá na Cuf adversário de muito respeito. Os madeirenses, no entanto, continuam a trabalhar com afinco para escalar os mais altos postos do futebol nacional.

Possibilidades não lhes faltam. Falta-lhes, sim, igualmente, tal como sucede com os ultramarinos, um contacto mais aturado com as equipas continentais. Poder-se-á contar com um bom resultado para os madeirenses, o qual lhes permite valorizar o segundo encontro, a disputar no Barreiro.

EXEMPLO

É uma inequívoca verdade a modéstia (iamos a escrever pobreza) da nossa actividade desportiva no plano das modalidades que (excluidas três ou quatro) não gozam dos favores do público, na generalidade mais interessado na emulação clubista do que na autêntica cultura física através do desporto.

Nem sequer valerá a pena ignorar os factos que reforçam e alicerçam este conceito: ainda que á quantidade, não corresponda qualidade, bastará consultar o número de praticantes inscritos nas respectivas Federações e confrontá-lo com o de países de semelhante estatura geográfica para se observar uma flagrante condição de inferioridade.

E no entanto sempre se reconheceu a habilidade natural que alardeamos em quase todos os sectores que nos permite, muitas vezes, num âmbito de plena improvisação, a momentânea equivalência em acidentais confrontos, a disfarçar insuficiências e a criar até uma óptica ilusória para se gritar uma evolução inexistente, uma ideia de progresso que até se poderia aceitar, se noutros pontos do universo este se não processasse em ritmo mais acelerado e consequentemente a tornar mais largo o fosso que, desportivamente, nos separa do «resto do pelotão». Mais uma achega, deplorável, vem, exactamente, pôr em evidência essa fragilidade estrutural da nossa organização desportiva: a Federação de Esgrima não pode fazer disputar o campeonato nacional de sabre porque não se inscreveram naquela competição, o mínimo, quatro equipas em representação de três salas de armas. Medite-se: um campeonato nacional. Poderá então supor-se a existência de problemas marginais a travar a nossa progressão e a não permitir a paridade desportiva, não diremos com os da vanguarda, mas pelo menos com os que ocupam uma posição intermédia numa escala de valores?

L. V.

A «TAÇA» FOI AO ULTRAMAR

BENFICA E A. S. A.

— DUAS EQUIPAS QUE QUEREM VENCER

LUANDA, 10 — (L.) — É verdadeiramente extraordinário o ambiente que rodeia a equipa do Benfica, que se encontrà nesta cidade, para defrontar o A.S.A., no jogo da primeira-mão da eliminatória da «Taça de Portugal» de futebol.

Entretanto, continuam a chegar de todos os pontos da província numerosos adeptos para assistirem ao encontro e muito especialmente para verem em acção a equipa dos campeões nacionais. O entusiasmo é de tal ordem que «chovem» pedidos de bilhetes, como se fosse possível albergar nos «Coqueiros» 40 ou 50 000 pessoas, quando a sua lotação é apenas de 14 mil lugares. Mas a verdadeira dimensão de todo o entusiasmo é dada pelos adeptos benfiquistas de S. Tomé, que fretaram um avião só para ver jogar o seu clube.

O A. S. A. E O BENFICA TREINARAM NO RELVADO DOS «COQUEIROS»

O A. S. A. tem rodeado os próximos jogos com o Benfica das maiores cautelas. Durante toda a semana cumpriu um plano de preparação para poder apresentar os seus jogadores, na sua melhor «forma», frente ao poderoso clube metropolitano.

Sob a direcção do treinador Humberto Frade e do seu «adjunto» Orlando Moreira, a equipa treinou-se nos «Coqueiros», encontrando-se presentes os seguintes elementos: Fobe, Manuel Carlos, Faria, Ingulla, Justino, Armindo, Garrido, Valente, Sousa, Gaspar, Juvenal, Dinis, Sabu, Prado II, Daniel, Cruz, Pratas e Catalão.

Após ligeiros exercícios de aquecimento, feitos por trás de uma das balizas, os jogadores foram para o relvado, onde efectuaram diversos exercícios de troca de bola e onde Orlando Moreira, submeteu os guarda-redes a intensa preparação.

Seguiu-se uma «pelada» de adaptação dos jogadores ao relvado.

Todos os jogadores se apresentaram bem, á excepção de Juvenal que não está em perfeitas condições físicas, esperando-se, no entanto, que recupere até á hora do jogo. Contudo, o jogador queixa-se do joelho, sendo muito possível que venha a ser substituído por Sabu, futebolista de bons recursos que alinhou no Sporting de Braga e no Atlético.

DINIS, COM ARES DE «VEDETA»

Durante o treino do A. S. A., em que os jogadores que se aplicaram com muito entusiasmo, sobressaiu Diniz, que logo no início da sessão desferiu três remates que impressionaram vivamente. O próprio jogador deu conta dos sentimentos á Imprensa, afirmando: «*Vou começar a habituar-me á defesa do Benfica. Sei que será difícil, mas só deixarei de tentar quando o árbitro der o jogo por terminado. Seria para mim uma grande alegria marcar um golo ao José Henrique.*»

«UMA EQUIPA QUE SE PREZA SÓ PODE PENSAR NA VITÓRIA» — diz o treinador do A. S. A.

No final do treino o treinador do A. S. A., Humberto Frade, falou aos jornalistas, declarando: «*Vamos fazer tudo para conquistar um bom resultado. Em futebol não há impossíveis e uma equipa que se preza, quando entra em campo, não pode pensar noutra coisa que não seja na vitória.*»

Entretanto, treinou o Benfica nos «Coqueiros». Muitos «mirones» a ver o Benfica e a «saborear» os remates e exercícios dos jogadores «encarnados» que, apenas, fizeram uma ligeira «pelada» para desentorpecimento muscular.

AS EQUIPAS PROVAVEIS

Muito embora os técnicos de ambas as equipas ainda não tivessem divulgado quais as constituições que apresentarão no relvado, pensa-se que Otto Glória fará alinhar a mesma equipa que jogou em Tomar, no ultimo encontro do Campeonato Nacional e que Humberto Frade, apresente a mesma turma que alinhou no ultimo jogo do Campeonato Distrital de Luanda.

Assim, é possível que as duas equipas se apresentem com as seguintes constituições:

A. S. A. — Manuel Carlos; Faria, Garrido, Ingulla e Armindo; Valente e Sousa; Cruz, Gáspar, Juvenal (ou Sabu) e Dinis. Como suplentes possíveis: Germano, Justino, Catalão, Pratas e Prado II.

BENFICA — José Henrique; Adolfo, Humberto Coelho, Zeca e Jacinto; Toni, Coluna; Jaime Graça, José Augusto, Eusébio e Simões. Como suplentes estarão Nascimento, Raul, Praia e Torres.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

ESTÁGIO PARA ÁRBITROS E TREINADORES DE BASQUETEBOL

Ds 15 a 21 de Junho a Federação Portuguesa de Basquetebol, com o patrocínio do Fundo do Fomento Desportivo e a colaboração do I. N. E. F., promove a realização de um estágio de informação para treinadores e árbitros de basquetebol.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

DOMINGO DESPORTIVO

ANDEBOL DE SETE — Campeonato de Lisboa de Juvenis: Sporting B-Passos Manuel; C. Boa Hora-Passos Manuel; A. C. D. U. L.-Campo de Ourique e Encarnação Madre de Deus no pavilhão da Ajuda a partir das 9 horas.

ANDEBOL DE ONZE — Campeonato de Lisboa: Belenenses-Almada e Oriental-Vendedores de Jornais.

ATLETISMO — Campeonato Nacional de Juvenis (femininos), 2.ª jornada, em Setúbal, ás 10 e 30.

— Festival do 40.º aniversário da A. A. L. e pentatlo técnico de seniores (masculinos), ao Estádio Universitário, ás 15 e 30.

BASQUETEBOL — Taça de Portugal (masculina): Barreirense-B.P.M., no ginásio do Barreirense, ás 10 horas. Taça de Portugal (feminina): Académica-C. D. U. L., C. D. U. P.-C. U. F., Benfica-Porto e V. Setubal-Sanjoanense, nos recintos dos primeiros todos ás 11 horas.

— Campeonato Nacional da III Divisão: Montijo-Quelfuz, na Marinha Grande, ás 16 e 30.

CICLISMO — Troféu «Laranjina» Cx. 3.ª prova, na distância de 150 quilómetros, com partida do Campo Grande (2.ª circular) ás 9 horas, e chegada a Loures.

— Campeonato de Lisboa, de fundo, para amadores seniores (2.ª prova).

— Provas de preparação para amadores juniores e populares.

HIPISMO — Poules da Sociedade Hípica Portuguesa, no hipódromo do Campo Grande, ás 15 horas.

RAGUEBI — Campeonato nacional (última jornada): Direito-Benfica (9 e 30) e C.D. U.L.-Académica (11 e 30), no Estádio Universitário; C.D.U. P.-Técnico, ás 11 horas, no Estádio do Lima.

— Campeonato Nacional de reservas (repetição): C.D.U.L.-Benfica.

— Campeonato nacional de juvenis: Direito A-C. D. U. L., Belenenses A-Benfica, Direito B-Belenenses B e Académica-E. E. Navarro.

— Campeonato nacional de juniores: Benfica-Belenenses, Económicas-Técnico e Académica-C.D.U.L.

TÉNIS — Taça «Davis» — Última jornada do Portugal-Israel, no Estádio Nacional, ás 14 e 30.

TÉNIS DE MESA — Torneio de Consolação de infantis (equipas): Combatentes A-Mirantense, Combatentes B-Casa Pia e Rodrigues Cordeiro-Ateneu Comercial, nas mesas dos primeiros, ás 10

TAÇA «DAVIS»

MAU COMEÇO DOS PORTUGUESES NO ENCONTRO CONTRA ISRAEL

Não começou bem para a equipa nacional o encontro da 1.ª eliminatória da Taça Davis, que ontem principiou no Estádio Nacional, com a presença do Chefe do Estado e do director-geral dos Desportos e em que o adversário foi o Israel.

Disputaram-se, como é da praxe, os dois primeiros singulares e ambos foram ganhos pelos jogadores israelitas, o que torna sobremaneira difícil á equipa de Portugal, a recuperação e chamar a si um triunfo, que muitos julgaram ao seu alcance, como em 1966.

Há três anos a vitória fugiu aos jogadores lusitanos, por manifesta falta de sorte. Desta vez, as duas vitórias de Israel têm de aceitar-se sem rebuço.

Josef Stabholz não teve dificuldades para derrotar João Lagos. O resultado de 6/2, 6/3 e 6/0 nada tem de enganador, mas tem tudo de desolador.

Ao invés, a vitória de Elazar Davidman sobre Vaz Pinto (6/2, 4/6, 3/6, 7/5 e 6/3), já não pode considerar-se desonrosa e tem mérito de ficar bem traduzida pelos números do resultado. Vaz Pinto perdeu, é certo. Mas, deu sempre boa réplica. Lástima que tenha sido tão irregular, pois tendo-lhe pertencido os lances mais fulgurantes da partida, teve de permeio jogadas inadmissíveis num jogador da Taça Davis. Ficou-nos a impressão de que o intervalo que se seguiu ao 3.º «set» lhe foi fatal, quebrando-lhe o ritmo em que estava a actuar e que lhe permitiu impor ao adversário os cinco «sets».

Veremos como se comportam os nossos jogadores nas três restantes partidas — hoje a de pares, amanhã as de singulares.

Salvador Garcia

Devido a uma «gralha», facto que somos os primeiros a lamentar, saiu adulterado o texto da carta recebida da U. E. F. A. pelo árbitro Salvador Garcia cujo verdadeiro conteúdo é o seguinte:

«Em resposta á vossa carta de 28 de Abril tenho o prazer de o informar de que o artigo que surgiu num jornal segundo o qual a U. E. F. A. teria recusado utilizar os vossos serviços nos desafios das suas competições, não tem fundamento. Com efeito nenhuma decisão foi tomada a esse respeito.

«Julgamos saber que se produziu um incidente por ocasião de um jogo de qualificação para o Campeonato do Mundo, pelo qual a F. I. F. A. e não a U. E. F. A. é responsável.»

O «Europeu» de Hóquei em Patins

LAUSANA, 10 — (F. P.) — Resultados da 7.ª jornada do Campeonato da Europa de hóquei em patins:

Alemanha, 6-Bélgica, 2
Portugal, 2-Suíça, 0
Espanha, 5-Holanda, 1

CLASSIFICAÇÃO GERAL

1.º, Espanha, 6 jogos, 12 pontos; 2.º, Portugal, 6-12; 3.º, Holanda, 6-10; 4.º, Alemanha, 6-6; 5.º, Suíça, 6-4; 6.º, Bélgica, 6-4; 7.º, França, 6-2; 8.º, Itália, 6-2; 9.º, Inglaterra, 6-0.

HOJE À NOITE

ANDEBOL — Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, seniores: Benfica-Est. Vigorosa (na Luz), ás 22 h. Juniores: Belenenses-C. D. U. P. (em C. Ourique), ás 21 e 30.

— Campeonato Nacional da 2.ª Divisão, seniores: Almada-Técnico (em Almada), ás 22 horas. Juniores: Passos Manuel-C. Ourique (no L. Passos Manuel), ás 21 e 30.

BASQUETEBOL — Taça de Portugal (masculina): Faculdade de Ciências-Benfica, ás 22 horas; Académico-Académica, ás 21 e 30; Ginásio Figueirense-Farense, ás 21 e 30.

GINÁSTICA — Sarau comemorativo do aniversário do Barreirense, no Barreiro, ás 21 e 30.

LUTA GRECO-ROMANA — Campeonato Nacional: Acad. Amadora-Baixa da Banheira, Sporting Linda-a-Velha-Runa e Ateneu-Sporting, nas salas dos primeiros, ás 22, 21 e 30 e 22 horas.

TÉNIS DE MESA — Taça dos Campeões: V. Setubal-F. C. Porto e Ginásio Figueirense-Benfica, em Espinho, ás 21 e 30.

No Porto

TÉNIS DE MESA

TAÇA DOS CAMPEÕES — F. C. do Porto-Vitória de Setúbal e Benfica-Ginásio Figueirense, a partir das 21 e 30, no salão da piscina de Espinho.

7.º CAMPEONATO VAREIRO — Jogos a partir das 21 e 30, no salão do Orfeão de Ovar.

XADREZ

TORNEIO DAS ESPERANÇAS — Ás 21 horas, na sala do Grupo de Xadrez do Porto.

DIVERSOS

No Ramaldense Futebol Clube — Às 20 e 30, na sede do clube, eleição dos novos corpos gerentes.

Na Associação Desportiva de Grijó — Às 21 e 30, acto de posse dos novos corpos gerentes.

Produções Lança Moreira

● **Relatos dos jogos Varzim-Guimarães e Leixões-Barreirense**

Produções Lança Moreira apresentam amanhã os relatos directos e integrais dos seguintes encontros da Taça de Portugal:

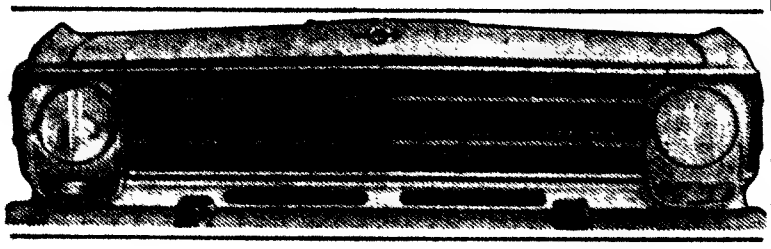
Varzim-Guimarães — Pelos Emissores do Norte Reunidos.

Leixões-Barreirense — Simultâneamente pelos emissores de Lisboa e Porto de Rádio Clube Português.

No decorrer destes encontros, P. L. M. estarão em permanente contacto com a redacção do «Diário de Lisboa» donde serão fornecidas frequentes e completas informações de toda a actividade desportiva do dia, tanto do País como do estrangeiro, incluindo resultados *em cima da hora* dos jogos que se realizam nos outros campos e, ainda, a chave do Totobola.

No intervalo, P. L. M. irradiarão mais uma edição da rubrica «O Caso da Semana».

UM LEVE TOQUE NO ACELERADOR



...desperta toda a imaginação do seu novo OLYMPIA. Ele descobre sempre o momento rigoroso de arranque a velocidade exacta nas curvas, a precisa distância para travagem. O ritmo das linhas, a ocupação do espaço são de facto a imagem expressiva da elegância e da técnica.
Nervoso como um puro sangue, o OLYMPIA torna-se dócil quando dominado por um grande volante: VOCÊ!

A TÉCNICA E A ELEGÂNCIA NUM CARRO EUROPEU

OPEL

OLYMPIA

3 modelos — 2 portas/4 portas / Coupé

GM

Um produto General Motors montado em Portugal com componentes fabricados em todo o país.

CARTAZ DOS CINEMAS

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Technicolor
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Uma comédia transparentemente íntima e escandalosamente feliz!
A FELICIDADE DA SR.ª BLOSSOM

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 50595
Às 3 da tarde e 9.30 da noite
4.ª SEMANA
Alain Delon, Romy Schneider e Maurice Ronet em
A PISCINA
Um filme de Jacques Deray

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
c/ James Coburn, James Mason e James Fox
UMA INCÓGNITA CHAMADA DUFFY
Duffy é um homem especial
Duffy é um homem estranho

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54153
Às 15, 18.15 e 21.30
3.ª SEMANA
MAYERLING
com Omar Sharif, Catherine Deneuve, Ava Gardner e James Mason

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763000
Às 15.45 e 21.45 (Technicolor)
A FELICIDADE DA SR.ª BLOSSOM
Uma comédia transparentemente íntima e escandalosamente feliz!

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 388743
Às 21.30 h.
Às 15.15, 18.15 e 21.30
George Peppard e Raymond Burr numa história vivida com nervos de aço!
UMA NOVA CARA NO INFERNO
SCOPE COL.
Metro: PICOAS

IMPÉRIO
(M. 12 anos) Tel. 555134
3.ª SEMANA
Às 15.15, 18.30 e 21.30
70 m/m Moscolor
Vencedor do Óscar para «O melhor filme estrangeiro do ano»
NATASHA
2.º episódio de «Guerra e Paz»

AVIS
(M. 12 anos) Tel. 47163
Às 18.30 e 21.45
002 CONTRA AL CAPONE
Techniscope — Technicolor com Franco Franchi, Ciccio Ingrassia e Moira Orfei

CONDES
Telefs. 322523 - 326730
Às 15.15, 18.15 e 21.30
(M. 12 anos)
CUSTER HERÓI DO OESTE
70 mm — Supertechnirama Technicolor
com Robert Shaw e Mary Ure

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 21.45
Uma história vivida com nervos de aço!
UMA NOVA CARA NO INFERNO
com George Peppard — Gamie Hunnicutt — Raymond Burr
TECHNICOLOR

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 326365
HOJE: 15.15 e 18.15 e 21.30
Uma notável comédia policial cheia de imprevisto e emoção
CAÇA AO OURO
com os brilhantes artistas Mireille Darc, Jacques Sernas e maravilhosas raparigas em «bikinis»
(Eastmancolor)

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30
em Panavision e Technicolor
COM A PEDRA NO SAPATO
com Rex Harrison, Rosemary Harris e Louis Jourdan

CHIADO TERRASSE
(M. 12 anos) Tel. 320917
Às 21 h.
7 NOIVAS PARA 7 IRMÃOS
MELODIA INTERROMPIDA

ESTUDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Emigrantes portugueses
O SALTO
com Marco Pico e Ludmila Mikael
Realização de Christian de Chalonge

VOX
(Adultos) Tel. 720000
Às 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA de enchentes!
Simone Signoret, James Caan e Katharine Ross num filme que entra pelo fantástico, onde o normal torra as proporções do bizarro..
JOGOS PERIGOSOS
Cinemascope-Technicolor
Av. Frei Miguel Contreiras

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
Às 15.15, 18.15 e 21.30
HOJE EM 2.ª SEMANA DE ENCHENTES
UM ÊXITO SENSACIONAL DE CONSTANTE GARGALHADA
BONANÇA & C.ª
com Eugénio Salvador, Nicolau Breyner, Mariema e outros consagrados artistas

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
Às 17 e 21.30
O DESCONHECIDO DESEJADO
com Biby Anderson, Bruno Cremer e Frederic de Pasquale

MONUMENTAL
(Adultos) Tel. 555131
7.ª SEMANA
Às 15 e 21.30
FUNNY GIRL
Uma rapariga endiabrada
com Barbra Streisand e Omar Shariff

LIDO
Praça D. João I — Amadora
(M. 17 anos) Tel. 927593
Às 15.30 e 21.30
Um filme impressionante que jamais esquecerá
Peça informações no Cinema pelos Tels. 93.75.95 e 93.58.24

ESTÚDIO
(M. 12 anos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
7.ª SEMANA
Technicolor — Techniscope
CHARLY
Um filme de Ralph Nelson com Cliff Robertson e Claire Bloom

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Technicolor — 5.ª SEMANA
O maior filme policial dos últimos vinte anos
STEVE McQUEEN é
BULLITT
Você jamais o esquecerá!

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
Às 21 horas
A CONDESSA DE HONG-KONG
O LENÇO FATAL

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
Às 21 h
DOIS IRMÃOS SICILIANOS
CINDERELA EM PARIS

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

COLISEU — Às 21 e 30: «Ballet» polaco» (12 anos)
TRINDADE — Às 21 e 30: (ópera) «Traviata» (12 anos)
A B C — Às 20 e 45 e às 23: «Elas é que sabem» (17 anos)
CASA DA COMÉDIA — Às 22: «Dança de morte» (17 anos)
GIL VICENTE—Às 21 e 45: «Maria Stuart» (12 anos)
VASCO SANTANA — Às 21 e 45. «Anatomia de uma história de amor» (12 anos)
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «A esfera facetada» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45: e às 23: «Mãos à obra» (17 anos)
LAURA ALVES — Às 20 e 45 e às 23: «Pepsie» (17 anos)

CINEMAS

CINEARTE—Às 21: «Robert Carlos em Ritmo de aventura» (12 anos).
PARIS — Às 21: «Mansol e o Toureiro» (12 anos)
ROYAL — Às 21: «Das Ardenas ao Inferno» (17 anos)
ARCO IRIS—Às 21: «D'Artagnan contra os 3 mosqueteiros» (12 anos)
JARDIM — Às 21: «Petulia» (17 anos).
OLIMPIA — Às 9: «Tarzan encontra o filho» (12 anos)
CINE-MOSCAVIDE — Às 21: «O continente perdido» (12 anos)
CAMPOLIDE — Às 21: «Um iate para Jamaica» (12 anos)
CINE-ORIENTE — Às 21: «A pistola do mal» (12 anos)
ENCARNAÇÃO—Às 21: «Eles com Elas» (12 anos)
SPORT L. BENFICA—Às 21 e 5: «Operação Poker» (12 anos).
IDEAL—Às 21: «Blue» (17 anos).
VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «100 000 dólares para Ringo» (17 anos)
UNIVERSAL — Às 21: «Laços eternos» (17 anos)

BOMB. VOL. LOURES — Às 21 e 30: «Camarada mini-saia» (17 anos)

● Linha de Cascais

ALGÉS—STADIUM—Às 21 e 30: «A nova estava em perigo» (anos)
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Homens e mulheres» e «Viva Django» (17 anos)
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Operação paraíso» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 21 e 30: «O desconhecido desejado» (17 anos); CINE-ESPLANADA—Às 21 e 30: «Contrafilas analfabeto» (6 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Raquel Raquel» (17 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 5: «O Vale do Arco Íris» (12 anos) e ACADEMIA — Às 21 e 5: «O desafio das Águias» (12 anos)
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «Safira» e «Elas são mais perigosas» (17 anos)
BARREIRO — GINÁSIO — Às 21: «Amor louco amor» (17 anos).
BARREIRO — CINE BARREIRENSE—Às 21: «A máquina do crime» (17 anos)
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «Esta noite é minha» (17 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA—Às 21 e 5: «Ouro em Londres» (12 anos)

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Oliver» (12 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21: «A Deusa de Ouro» e «Meu pai e eu» (12 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Batalha sem regresso» e «O oportunista» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Ninguém me pode acusar» e «A fronteira do Mississipi» (17 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Duelo sem tréguas» (17 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «A fronteira do medo» (17 anos)

BAILE NO CLUBE SANTA CATARINA

O Clube de Futebol Santa Catarina, realiza esta noite, às 22 horas, na sua sede, na Calçada do Combro, 49, 1.º, em Lisboa, mais um baile que será abrilhantado pelo conjunto «Moonlight».

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno B

AJUDA — Lopes Ribeiro, R. do Cruzeiro 117 (633288) ● Boa Hora, R. dos Quartéis, 25-27 (637777)
ALCÂNTARA — Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-B (637020)
ALVALADE — Alvalade, Av. da Igreja, 18-A (712070) ● Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (712808) ● Paris, R. Reinaldo Ferreira, 5-A-B ao Pote d'Água (710 31)
AREEIRO — Vera Cruz, Pr. Afrânio Peixoto, 2-B (à Av. S. João de Deus) (724941) ● Onilde, Av. João XXI, 3-A (726848) ● Gasparinho, Rua Dr. Gama Barros, 54-A (710465)
ARROIOS — Oriental de Lisboa, R. Arroios, 2'5 (45079)
AVENIDAS NOVAS — Miranda, Campo Pequeno, 36-B-C (junto à Av. Sacud Cabral) (770776) ● Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (40592) ● Sagres, Aven. Luís Bivar, 69-7 (472 3) ● Correia de Almeida, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (47385)
BAIRRO DOS ACTORES E ALAMEDA — Nobel, R. Actor Vale, 53 (junto à Fonte Monumental lado Sul) (842 52)
BAIRRO ALTO — Labor, R. Diário de Notícias, 81 (323428).
BAIRRO DAS COLÓNIAS — Colonial, R. Forno do Tijolo, 40 (84 22)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zira, P. das Casas Novas, 66 (310172)
BAIRRO DA MADRE DE DEUS — Romana, Rua B 1, à R. Marquês de Olhão, (383800)
BAIXA — Estácio, Pr. D. Pedro IV, 60-63 (327067-324224) ● Morão, R. da Assunção, 7-9 (321289).
BENFICA — Benfica, Estrada de Benfica, 678-E (702532) ● Sousa, Est. de Benfica, 429-43 (780027)
CAMPO DE OURIQUE — Porfírio R. Franc. Metrass, 59 (663349)
CAMPO GRANDE — Neoterapia, Campo Grande, 138 (774682).
CAMPOLIDE — Central de Campolide, R. General Taborda, 17 (680304) ● Ivone, Lda., Rua Silva Carvalho, 282-C (650760)
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33-35 (780181)
CONDE DE REDONDO — Jaime José da Costa, R. Conde de Redondo, 68-72 (54342).
ESTEFÂNIA — Universal, R. Actor Taborda, 5-7 (44158)
ESTRELA — Paivas & Parente, R. de Santo António à Estrela 96-98 (665196) ● Martins, Calçada da Estrela, 67 — (660823)
GRAÇA — Arnall, R. das Escolas Gerais, 88-A (863940) ● Morão, L. da Graça, 63 (860700).
INTENDENTE — Intendente, L. Int. Pina Manique, 50 (47838)
LUMIAR — Alameda, Av. das Linhas de Torres, 20-B (790942) ● S. Tomé, Est. do Desvio lote, 12-C (790704)
MADRAGOA E SANTOS — Fonteoura de Carvalho, Rua de Santos-o-Velho, 12 (662075)
OLIVAIS — Marvila, R. Direita de Marvila, 25 (381612) ● São Paulo, R. 4, Lote 823, à Estrada de Moscavide—Olivais-Sul (3107) ● Higiene, R. Cidade Vila Cabral ex Rua B n.º 4, L. 43 Zona Poente (310026)
PEDROUÇOS — Ocidental, R. D. Jerónimo Osório 1 P. M. 8 (610256)
PICHELEIRA — Marluz, Calç. da Picheleira, 40-B-C (720703) e 728395)
RATO — Soares, Av. Álvares Cabral, 1 (684282)
REGO — Prates & Mota, Rua da Beneficência, 9 (773728)
RESTELO — Tenera, R. Rodrigo Reinel, 3-A (611814) (à encosta do Restelo próximo dos Moinhos)
S. PAULO — Central R. de S. Paulo, 108 (320389)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Nova Luz, R. D. Domingos Jardo, 28-A (à Av. D. Afonso III) (843439) ● Martins, Lda., Rua Fernão de Magalhães, 33 (849448)
MOSCAVIDE — Santa Bárbara — Rua Francisco Marques Beato, 45-A (Tel. 251234)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes, Av. Comb. G. Guerra 66 (Tel. 213958)
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, -A (242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, R. Costa Pinto, 86 (2436084)
OEIRAS — Godinho, Rua Cândido dos Reis, 98 (2430090)
PAREDE — Grincho, Av. da República, 87-A (247204)
ESTORIL — S. João, S. João do Estoril (261186)
MONTE ESTORIL — Lopes, Rua Hangar, 3 (Tel. 260008)
CASCAIS — Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (280170 — Nova, Estrada de Alvide — Fontainhas (28044).

● Linha de Sintra

AMADORA — Melo, P. D. João I, lote 146 — Bairro Janeiro (932756) ● Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (932210) ● Igreja, P. da Igreja, lote 4 (937740) ● Jardim, Av. Conde de Oeiras, lote X-1 — Reboleira (938424).
DAMAIA — Lemos, R. de Goa, 8-A (971121)
QUELUZ — André, Av. Elias Garcia, 191 (950043) — Queluz, Av. Miguel Bombarda, 28-A (951841).
CACÉM — Central R. Elias Garcia, 55 (2940034).
MEM MARTINS — Quimia, Est. Mem Martins, 65 (9 00 4) ● PEDRO DE SINTRA — Valentim. (980456
SINTRA — Marrazes, Av. Rainha D. Amélia, 0 (980155).
COLARES — Colares, Azoia (299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gemelfo, Afonso dos Santos Jorge 5 — (234 00)
ALHOS VEDROS — Gusmão, Rua Cândido dos Reis (240020)
ALMADA — Galeno, R. Capitão Leitão, 85 (2760565)
BAIXA DA BANHEIRA — Afonso, Est. Nacional 4 (224300)
BARREIRO — Higiénica, Rua D. Manuel I, 18 (22730)
COVA DA PIEDADE — Atlântica, Quinta do Pombal, (274365).
MOITA — Silva Rocha — da República, 6 (230029)
MONTIJO — Higiene, R. José Joaquim Marques, 4 (230370)
SESIMBRA — Lopes, R. Cândido dos Reis, 61 (2290.8)
SETÚBAL — Bocageana, Rua do Romeu (23425) ● Bairros, R. Santos Nicolau (23330)
SEIXAL — Godinho — Praia, 5 (228580)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 361358 ● Companhias Reunidas, 537011 ● Gascidla 538821 ● Gazcidla (dom. e feriados) 382069.
BOMBEIROS — Sapadores 322222 ● Voluntários 538524
POLÍCIA e G. N. R. — Serviço de emergência 115 ● Segurança Pública, 366141 ● Judiciária, 535380 ● Marítima, 326456 ● Internacional, 362721 ● Viação e Trânsito, 42205 ● G.N.R. (área rural), 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 ● Enfermagem permanente, 766161 ● Enfermagem de urgência, 43738 ● Hospital de Santa Maria, 775171 ● Hospital de S. José, 860131 ● Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ● Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ● Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ● Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 ● Caminhos-de-ferro (Estoril), 361121 ● Estação fluvial (T. Paço), 325345 ● Estação Marítima de Alcântara, 668196 ● Estação Marítima da Rocha, 672445 ● Estação fluvial (Belém), 638531.

BOM APETITE

CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(M. 15 anos)

XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B
Telef. 5 73 75
(frente à Embaixada Americana)
ESPECIALIDADE DIÁRIA
GALINHA YO LYN
e o célebre arroz CHAO CHAO

RESTAURANTE
antónio
ABRE BREVEMENTE

RESTAURANTES
«O MANEL»
Todos os dias a famosa LAMPREIA e ARROZ DE FRANGO À MINHOTA
LARGO DO REGEDOR, 7, 1.º
Telef. 34982
Parque Mayer

RESTAURANTE MONDEGO
COZINHA À PORTUGUESA
TRAV. DO FORNO, 15 e 19 (ao Rossio)
TELEFONE 36 81 60

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 44
Telef. 790211
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo aos Sábados e Domingos
AMBIENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO
Parque privativo para automóveis
(Maiores de 15 anos)

RESTAURANTE
CUNHA
SALA PARA BANQUETES
GERÊNCIA DE CUNHA PROPRIETÁRIO DO RESTAURANTE CENTRAL DE PARIS
AV. PARIS, 14-A-Tel. 728968

NOVO RESTAURANTE E SALÃO DE CHÁ NO (POSTO SHELL) EM
AZEITÃO
ESTRADA Lisboa-Setúbal
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR, TOMAR CHÁ

Diário de Lisboa

Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1383
Lisboa 2 — Portugal

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLOGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS — Em Portugal continental o céu estava muito nublado nas regiões a norte do Tejo e pouco nublado ou limpo a sul do referido rio; o vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máximo: Alvalade, 28° mínimo Portalegre, 4°,8

TEMPERATURAS DO AR, AS 9 HORAS — Coimbra, 15°; Faro, 22°, Funchal, 16°; Lisboa, 16°; Penhas Douradas, 13°; Portalegre, 7°; Porto, 15°

TEMPERATURAS OBSERVADAS, AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — No almosfera: 17°,8; na água do mar: 15°

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Ao norte do sistema Montejunto-Estrela: céu pouco nublado, com períodos de muito nublado, durante a madrugada e manhã. Nebulosidade no sovaco matinais, no litoral. Vento fraco. A sul do referido sistema, céu pouco nublado ou limpo e vento fraco.

Amanhã
Nascer às 6 e 29
Ocaso às 20 e 58

Dia 16 Dia 24 Dia 31 Dia 7

MARÉS

PREIA-MAR Dia 0 — 11 e 52 (3,4 m) Dia 1 — 1 e 18 (3,6 m) 13 (3,5 m). Dia 14 — e 8 (3,7 m); 18 e 50 (3,6 m). BAIXA-MAR Dia 0 — 5 e 30 (1,5 m) 17 e 50 (1,7 m) Dia 11 — 6 e 32 (1,8 m); 18 e 50 (1,5 m) Dia 12 — 7 e 24 (1,2 m); 19 e 40 (1,8 m)

Conspiração contra o presidente da Bolívia

LA PAZ 10 — (R.) — O presidente Luís Siles Salinas da Bolívia, revelou que se tinha malogrado uma conspiração para o assassinarem quando regressou a esta capital, depois de ter assistido ao funeral do seu predecessor que se efectuou a semana passada.

SECOL

CRUZEIROS

A OPORTUNIDADE DE RETEMPERAR AS FORÇAS ALIADA A VISITA DE NOVAS CIDADES

12 a 18 de Junho

LISBOA / CASABLANCA / TENERIFE / LAS PALMAS / LISBOA

25 de Outubro a 1 de Novembro

LISBOA / BARCELONA / PALMA DE MAIORCA / GIBRALTAR / LISBOA

(Ambos a bordo do confortável paquete «MOÇAMBIQUE» e com preços a partir de Esc 1.900$00)

INSCREVA-SE NA

SECOL — Sociedade de Excursões e Comércio, Ld.ª

Fundada em 909

Rua do Ferragial 48-1.º, Dt.º Telefs. 32 46 ... 32 16 23
32 44 84 (PPC)
LISBOA - 2

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

QUEIXA CONTRA DOIS POLÍCIAS DO PAÍS VIZINHO

MADRID, 10 — (F. P.) — Dois advogados católicos apresentaram ontem no Tribunal da Ordem Pública de Madrid uma queixa contra seis pessoas, entre as quais dois polícias, que acusam de responsáveis por uma agressão cometida em 21 de Janeiro contra um padre e alguns fiéis da paróquia de Moratalaz, num bairro operário da capital espanhola, soube-se hoje de fonte informada.

Os atacantes que se supõe pertencerem á extrema direita por gritarem: «A' morte os párocos comunistas», agrediram um padre e diversos fiéis.

O prior da paróquia, padre J. M. Gamo, está detido no convento dos Beneditinos próximo de Madrid. Deve comparecer em breve no Tribunal da Ordem Pública por ter autorizado reuniões de «Comissões Operárias» clandestinas nas instalações paroquiais.

MANUEL CRESPO

Hoje, ás 21 e 30, na Galeria Panorama, na Rua Alberto Aldim, em Alfragide (Damaia), será lida a peça de teatro «No principio será a carne», de Manuel Crespo.

Hubert Humphrey vaiado em Londres

LONDRES, 10. (A. N. I.). — O antigo vice-presidente dos Estados Unidos Hubert Humphrey conseguiu escapar ileso, ontem á noite, a uma multidão uivante de estudantes num «Pub» londrino.

Aos gritos de «abaixo Humphrey» e «acabe-se com a guerra no Vietnam», mais de 40 alunos da Escola de Ciências Económicas de Londres partiram copos, espelhos, e deram murros no carro de Humphrey.

Dois operadores da Televisão foram sovados ao tentarem proteger Humphrey.

«Foi uma cena muito desagradável. Havia copos partidos por todo o lado. Os estudantes estavam muito violentos» — disse Martin Leslie, um dos criados do «Pub Casa Branca» em Kingsway.

Humphrey entrara no «Pub» para beber uma caneca de cerveja mas, antes do primeiro trago, os estudantes, que tinham sabido da sua chegada, começaram a entrar vindos de outro bar próximo, obrigando-o e á sua comitiva a tomarem logo o caminho da porta.

Humphrey veio á Inglaterra a convite da «Encyclopaedia Brittanica».

AMANHÃ «MATINÉE» — ÀS 17 H. — NO SALÃO RESTAURANTE

MAORI HAKAS
● FINN JON
● TERESA SILVA CARVALHO
● LES BALLETS DE PIERRE FRANCK

MUSICA PARA DANÇAR:
SHEGUNDO GALARZA
E SEU CONJUNTO
JIRINA'S COMBO
FERRER TRINDADE
E SUA ORQUESTRA
— Maiores 17 anos —

Preços: Chá completo 40$00 (taxas e impostos não incluídos)

NO CINEMA:
HOJE, ás 17 horas: «MATINÉE» INFANTIL (M/6 anos)
• ás 21.30 h.: O DESCONHECIDO DESEJADO (M/17 anos)
Amanhã, ás 17 e 21.30 h.: OS GLORIOSOS MALUCOS DAS MAQUINAS VOADORAS (M/12 anos)
Ambiente climatizado

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

AMANHÃ ÀS 17 HORAS

PAQUIRRI
O TOUREIRO DA MODA

MANUEL CONDE
FREDERICO CUNHA
JOSÉ JÚLIO
E RIVERA PAQUIRRI

FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM
comandados por RHODES SÉRGIO

8 TOIROS DE COIMBRA BARR...

CAMPO PEQUENO

Telefs 771819, 761539, 321712 e 30769

ELABORADO O PROGRAMA DO II CONGRESSO REPUBLICANO DE AVEIRO

AVEIRO, 10 — As jornadas do II Congresso Republicano de Aveiro prometem revestir-se de singular vibração e patriotismo. Todos os dias chegam novas e numerosas inscrições e adesões, vindas dos recantos mais diversos do País.

O secretariado não se tem poupado a esforços e o seu trabalho é realmente enorme, só assim se conseguindo levar a bom termo a patriótica e democrática iniciativa.

O horário das sessões do Congresso acha-se definitivamente marcado, devendo ser 7 essas sessões. São três no dia 15; das 11 ás 13 horas; das 15 e 30 ás 19 e 30 e das 21 e 30 ás 24 horas. No dia 16 haverá também três sessões, a horas iguais. No dia 17, sábado, haverá uma sessão das 10 e 30 ás 12 e 30 horas. Segue-se depois o grande almoço de confraternização republicana.

Ultrapassam já 400 as inscrições para o almoço de confraternização republicana, a efectuar no dia 17, ás 13 horas, em Aveiro.

Dado o grande interesse de muitas partes do País, foi prolongado o prazo de inscrição até o dia 12 inclusivé. Nesse dia encerra impreterivelmente a inscrição.

Representação de portugueses do Brasil

Os capitães João Sarmento Pimentel e Francisco Sarmento Pimentel e Alexandre Antunes Pereira, Mário da Silva Bodas, Carlos Assunção Neves, Manuel Ferreira Moura, Fernando Ramos, Manuel Rodrigues da Silva, do Centro Republicano de São Paulo, enviaram uma mensagem ao coronel Helder Ribeiro, antigo ministro da República, para os representar no II Congresso Republicano de Aveiro.

Novas adesões ao Congresso

Chegam continuamente telegramas e mensagens de adesão ao Congresso. Entre outras as dos srs. Costa Mendes, das Mercês, Lisboa; Alberto Cardoso Mendes, de Proença-a-Nova, dr. Constantino Fernandes, de Lisboa; dr. Vilhena de Andrade, do Porto, redacção do jornal «República», Domingos de Oliveira, de Tomar; Dário Bastos e dr. Manuel Cornijo, do Porto, Fernando Francisco de Almeida Galacho e Mário R. Sampaio, de Paris, Albano Maio Assis Lopes, de Lisboa, José Rabaça, de Manteigas, dra. Guilherme Tinoco de Faria e Artur Cunha Coelho, de Braga, dr. António Marinho Dias, de Celorico da Beira, dr.s Alvaro Monteiro e Lopes Vieira, de Viseu, Eduardo Pinto de Carvalho, de Castro Daire, Dávid Pinto Coelho, de Verride, Figueira da Foz.

Um telegrama e uma mensagem

Do rev. Padre António Morão, da Beira Baixa, foi recebido um telegrama.

De mais centena de republicanos do distrito de Evora foi também recebida uma mensagem, sendo as primeiras assinaturas dos drs. Alberto Jordão e Carmelo Lobo.

DEPOIS DO FUTEBOL UMA CEIA DIFERENTE
«BIFINHOS»
À
Cova da Moura

Av. Infante Santo, 13
Tel 67 92 07
SNACK-RESTAURANTE
Aberto até às 2 h. — Parque próprio (o «groom» indica...)

FÉRIAS NO ALGARVE
ALBUFEIRA

Alugam-se casas completamente mobiladas na Vila e junto ao mar

IMOBILIÁRIA IDEAL ALBUFEIRENSE
S. A. R. L.
APARTADO 13 TELEF. 191

VISTA SEUS FILHOS NO
BALÃO VERMELHO
E VISTA-SE A SI NA NOVA SECÇÃO
N.º 3
NOVIDADES PRIMAVERA-VERÃO
AV. ANT. AUGUSTO DE AGUIAR, 1-B — LISBOA 1

SECOL

CRUZEIRO

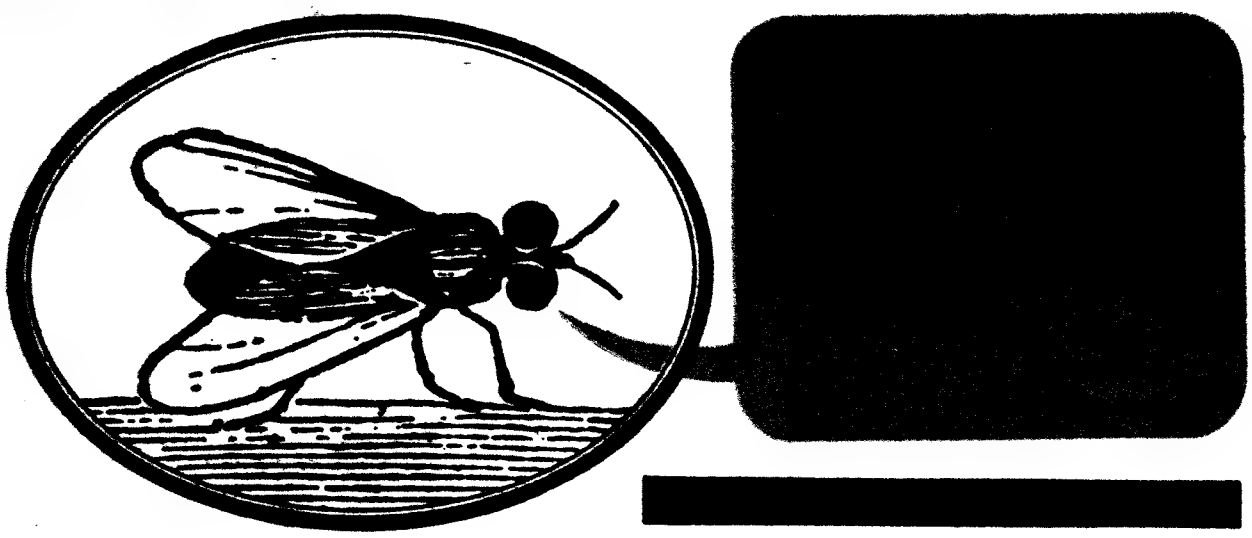
SE PRETENDE JUNTAR O ÚTIL AO AGRADAVEL NÃO DEIXE PASSAR A EXCELENTE OPORTUNIDADE QUE A «AGENCIA GERAL DO ULTRAMAR», EM COLABORAÇÃO COM O «GOVERNO-GERAL DE ANGOLA», OFERECE: MARAVILHOSA VIAGEM A ANGOLA, S. TOMÉ E FUNCHAL

17 de Julho a 17 de Agosto

— Ida no paquete «PRINCIPE PERFEITO» e regresso no paquete «MOÇAMBIQUE»;
— Dez dias de estada em Angola, com alojamento e excursões a cargo da C. I. T. A. (Centro de Informação e Turismo de Angola);
— Escala, no regresso, pelos portos de S. Tomé e Funchal.

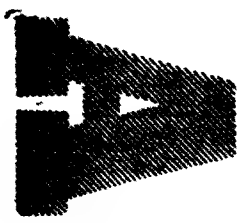
Preço único: 12 000$00 (Categoria Económica)

CONSULTE A SECOL — Sociedade de Excursões e Comércio, Ldª.
Fundada em 1909
Rua do Ferragial, 48-1.º, Dt.º
Telefs.: 32 46 22 - 32 16 23
32 44 84 (PPC)
LISBOA-2



5

A MOSCA



Impressionante foi a chegada de Amália a São Petersburgo. A multidão rompeu os cordões dos representantes da ordem — e quase se assistiu a uma verdadeira revolução...

À margem da tournée, «A Mosca» (Moska, perdão) enviou o seu repórter-fantasma. Para entreter, enquanto não vêm informações mais dignas. E estas são as que se arranjaram. Fotos quase históricas. Quase... Mas «A Mosca» com a sua irreverência histórica não resiste a uma picadela. Com vossa licença aí vai. Bzzzzz...

O FADO EM BALALAIKA

«A cançonetista lusitana Amalya chegou a São Petersburgo em perfeito estado de saúde e demonstrando invulgar boa disposição», resume um comunicado oficial tornado público esta manhã pela subcomissão de Imprensa do Comité Central do Musikburo. Fontes geralmente bem informadas confessam-se surpreendidas com a esfusiante juventude da grande embaixatriz do fado, que por toda a parte tem sido alvo de inegáveis provas de simpatia e perseguida mesmo por milhares de caçadores de autógrafos.

Na Praça Nicolau III, onde Amalya cantou de improviso *«Vou dar de beber à dor»*, foi servido um concorridíssimo beberete de vinho do Porto («dry sack», «vintage» e «tawny»). Mais tarde, em Ialta, na datcha de Rasputine, a cançonetista deu uma conferência de Imprensa durante a qual se recitaram poemas de Júlio Dantas, Pedro Homem de Melo, Mário Beirão, António José e Jerónimo Bragança.

As letras de alguns fados de Amalya têm sido abundamente traduzidas nas línguas de todas as repúblicas, incluindo o Uzbekh, e saudadas pela singeleza dos seus temas que, no dizer do poeta Trombalazanov são «mensagens eminentemente populares, pois falam do Chico da Mouraria, do caldo verde fresquinho e da casa portuguesa».

AMÁLIA

Amália rodeada de popes: é talvez um dos instantâneos mais curiosos da «tournée», já que a nossa embaixatriz sempre se tinha oposto ao pop-fado

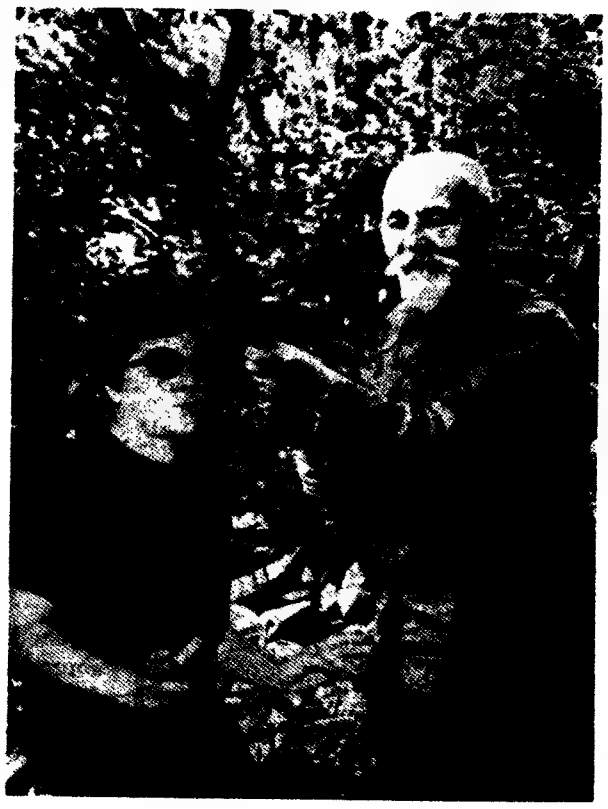
«CANTANDO ESPALHAREI POR TODA A PARTE...»

A música e a poesia são universais e vencem todas as barreiras. Já há dois anos o escritor Ievtuchenko tinha sublinhado este princípio velho de séculos, quando visitou Lisboa e outras regiões de Portugal. Recorda-se que, no decorrer da sua estadia, o poeta rebelde e *enfant gâté* das letras soviéticas se deslocou expressamente a Fátima, declarando a propósito: «É quase certo que escreverei sobre Fátima. Fátima foi uma experiência muito impressionante». E acrescentou: «Fui a Fátima como poeta. Um poeta é ao mesmo tempo um crítico e uma pessoa que crê» (*Diário de Notícias*, 16-5-1967).

UMA INTÉRPRETE POPULAR

O profundo dramatismo de Amália não pode ter deixado de tocar a alma eslava. Amália é a voz do povo. Simples e crente como só o nosso povo sabe ser. A sua dedicação à terra que a viu nascer manifesta-se junto do anónimo emigrante, que lá longe é um pedaço de nós mesmos, como junto do destacado cidadão quando, em versos singulares, expõe comovidamente o seu sentir. Está nisso toda a força espontânea, toda a comunicabilidade de Amália, uma voz que reúne em si o talento, a simpatia e a religiosidade que marcam o saudosismo interior das civilizações eternas.

«A Mosca» congratula-se com este êxito, afinal um êxito de todos nós. E põe de parte os preconceitos e as distâncias entre os homens para glória da Arte e da canção nacional.



A Turexpress, Agência de Turismo Oficial soviética, levou Amália a dar umas voltas e, como não podia deixar de ser, fê-la deslocar-se (mais à sua comitiva, não visível na gravura) à herdade dos irmãos Karamazov, figuras que muitos turistas tem atraído à União Soviética, especialmente desde que Yul Brynner interpretou um filme com esse título. Aqui vemos a fadista a ser recebida pelo irmão epiléptico com a amabilidade característica de um dos acessos da doença. Reacção de Amália, que não perdeu a serenidade: «OOH, queres ver este?! Oh filho, vê lá o que fazes...»

Este ano os soviéticos não fizeram a sua parada militar, que anualmente nos oferece filmes e fotos de mísseis a passar em frente de retratos de Vladimir Illitch Lenine, na Praça Vermelha ou em qualquer outro local moscovita. Mas aconteceu isto, pura e simplesmente sansacional! Isto que a nossa gravura documenta: os russos fizeram uma parada especial para Amália. E aqui a temos, visivelmente impressionada perante um míssil nuclear, misturada com a multidão que não deixou de a reconhecer. Pode mesmo dizer-se que ela desviou a atenção do público que a aplaudiu delirantemente gritando pela «Casa da Mariquinhas»

Onde quer que fosse, Amália era sempre reconhecida e aplaudida e seguida por camponeses, gente simples, do povo, que se sentia perfeitamente identificada com a mensagem do fado. Nesta imagem vemos Amália explicando a inocentes jovenzinhos o que fazia a Mariquinhas, perante a complacência maliciosa de soldados a quem chegara já a fama dessa dona, apesar das janelas com tabuinhas

AMÁLIA AMÁLIA AMÁLIA

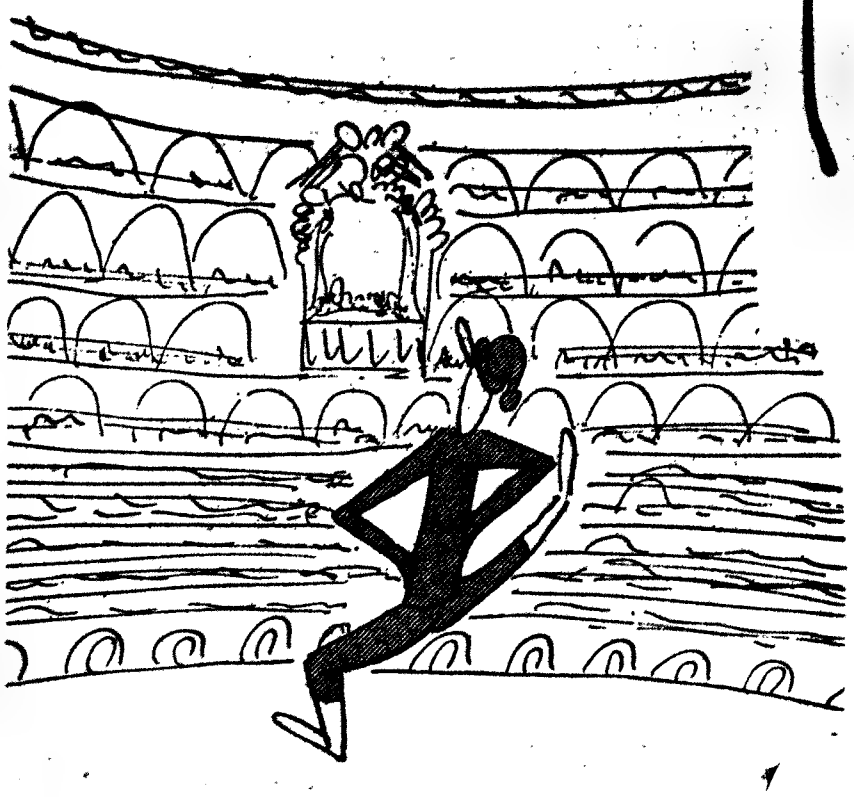
Amália, delicado estômago lusitano, não se deu bem com certos manjares russos. Ei-la, em pleno metropolitano de Moscovo, disfarçando a sua indisposição. «Tão mal disposta me sentia» — diria mais tarde a fadista — «que nem sequer reparei na sumptuosidade do metropolitana..»

E Nicolau Romanov quis que a importante actriz posasse para os álbuns da família real, nos jardins do Palácio que a Revolução poupou para que os vindouros vissem bem como era modesto o viver da família imperial, sempre em jardins bucólicos que não faziam mal a ninguém

Todas as vezes que Amália abria a boca para cantar o fado, os transeuntes sentavam-se e ouviam-na com a maior atenção. Até os vultos históricos pareciam escutá-la...

INTERCAMBIO CULTURAL

SAM



RETRIBUINDO A PRESENÇA NOS NOSSOS PALCOS DO BAILARINO IURI JDANOV, O PEREIRA, DESTACADO BAILADOR DO GRUPO FOLCRÓRICO "OS PASSARINHOS DA RIBEIRA", EXIBIU-SE RECENTEMENTE NO TEATRO BOLSHOI DE MOSCOVO.

LUÍS CÍLIA — ENTREVISTADO EM PARIS POR ALCIDES DE CAMPOS

UMA VOZ, TODA A VERDADE

O que é a música portuguesa? Muita gente pensa que sabe, outra sabe mas não sabe como dizê-lo. Em Paris, especialmente para «A Mosca», Alcides de Campos falou com um cantor cujo nome está agora a ser reimportado pelo país de origem: Luís Cília. Ele merece bastante mais do que a tímida audiência de alguns produtores radiofónicos Merece que se lhe devolva a coragem mostrada num dia-a-dia precário, mesmo à distância, essa palavra simples e directa do nosso tempo: a canção.

A cinco anos em Paris para estudar harmonia e composição, Luís Cília (natural de Nova Lisboa, onde nasceu há 26 anos), tem desenvolvido nesta cidade, a par dos seus estudos, uma actividade musical digna de aplauso. Não só porque ela pode contribuir para um mais vasto conhecimento da nossa poesia, mas também pela relevancia dada aos nossos problemas mais urgentes: gota de luz projectada sobre as banalidades quotidianas contadas á laia de pregão comercial, boletada na bronca do «quem dá mais pela filha do marquês», como canta o poeta Manuel de Sousa E, sobretudo, esforço de desmistificação da superficialidade narcótica ordinária, medida a peso, a metro e ao litro: «quem dá mais?...»

O repertório é pequeno mas importante Com um primeiro disco editado em Paris (1965), imediatamente seguido de um segundo em 1966, Luís Cília entra no mercado português em 1968 através da Sonoplay com **«Poesia portuguesa de hoje e de sempre»**, musica sobre versos de José Saramago, Orlando da Costa, José Gomes Ferreira, João Apolinário, Almeida Garrett, Filinto Elísio e Camões.

Sabedores do sucesso alcançado em Portugal pelo autor da musica do filme «O Salto», procurámo-lo para um breve encontro que aqui fica no seu pormenor.

A. C. — Como nasceu e se desenvolveu em si a ideia de adaptar á composição musical a poesia portuguesa de hoje e de ontem?

L. C. — Em 1963 conheci em Lisboa o poeta Daniel Filipe, que me fez descobrir a possibilidade de um trabalho de colaboração entre a poesia e a musica, como o que já se vinha realizando noutros países. Em França, por exemplo, onde existem canções de grande interesse nascidas da colaboração de poetas como Aragon e Éluard, e de musicos como Brassens, Feré ou Kosma. Portanto, foi Daniel Filipe quem me fez descobrir essas novas perspectivas e é ele quem está na origem de toda a minha orientação musical. A princípio, timidamente, musiquei alguns dos seus poemas e, apesar do frio acolhimento recebido, Daniel Filipe incitou-me a continuar. Sem o seu apoio, creio que teria desistido definitivamente. Ineisto neste facto, pois não quero deixar de aproveitar a oportunidade que me é oferecida para prestar uma sentida homenagem a esse grande amigo e companheiro dos meus começos na canção. Uma vez em França, pude dedicar-me mais sériamente á musica, uma vez que me era dada oportunidade não só de gravar, mas de entrar em contacto com um meio musical evoluído. Em Portugal nunca me teria passado pela cabeça a ideia de viver da musica, até porque não teria a mínima hipótese de sobrevivência. Como por lá se tem de ser «doutor», estava condenado a estudar Económicas, o que, devo confessar, não era a minha vocação...

A. C. — Com três discos editados e um quarto em preparação, a sua obra compõe-se presentemente de duas partes distintas, embora consecutivas: a temática directa e a canção, digamos, de circunstancia. Poderia dizer-nos os critérios que dirigem a selecção dos poemas que tem adaptado?

L. C. — Devo dizer-lhe que, infelizmente, a minha selecção está bastante condicionada á grande dificuldade que tenho em acompanhar o movimento editorial português. Por vezes «descubro» um poeta até então desconhecido por mim e apercebo-me de que é impossivel encontrar um livro seu, devido a já não se encontrar no mercado. Isso aconteceu, por exemplo, com João Apolinário, pois a unica poesia sua que pude encontrar foi em antologias. Para a escolha de um poema que se possa transformar numa canção, há dois factores que considero importantes: o aspecto formal e a identificação. Presentemente considero que a canção em Portugal pode exercer um papel sensibilizador importante e, por isso, na escolha de um poema tenho de considerar a facilidade com que a futura canção possa ser «captada» por um largo publico; ás vezes evito musicar poemas de que gosto, mas que se transformariam em canções muito intelectualizadas. Este problema existe, quanto a mim, na fase actual da «nova canção» e, no futuro, penso que já se poderão realizar outros tipos de trabalho. Pode parecer a alguns que faço uma concessão, mas hoje é necessário que este tipo de canção «desça á rua», como diz Manuel Alegre, e que não se torne o apanágio de uma minoria intelectual. Claro que me sinto identificado com todos os poetas que já musiquei, como José Saramago, Borges Coelho, Orlando da Costa, mas aquele de quem me sinto mais próximo é José Gomes Ferreira, cuja poesia tem sido para mim uma boa companheira nestas terras longinquas. O meu grande desejo é que todos os poetas que já musiquei se não sintam «traídos» pela minha musica. Mas há muitos poetas com quem me sinto identificado (Manuel da Fonseca, Mário Dionísio, Alexandre O'Neill, por exemplo) e que ainda não consegui musicar porque não encontrei uma forma musical que se adaptasse ao ritmo dessa poesia.

A. C. — Que dificuldades encontra em França no domínio musical, e em que medida lhe foi possivel lançar-se na canção a partir de um país e de um publico que desconhece quase completamente a musica e a poesia portuguesas?

L. C. — As minhas canções destinam-se, antes de tudo, a um publico de lingua portuguesa. Portanto, não posso ter ilusões de encontrar uma grande audiência junto do publico francês. Mas não esqueçamos que há em França cerca de 150 mil portugueses, publico esse que considero bastante importante e, apesar de não ser fácil, tento o que posso para contactar com ele. Porém, sempre que canto para um publico francês, noto que há um grande interesse pelos nossos problemas. Ainda há quinze dias fui á Universidade de Tours fazer um recital e, no final, houve um debate bastante interessante e pude ver que existe, da parte dos jovens franceses, um grande interesse pela cultura portuguesa Infelizmente os autores portugueses traduzidos constituem uma minoria e pouco é feito em prol da expansão da nossa literatura no estrangeiro. Mas se, no fundo, nem em Portugal os nossos escritores são muito conhecidos...

A. C. — Que pensa do aparecimento de uma «nova canção» portuguesa? Que reflexões lhe sugere a sua complicada engrenagem, feita de condicionamentos diversos e deixada, quase sempre, ao critério comercial dos editores, esses magnatas do acetato?

L. C. — Hoje, para além dos artistas ligados á Emissora Nacional, é difícil para qualquer novo cantor viver profissionalmente da musica. Portanto, para estas pessoas que se vêem obrigadas a arranjar um outro emprego para poderem sobreviver, o caminho é, como sabe, bastante duro. Entretanto, e apesar das enormes dificuldades, sou optimista quanto ao futuro, pois já se vão desenhando novas perspectivas e começam a aparecer cantores que lá se vão impondo. Há jovens que realizaram um trabalho interessante, como Manuel Freire, Adriano Correia de Oliveira e J. Mário Branco. Este ultimo reside em Paris e vai editar um disco brevemente. Mas uma das maiores dificuldades que todos nós devemos enfrentar é o descrédito em que caiu a canção portuguesa, e isto porque se deu ao consumo publico um produto horrível a que chamaram «canção», apresentado por uma espécie de «calvários» a que deram o nome de cantores. Parece-me por consequência necessário lançar mão a um trabalho de reeducação da sensibilidade musical da maioria dos auditores, e fazer-lhes crer na possibilidade de uma canção portuguesa de certo valor. Neste aspecto não quero deixar de focar o magnífico trabalho realizado por Lopes Graça e Michel Gia-

(Continua na 15.ª página)

A MOSCA

MAGAZINE SEMANAL DO

Diario de Lisbôa

Amália — o fado em balalaika
Luís Cília
«Vocês mataram o meu gato»
Quanto custa emagrecer
As fábricas da morte
Safari
Os desastres de Sofia
Le Duc Tho
«Cartoons»

Ainda não temos telefone. Só o do vizinho — que é surdo.

Todas as vezes que J. P. Donleavy fecha contrato com um editor para publicação de um dos seus livros, há (pelo menos) quarenta outros editores que ficam a ranger os dentes...

Escritor com público em todos os países, Donleavy deu à estampa o primeiro livro, «The Ginger Man», em 1955. A sua obra mais recente intitula-se «The Beastly Beatitudes of Balthazar B»

Pode dizer-se que Donleavy é um escritor que acredita no seu talento: não busca o editor — o editor procura-o.

Apesar, no entanto, do aplauso unânime da crítica e do público, J. P Donleavy afirma com toda a seriedade: «*Eu sou um zero. Toda a minha obra pode ser destruída num quarto de banho. (..) Assim, pois, ponho a minha vida em cada livro que escrevo, e não a deixo presa à minha obra passada.*»

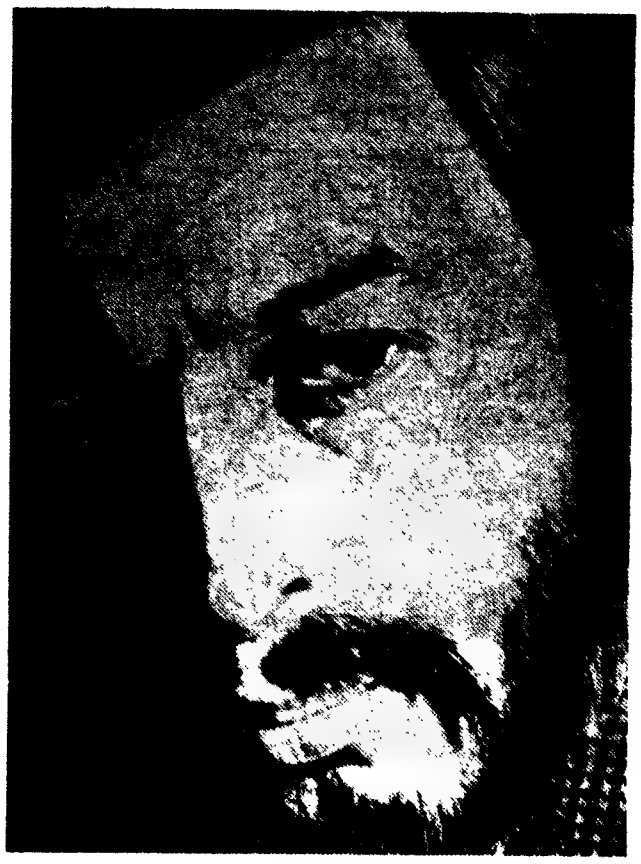
Homem de negócios e homem de leis, Donleavy é diferente no papel de escritor: surge aí como um homem tímido, de gestos comedidos, falando do que escreve com *palavras poupadas*. Quando não escritor, é um homem dinâmico não aparentando 43 anos, de sangue (irlandês) irrequieto nas veias. Veste, normalmente, de cinzento — e, por vezes, apresenta-se todo de preto. O que lhe vai muito bem com o cabelo e a barba. Nas recepções, as mulheres ficam suspensas dos seus olhos E, enfim, um homem singular (Um dos seus livros, aliás, intitula-se «A singular man»)

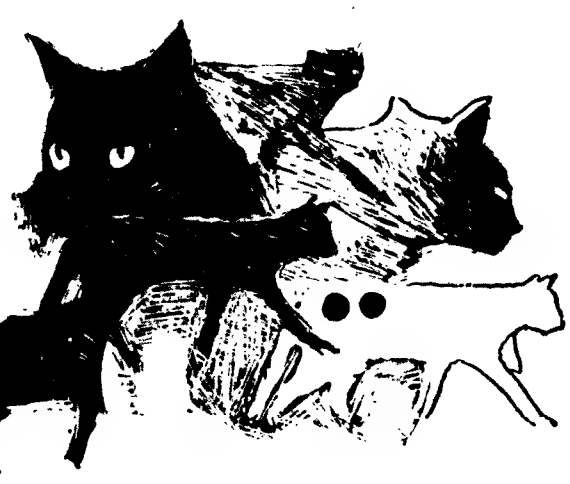
Que pensa Donleavy do público?

— Ah, o público! — diz o escritor. — Demorei anos e anos a criar o meu público. Mas tenho-o! Posso dizer que nada devo aos críticos: foram os leitores que sempre me acicataram E há quem me plagie Porém, eu venço.

James Patrick Donleavy: um escritor que não acredita em códigos morais, e ùnicamente em costumes. Costumes de todos, costumes de uma época — e, sobre os seres que são inocentes, ele assim se expressa através de um dos seus poemas breves:

Later
Towrite
With simpathy
Of the innocent
Who ave
Me





J P DONLEAVY

Vocês mataram o meu gato

Espalhei as minhas maletas e outros pertences pela entrada da casa. Uma correnteza de pequenas divisões aonde vim viver baratinho e em paz. Cultivei flores de uma espécie qualquer de gerânio no parapeito da janela. E pendurei fitas ás cores para espantar a passarada. O meu cozido de domingo era uma nuvem de cheiros maravilhosos. Evolavam-se um a um. Conforto caseiro pelo ar fora. Porque eu pensava que aqueles vizinhos haviam de gostar mais de mim.

E chegando Abril comprei um gato. Pequeno terno giríssimo novelo de vida. Custou-me uma libra e chamei-lhe o Unhinhas. E com o andar dos meses até já me conhecia pelo sorriso. E tenro bife sacrifiquei á sua rubra alegria. Pôs-se grande, gordo e forte. Um senhor gato! E vinha ter comigo á porta, por essas seis da tarde, fosse que tempo fosse. Um renhaunhau só para mim. Duas brasas por cima do focinho acendendo a minha felicidade.

O Unhinhas era um gato senhor do seu nariz. Aquele pelo macio e azulado, aquela cabecita triste a fitar-me, não me enganavam. O Unhinhas fazia das dele como mais nenhum gato neste mundo. Correr de rabo alçado direito á mobília. Eu tanto se me dava uma ou outra arranhadela naquelas meias antiguidades. E depois quem é que quer ser dono de um gato velho e papa-açorda. O Unhinhas tinha os seus quês, pronto, qual é o gato que os não tem.

E eu nunca soube que ele gostava de musica. Até ao dia em que arrebitou as orelhas quando toquei uma coisada na flauta. Vendi mesmo a flauta de plástico e comprei uma de madeira. Tenho a certeza que ele gostou da troca. O Unhinhas apreciava as melodias do Velho Sul. A minha especialidade. E eu sei que ninguém acredita, porque ele só fazia aquilo para mim, mas o Unhinhas levantava as patas da frente e dançava como um autêntico gato. Só se assustou uma vez e foi com o ronco que eu fiz com a buzina de nevoeiro.

Um impulso cruel assaltava-me de quando em quando e dava-me vontade de o fazer encolher-se todo, pôr-se ás arrecuas e rosnar como um tigre a sério, bufar pela casa fora. Cheguei a pensar que estava na selva, numa luta de vida ou de morte com o Unhinhas. Mas ele sabia que aquilo era a reinar. E respeitávamo-nos um ao outro, cada um no seu estilo. Por essa altura eu fazia umas coisas de contabilidade.

Mas a Páscoa de que falo, com as árvores a florir e o Universo disparado pelos canteiros e eu no parque a ver se tinha mão nele, foi realmente a ultima. Conhecem os inimigos dos gatos? Trazem um olhar de ódio mesmo na tromba. São capazes de afogar um pobre bicho indefeso e depois dizem que foi sem querer. E eles moravam do outro lado do jardim. Ouvia-os guinchar a toda a hora com os seus carros velozes. Tipo de malta que é capaz de pôr a mãe num asilo.

Com o rádio aos berros e tudo o mais.

Logo de começo não me deixei enganar por aquele sorriso a armar ao simpático. Eles tinham cá um pó ao Unhinhas. Disseram que o Unhinhas tinha desenterrado as flores e eu estou para saber como, ora essa. E acrescentaram outras coisas que ele fazia. Olhe que o seu gato fez. Eu dizia-lhes olhem cá. Eles diziam olhe o senhor para aquilo. Eu conheço o Unhinhas e o Unhinhas nunca faria uma coisa dessas. Criei-o de pequeno. E então puseram-se com ameaças.

Vocês tocam no Unhinhas e eu queixo-me á Polícia. Ninguém quer tocar no seu querido Unhinhas, aqueles malandros a falar assim. Nesse momento eu limpava-lhes o sarampo de bom grado e até me deixava enforcar e tudo.

Passei a fechar o Unhinhas em casa. Melhor do que expô-lo áquelas manápulas de doentes. Não sou homem para juízos definitivos, mas se um tipo não gosta de animais acho que está qualquer coisa errada. Factos inomináveis que dependem da nossa indulgência e do nosso amor. Basta-me ver alguem cinco minutos com um bicho sem voz e não é preciso mais para saber de que massa é feito.

Eu tinha comprado um cesto para o Unhinhas — estávamos no Natal — e tinha-o posto quentinho e macio com um tapete. O Unhinhas deitava-se no cesto todas as noites e eu abria a janela que dava para o jardim só com a ideia de ele ter aquele bocadinho de liberdade. E nessa noite dormi como uma pedra. Sonhei que ia a guiar uma lambreta na Lapónia. Por entre vastidões desertas que nem se lhes via o fim.

E sonhei com um grande urso preto atrás de um monte, e maior que o monte, e o urso espreitou e grunhiu e a terra toda tremeu. Acordei de repente. Ouvi bater a cancela do pátio. Um som carniceiro. Corri ao cesto do Unhinhas. Estava morno — e o Unhinhas não estava lá.

Assobiei da janela. Mas uma mão gelada tocou-me o coração. Vi a lanterna a afastar-se.

E na manhã seguinte saí de casa e fiquei ali especado, ao sol. Um pátio em desespero. Se algum desses tipos estava a topar-me, com certeza que percebeu minha ideia. Fui direito á Polícia.

A FRANÇA DO GENERAL EM CINCO PONTOS

Todos temos a nossa França desde pequenos. Em países e em culturas europeias e europeiocêntricas, as Franças ideais e reais crescem e multiplicam-se. Há Franças privadas e Franças públicas. Franças secretas e Franças declaradas. Franças suspeitas e insuspeitadas. Franças maurrasianas e outras. Para uns, a Frnça é 1789, para outros 1941, para outros 1871 ou 1968...

MEU CARO E VELHO PAÍS

A multiplicidade das Franças é (sobretudo e inevitàvelmente) francesa também, e não é de espantar que Charles André Marie Joseph de Gaulle tenha a sua, que com ela tenha dialogado ao longo de uma vida e de várias mortes, marcadas, uma e outras, por visões e ilusões de grandeza.

PODER PESSOAL

«Dirigi-me à França», disse o general em 1960. «Pois bem, meu caro e velho país, ele-nos juntos...»

Charles de Gaulle, disse-se, tem uma concepção pessoal do poder e pratica-a. Charles de Gaulle, disse-se, é Napodeão IV. O general consumiu, de facto, (e sem amadorismos) a simbologia e a mitologia imperiais do napoleonismo. «O prestigio não é possivel sem o mistério», escreveu ele em «Le Fil de l'Épée». «Nada garante mais a autoridade, do que o silêncio, explendor dos fortes e refúgio dos fracos, pudor dos orgulhosos e orgulho dos humildes, prudência dos sábios e espirito dos estúpidos».

UMA REALIDADE

O conceito psicologista do poder pessoal, esconde porém uma realidade, económica e politica que ultrapassa o gaullismo: o aparelho politico de um sistema capitalista monopolista. De Gaulle, apesar de todos os seus anacronismos ideológicos, é o construtor, em França, desse aparelho. A sua luta contra os partidos politicos e contra o parlamentarismo tem, pois, um significado preciso: se o liberalismo económico está morto, morto está também o liberalismo politico.

«Nos tempos modernos», dizia o general em 1962, «a maior parte dos países do Mundo, E. U. A., Rússia, Grã-Bretanha, Alemanha, etc., fazem o mesmo que nós».

OS SISTEMAS

Para além dos homens que transitòriamente servem os regimes, e para além dos próprios regimes, há os sistemas politicos, sociais, económicos e culturais.

Para o «L'Express», De Gaulle não foi batido mas cometeu conscientemente um suicidio politico. «Com a sua derrota, ele assegurava com efeito, a aceitação do mecanismo referendário pela opinião francesa».

Propondo o referendo e anunciando a sua retirada em caso de não aprovação das suas reformas, De Gaulle respondeu — ele também — «não» ao referendo, assegurando assim uma permanência e uma aceitação do referendo — e de muitas outras coisas (entre as quais o próprio «L'Express...).

NO INTERIOR DO ESTABELECIMENTO

Todos temos a nossa França desde pequenos. A França do general De Gaulle é (desde Maio de 68 pelo menos) uma França que não é só dele, mas a França de todas as classes, de todos os movimentos politicos, de todos os homens da ordem e do sistema estabelecidos. E, no interior desse «estabelecimento» que as opções se colocam neste momento e que a sucessão se joga.

«Um dia virá», disse o general-presidente em 1967, «em que a nossa Constituição, com tudo o que ela implica, se terá tornado como que a nossa segunda natureza».

AMADEU LOPES SABINO

Duc Tho entre Xuan Thuy e a sr.ª Nguyen Thi Binh em Orly

DUC THO: UM SORRISO EM PARIS

Pela primeira vez um jornalista americano dirigiu-se a Le Duc Tho. Foi no requintado ambiente do Hotel George V de Paris, durante uma reunião «Viet-cong».

Falando francês, o jornalista disse ao «leader» da delegação norte-vietnamiana ás conversações de paz na capital francesa que as suas idas e vindas eram verdadeiramente intrigantes.

O sr. Tho, apesar de perceber o francês perfeitamente, esperou até o jovem intérprete que o segue por toda a parte acabasse de traduzir a frase do seu interlocutor. Então, com um meio sorriso, respondeu:

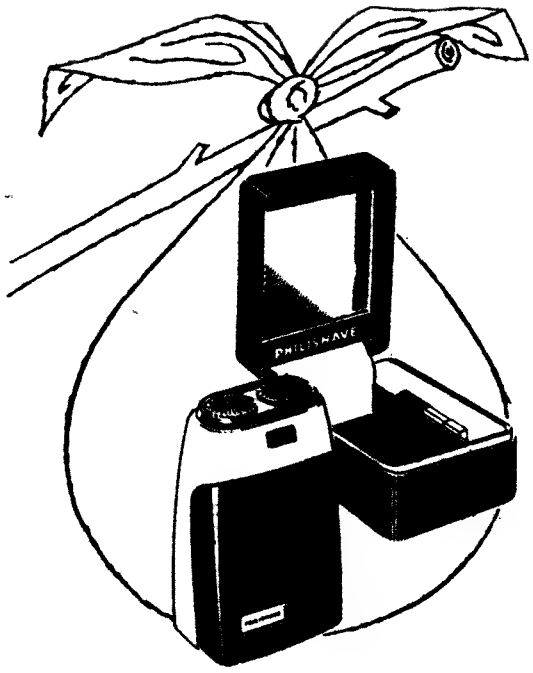
— Quando alguém viaja há sempre alguma coisa nova.

Pouco depois deste encontro em Paris com o jornalista americano, o sr. Tho, um revolucionário de 57 anos, de cabelo branco e figura magra e austera, estava de novo a viajar.

Foi a Hanói para consultas com escalas em Moscovo e Pequim e conjecturou-se em Paris que esta

(Continua na 15.ª página)

TER BARBA É PRÓPRIO DO HOMEM...



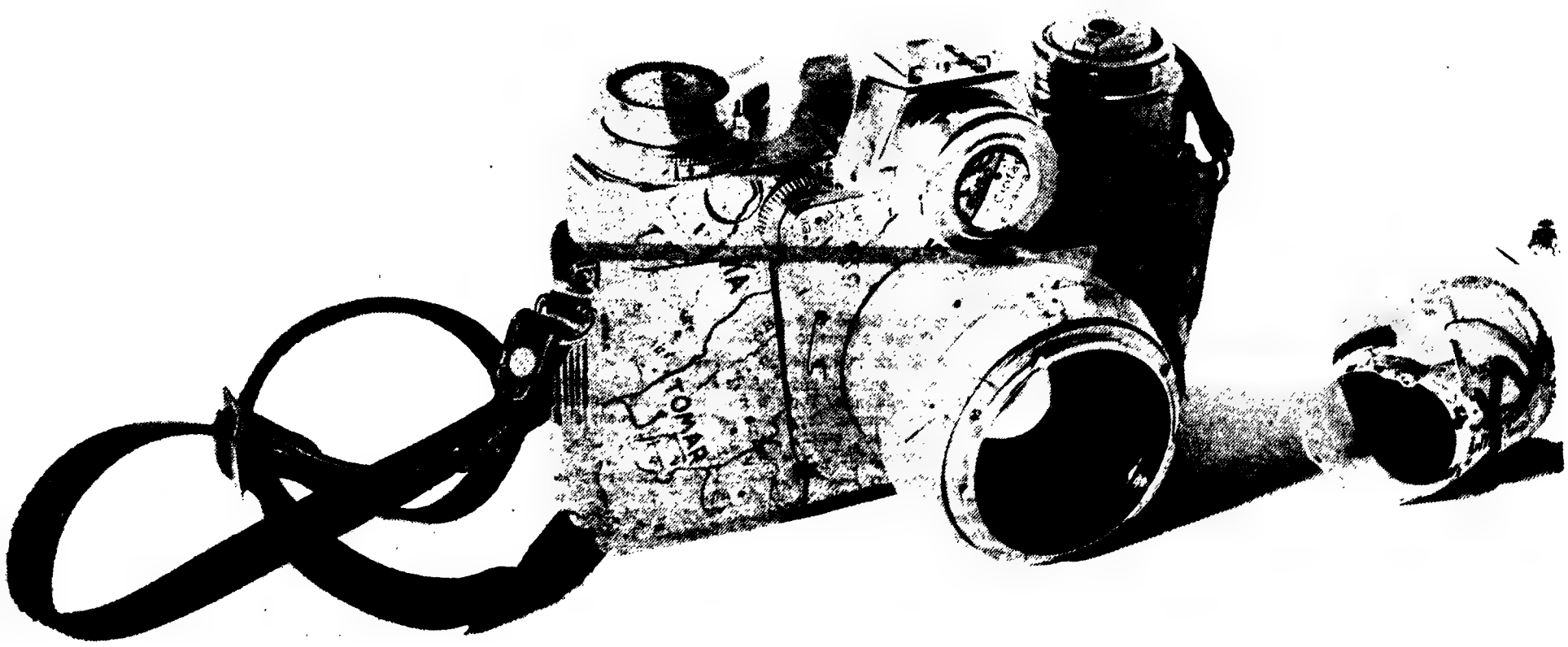
...ASSIM COMO É PRÓPRIO DO HOMEM VIAJAR COM A

PHILISHAVE
DE PILHAS

A MÁQUINA DE BARBEAR AUTÓNOMA QUE O HOMEM MODERNO NÃO DISPENSA

HÁ SEMPRE UM PORTUGAL DESCONHECIDO

...QUE ESPERA POR SI



Comece a pensar em todos os preparativos.
Na verdade, a fascinante aventura de descobrir o maravilhoso desconhecido do seu belo País,
merece que afine o seu carro e prepare a cana de pesca ou a máquina fotográfica.
Esperam-no mil e um itinerários
para o seu repouso e deslumbramento dos seus olhos.
Para o próximo fim de semana, ou para as férias que se aproximam,
aguardam-no os privilégios sem par da nossa Terra.
Consulte a sua Agência de Viagens e conheça
O PORTUGAL DESCONHECIDO.

SECRETARIA DE ESTADO DO TURISMO

O QUILO A MENOS

Emagrecer é um problema. A pouco e pouco os quilos vão-se acumulando. Uma cerveja agora, umas favas mais tarde, uma feijoada amanhã depois uma chispalhada. E a dieta permanentemente adiada: amanhã. Amanhã é que começo com a dieta. E quando custa subir as escadas e a roupa tem de ser alargada, vem finalmente a decisão histórica: «Hoje, faço dieta». Os exercícios começam amanhã e no fim da semana tenho sauna e a massagem. Ah, se emagrecer custasse tanto como engordar!!!

onde desempenha um papel importante nas relações familiares... Adiante: estamos aqui para falar de outro país.

Nesse outro país, e se preferirmos atacar o mal pela base, leio é, pela boca, nada melhor do que a alimentação controlada. Tantas calorias por dia, tantos gramas que se vão embora. Muita gente desconhece o assunto. Entre parêntesis, diga-se desde já que emagrecer depressa e bem é simultaneamente fácil e difícil. Fácil — porque uma simples modificação na qualidade dos alimentos ingeridos basta para perder peso. Difícil — porque a escolha da qualidade e da quantidade dos alimentos depende muitas vezes de (ou tropeça muitas vezes em) tendências pessoais, hábitos que se têm sem saber.

Oh, o ponteiro da balança!

DINHEIRO EM CAIXA

Existem no mercado farmacêutico português vários medicamentos especialmente concebidos para eliminar peso. Entre outros são bastante conhecidos o «Lipoperdur», o «Preludin», o «Cégramine» e o «Mirapront». Mas atenção: esses milagres em comprimidos podem transformar-se num perigo quando tomados sem «contrôle» médico.

Publicações idóneas referem que o uso imoderado (ás vezes nem é preciso tanto) de certos eliminadores de peso pode acentuar depressões nervosas latentes. Os ditos «anorexigénios» já chegaram mesmo a levar alguns pacatos cidadãos ao mais estupido dos actos de desespero. Por tudo isso vendem-se sob receita: em principio, como se calcula, pois há sempre maneira de saltar o muro.

Os anorexigénios, convém não esquecer, são um choque para o organismo. Mas diz a experiência que muitas pessoas os compram sem recorrer préviamente ao conselho de um especialista. As consultas são caras...

Acrescentemos ainda um outro perigo; o da habituação. Comprimido puxa comprimido, como as cerejas. Vá, vá ao médico antes de se resolver, e ouça esta história contada pelo dr. Manuel Ferreira de Almeida, director técnico da Farmácia Estácio:

— Normalmente esses comprimidos só se vendem com receita. Mas até na Estácio os entregamos, uma vez ou outra, desde que o cliente afirme que foram receitados pelo médico. Então nas farmácias de bairro nem receita pedem. O que é preciso é dinheiro em caixa.

— Sendo assim um perigo, senhor doutor...

— Ora, o próprio pão que comemos pode ser prejudicial por supérfluo. Tudo o que se ingere sem necessidade é um veneno. Quanto á receita, há quem diga que ela significa por outras palavras isto: «o médico pode matar, o farmacêutico é que não!»

Bom conversador, o dr. Ferreira de Almeida acrescenta:

— Basta uma pessoa ir ao médico e dizer que está demasiado gorda para aparecer depois aqui com o papelinho a buscar os comprimidos. Passada a receita, desaparece o «contrôle» médico: quem nos garante que essa pessoa não toma, se quiser, o tubo todo de uma só vez?

Medicamentos deste género têm imensa procura. Surgem constantemente novas marcas. Cada embalagem de 20 comprimidos oscila entre 23$00 («Lipoperdur», de fabrico nacional) e 52$50 («Preludin», estrangeiro). Toma-se geralmente um comprimido por dia, o que vem a dar á volta de 40$00 mensais. Barato. Estaríamos no domínio do «emagreça com saldos» se este problema não fosse, como é, muitíssimo sério.

EU SAUNO, TU SAUNAS

O Descansauna é um «instituto» ali para as Avenidas. Fica num sexto andar (com elevador) e está pensado de forma catita. Ironia da sorte: o prédio pertence a um ribatejano seco de carnes, homem rijo como poucos, que não será nunca freguês dos vapores finlandeses.

O sauna elimina peso porque faz suar. Mas sauna só, sem mais nada, não chega. Isto explicam os entendidos, cuja argumentação se resume aos seguintes pontos essenciais: é conveniente falar com o médico, pelo menos ao princípio; é conveniente fazer dieta (nos dias de sauna não se come nem se bebe enquanto não passarem duas horas sobre o tratamento); é aconselhável a massagem pós-sauna.

No referido sexto andar das Avenidas fomos encontrar apelidos como Espírito Santo, Mello, Champalimaud, Barbas, Caldeira Coelho. Senhoras interessadíssimas que se entregam á tripla vantagem do sauna, das massagens e da ginástica.

O Descansauna é caro?

— Não — subtinha uma empregada. — Sauna com massagem custa 110$00 e faz-se uma vez por semana. Ginástica é 300$00 ao mês, com duas aulas semanais. Ah, claro, de oito em oito dias convém uma «mise»: o suor, não é, estraga um bocadinho o cabelo. «Mise» dá aí mais 40$00.

E pronto: se V. Ex.ª tem 800$00 livres todos os meses, corra ao Descansauna. Garantem-se dois quilos a menos pelo preço unitário de 400$00, caso a aritmética ainda seja a mesma que aprendemos na escola. Cliente certo da casa das Avenidas — o ministro Vaz Pinto.

A GINÁSTICA AJUDA

Uma palavrinha sobre a ginástica. Praticando-se por gosto, como as canções da Simone, ajuda qualquer dieta de emagrecimento porque combate a flacidez dos tecidos.

Quer dizer que só por si não faz perder peso, mas sempre ajuda.

Furiosa da ginástica, por exemplo, é «madame» Dias da Cunha, uma senhora elegantíssima com quem contámos. Acha essa prática «extremamente saudável», ideal para a jogadora de «bridge».

Os exercícios auxiliares do emagrecimento fazem-se na posição de decubito dorsal, que é como quem diz deitado. Aliás, quanto mais repouso (neste caso) melhor: a fadiga engorda, o repouso não. Classes de ginástica estão a ter crescente popularidade em Lisboa e no Porto, e por isso apareceram, otro sobre azul, os «institutos» especializados. Como o Descansauna, simultaneamente vapor com ginástica.

MASSAGEM PARA ESTRANGEIRO

Quinze sessões de massagem, incluindo tratamento com parafina, custam á volta de 2500$00. Se emagrecem? Como não! São seis quilos a menos nas tais quinze sessões, saindo o quilo a 400$00.

Massagista faz milagres (que o diga a Madalena Iglésias). Bate aqui, bate acolá, verte parafina para «dissolver» gorduras acumuladas. Aconselha-se, porém, uma dietazinha ao mesmo tempo.

Ascensão, massagista do Couto Cabeleireiro, lida de perto com inúmeras «starlettes» nacionais e trata por tu, ou quase, as locutoras da R. T. P. Diz-nos o seguinte:

— Para casos difíceis, por exemplo uma senhora que quer abater dez quilos de uma assentada, acho eu que é preciso ter muita força de vontade. O tratamento de massagem não é do dia para a noite. Combate a flacidez dos tecidos e destrói a celulite, mas vai com tempo.

— Muitas senhoras nas suas mãos?

— Quase todas estrangeiras. A mulher portuguesa dizem que é desleixada, não cuida da apresentação.

Mentira: a mulher portuguesa não tem é dinheiro.

SABONETES, CREMES E CHÁS

Toda a gente ouviu falar dos sabonetes, cremes e chás que emagrecem. Registámos algumas opiniões. Sobre os sabonetes e os cremes fala o proprietário duma farmácia:

— Considero esses produtos de efeito mais psicológico do que real. No fim de contas a sua simples aplicação constitui uma massagem, e a massagem é que pode eliminar o peso.

Ainda sobre os mesmos confia-nos uma empregada de perfumaria:

— Vendem-se bastante, mas não temos o que se chama clientes certos. Quanto ao efeito...

O preçário marca 90$00 para os sabonetes (de algas) e 180$00 a 380$00 para os cremes. Muito mais em conta são os popularíssimos chás, a propósito dos quais nos assegura um ervanário:

— Continuam a ter excelente procura. Gente nova e velha. Bom negócio? Podia ser melhor se não houvesse tantos estabelecimentos a vender chás. O meu chá para emagrecer é o «Chá 51». Faz bem à barriga porque descarrega. Um pacote de 10$00 dá vinte chávenas, não se pode dizer que seja caro!

A MÁQUINA PERFEITA

— O organismo é uma máquina perfeita, as pessoas é que a estragam.

D. Maria Helena Fernandes, técnica da Diese, preparou-se durante dois anos para a profissão. Ganha 4000$00 mensais e tem cultura universitária. Na sua opinião, feita de experiência, uma alimentação racional (com produtos naturais) dá ao organismo o necessário equilíbrio.

D. Maria Helena atende clientes, ouve-os em pormenor, regista os seus problemas fisiológicos e psicológicos, prescreve enfim a dieta que cada caso requer. Trabalho de especialista, e especialista com o gosto das relações humanas.

— O tabaco e o álcool — diz ela — são tóxicos ao organismo. Mas os comprimidos para emagrecer também são. O segredo está na alimentação: qualquer que seja o organismo, depende sempre de reacções bioquímicas que por sua vez assentam na estrutura química dos alimentos.

Emagrecer racionalmente, com uma dieta passada pela Diese e utilizando alimentos desta casa, custa em média 1000$00 por mês. A dieta elimina dois quilos ao fim de trinta dias. Faça as contas, minha senhora.

★

Gordura já foi formosura. Se a Vénus de Milo aparecesse hoje no Chiado não parava o trânsito, não fechava o comércio à sua passagem; talvez ouvisse mesmo um ou outro comentário desprimoroso. Em 1969 a mulher ideal é o passageiro n.º 5 do elevador de quatro lugares. Nem sequer anda: desloca-se em voo, como as andorinhas.

«Um está para dois assim como...»
A máquina perfeita (e racional, totalmente)

GORDURA já foi formosura. Mas hoje a Vénus de Milo não faria voltar uma só cabeça no Chiado. Em 1969 a mulher ideal é sobre o leve, para não dizer mesmo sobre o magro, e flexível como um junco: vejam-se os modelos de alta costura, vejam-se as frequentadoras — tipo do Ad Lib ou do Vão Gogo. Silhuetas fortes, bem nutridas, em flanco de petroleiro, podem ser realmente muito simpáticas — entretanto têm os dias contados.

Por isso este inquérito fala de uns quantos quilos supérfluos, que são os mais caros de todos (bastante mais que a vitela de Sintra!) no acto de consumir. Gordura inestética, gordura incomodativa, adeus para sempre. Ah, é verdade: tirar mil gramas á balança custa entre 250$00 e 500$00. Mulher pobre, se engordou terá de ficar assim mesmo — gorda e pobre.

A LINHA ESTRAGADA

Pode consertar-se a linha estragada? Pois pode. Há vários processos de adelgaçar o que não deve ser, senão estratégicamente, redondo e português.

Comecemos pela farmácia. Aí encontram-se os diuréticos, os regularizadores do apetite, os produtos dietéticos. Em estabelecimentos mais ou menos dedicados á beleza feminina temos os cremes (para aplicar sobre determinadas partes do corpo) e os sabonetes de algas. Quem conhecer um bom ervanário perguntará, claro, pelos famosos chás. Bom, e a coisa não se esgota aqui.

No secotr mecanico há que falar da ginástica: «um, dois, insiste, insiste, ... iste, agoooora!» Não esquecer também as massagens, tão repousantes que nos transportam ao sétimo céu. E os tratamentos de parafina, moda estrangeira rápidamente adaptada ás fortalezas nacionais. Que mais? O sauna. O sauna veio da Finlandia.

Op, dois, insiste, insiste...

É suar, suar, suar que vem aí a massagem

Estica essas pernas, vamos a emagrecer...

Ervanária:
Não há como um chàzinho dietético para ajudar

Cócegas é só ao princípio

Texto de MARIA AURORA
Fotos de SALVADOR RIBEIRO

as fábricas da MORTE

O QUILO A Mais

O aspecto é o de uma grande fábrica. Os ruídos crescem na proporção do grande espaço. Motores e vozes de homens, aos gritos, perdem-se na grandeza da área.

Há homens de gorro de cabedal forrado a pele, fortes luvas altas, roupa grossa, apesar de o tempo ser primaveril. Todos os dias eles saem de casa para oito horas de trabalho, como todos os outros. Mas a trabalhar como eles não há mais ninguém em Portugal: oito horas a 18 graus abaixo de zero. São os homens do frigorífico.

O elevador é aberto, como uma gaiola, uma grande gaiola que sobe devagar ao encontro do cheiro. Há dois cheiros. O primeiro é um cheiro tépido, de estábulo, ocupando, densamente vivo, os pulmões. O segundo cheiro é quando se caminha, mais tarde, no chão escorregadio de água e de sangue. É o puro, acre cheiro do sangue. É o quente cheiro da morte próxima.

São dezenas e dezenas de peças. Ali são já e só peças. Trinta homens trabalham-nas na metódica tarefa de esquartejar rápidamente. Mãos enluvadas seguram facas hábeis. A pele cai no chão. As pernas são reduzidas pelas articulações.

Não se vê matar na grande sala engrinaldada de cadáveres pendurados e de pedaços retalhados de cadáveres latejantes. Dezenas de homens de ensanguentados fatos-macaco azuis, botas de couro com sola de madeira, esquartejam, esfolam, lavam. Uma vez por outra, uma fralda de bata branca atravessa o piso e vê-se apenas aos pedaços, sob as peças penduradas. É um veterinário.

Não que ali se trate de animais. Isso, não. Ali é o matadouro. Os senhores das imaculadas batas brancas são os responsáveis pela «saúde» da carne morta que nós comemos.

Não se vê matar porque se mata, pudicamente, aos cantos. Os homens que por ali trabalham, segurando hábeis e rápidas e eficientes facas, não travam conhecimento em vida com as peças que esquartejam. E três minutos antes, olhando para os cantos da morte pudica, poderiam tê-lo feito.

TIRO SEM BALA

Era uma bela vaca, gorda, tão gorda que parecia estar grávida. Malhada, preto e branco macios, de olhos mansos de boa vaca leiteira. Olhou a sua companheira de há pouco, castanha, no chão, a sangrar de um orifício imperceptível no frontal, espasmos a fazerem-na escoicejar. Volveu os olhos tranquilos de boa vaca leiteira para o homem baixote e este aproximou-se, caminhou para ela e levantou o braço e a vaca primeiro olhou-o com a meiguice de todas as vacas e depois fechou os

O QUILO NA BRASA

Vidal Vaz Fernandes não ficará na História de Portugal, mas tem lugar certo numa outra espécie de crónica, a dos fornecedores de petiscos ao lisboeta pouco imaginoso.

Que faz Vidal Vaz? Coisas leves e saborosas. Chouriço assado. Morcela na brasa. Pé de porco tostado em carvão. Uma empregada nova serve tudo isto com ar despachado, multiplicando-se nos talheres, «couvert», sopa, carne, vinho, doce, café. Põe prato, tira prato, sorri à meia volta. Cliente doido, preso pelo beiço. «Ponho mais um bocadinho?»

Esta é a aventura diária de «O Braseiro», restaurante com quatro meses de vida à Rua Dr. Alvaro de Castro, 45, em pleno Rego. «O Braseiro» sacudiu a morrinha do cliente, a quem apresenta, como diz o próprio nome, «tudo na brasa». Telefone 76 98 42 (mas não é preciso marcar vez). Da cozinha, insidioso, vem aquele cheiro ténue de coisa que arde.

Chamemos-lhe um restaurante pequeno. Dez mesas, nem tanto. Decoração à base de madeira, muita e insólita, tipo «bungalow» canadiano. À esquerda de quem entra, salvo erro ou omissão, um bar. Profusão de vinhos, aperitivos, bebidas espirituosas. Tinto à jarra para os apreciadores. «Já escolheu?»

COM UNHA E TUDO

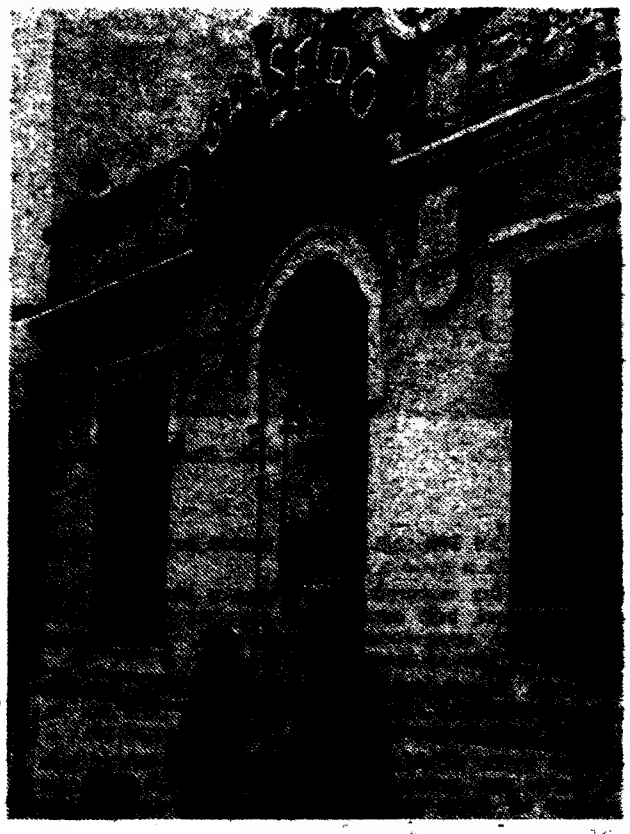
A ementa é a primeira surpresa. Vem num rectângulo de madeira, com as espécies (costoleta, pé, febra) gravadas a fogo e o preço inscrito em pequenas tiras de cabedal fixadas por pregos.

Doses convencionais só funcionam para o bacalhau, chouriço e morcela. O resto — segunda surpresa — vem ao quilo. Tanto de entrecosto. Tanto de orelha assada. «Meio quilo? Um quarto de quilo?» «Trago o suficiente para xis pessoas», sugere a empregada. E não erra. Agradecemos-lhe no fim.

Depois da sopa, normalmente «do dia» ou consomé, entra-se nas carnes: vaca, vitela e porco. «A Mosca» aconselha sobretudo um famoso pé (ou pata) de porco, com unha e tudo, diante do qual se apagam quaisquer hesitações. Traz ainda vestígios da brasa, gordura meio derretida, sabor aldeão. Onde «caçou» Vidal Vaz a ideia?

Duma porta aberta na lareira (falsa) surgem as travessas, logo dispostas na mesa. A empregada começa a servir, deixa a segunda parte do trabalho ao cliente: este é que sabe, sim ou não, se lhe apetece mais.

Acompanhamento? Bata-



Os cavalos despenham-se com o mais trágico espanto deste mundo, nos olhos

olhos quando a mão lhe encostou o ferro frio à fronte. Depois deitou-se quase simultâneamente ao estampido, estampido seco, agudo, de pistola de fulminante para menino brincar. Deitou-se lenta e pesadamente. O fio de sangue sujou-lhe então o branco do focinho. Não era mais uma bela vaca leiteira, malhada, preto e branco. Era uma vaca moribunda, de focinho vermelho, preto e branco. O vapor saiu-lhe pelas narinas e saía fortemente como a vida se escoava, ràpidamente, daquele orifício imperceptível no frontal vermelho, preto e branco. Depois, uns homens engancharam-na por uma pata, e ela seguiu a sua companheira de há pouco, de cabeça para baixo, sangrando, duas vacas moribundas, uma castanha, outra preta e branca.

«Não está morta. Está em coma. É como se tivesse tido um desastre de automóvel. Agora já não vai sentir nada» — disse o dr. Encarnação, veterinário dentro de imaculada bata branca.

Pouco depois não havia mais nada das vacas, companheiras de há instantes. Havia apenas acém, vazio, pá, mãozinhas. Havia carne para assar, para cozer, para bifes.

O homem da pistola encosta a arma a frontais e dispara umas 150 vezes por dia. À noite, cansado, deve dizer quando se senta à mesa:

«Hoje, estou cansado. Matei cento e cinquenta vacas e bois.»

Mas às vezes não é só vacas e bois. Entre um e outro bovino aparece um cavalo. O processo é o mesmo. A gorda pistola, de fulminante. Não tem bala aquela pistola que mais mortes deve causar no nosso País. É um estilete do formato de um dedo indicador. O homem recolhe-o. Depois dispara e o estilete salta, furando o osso frontal dos animais.

«Ficam num perfeito e insensível estado de coma» — acrescenta ao estampido o dr. Encarnação.

Para os cavalos o processo é o mesmo. A pistola. O animal dá um salto. As patas abrem-se, o cavalo urina-se, as patas dianteiras dobram-se e o bicho despenha-se. Isso mesmo, despenha-se. Não é como as vacas, que se deitam. Não. Os cavalos despenham-se e nos olhos levam, ao cair, o mais trágico espanto deste mundo.

O PORCO CONHECE A PALAVRA MEDO

Noutro ponto daquele piso, no piso do cheiro quente da morte, matam-se porcos. É também, pudicamente, a um canto. Os barulhos da grande sala misturam-se. Felizmente que assim acontece, para não se ouvir os desesperados guinchos dos porcos que vão morrer. Não é o barulho dos porcos a morrer, porque eles morrem em silêncio. É o dos porcos que vão morrer. Os porcos conhecem a palavra medo.

Estão vivos e gordos num pequeno recinto. E grunhem desesperadamente. O tom vai subindo e depressa deixam de ser grunhidos para se transformarem em gritos. Os porcos gritam antes de morrer. Porcos que vão morrer não constituem uma vara de suínos. São uma pequena multidão em pânico. Saltam por cima uns dos outros em pânico. Talvez pressintam o cheiro quente, acre, doce do sangue que corre lá mais adiante. Talvez adivinhem que esse é o cheiro do seu sangue. Saltam por cima uns dos outros em pânico, lutando por mais um minuto de vida, buscando a distância maior da cancela da morte, cada um querendo ser o último, não são grunhidos, são gritos, os desses porcos que vão morrer.

Mas lá atrás está o homem que os toca, distribuindo choques com o bastão eléctrico e os porcos, que nunca fizeram fisioterapia, devem adivinhar que vão morrer e por isso querem ser os últimos, pequena multidão em pânico. Por fim, é a vez de cada um, a vez de todos, aquela que a todos, porcos e homens, tem de tocar, e eles vão de rastos, grunhindo (ou chorando?) para a cancela onde levam o maior choque, o definitivo, aquele que os silencia, que lhes abre a boca e lhes dilata os olhos e os deixa a tremer, cheios de rápidos espasmos, do lado da carne a esquartejar. Dali a cinco minutos não haverá mais porcos frementes, no chão. Só carne para iscas, lombinhos.

ta frita, salada de alface e agrião. A salada em prato individual: usa-se lá fora e não fica mal entre nós. Ah, sim — pão torrado entre as dobras dum guardanapo, tijelinhas com manteiga e «foie-gras». Mínimo requinte no esquema da simplicidade.

A MOSCA NO PRATO

NOVENTA ELEITOS

«O Braseiro» não fez publicidade. Abriu, esperou, vai bem de saude. Antes assim, porque estamos fartos do reclame indígena.

Abriu a meio gás, para saber com o que pode contar.

— Nada de peixe?

— Por enquanto não. Havemos de encomendar um grelhador.

Já tem clientela certa. Fulano conta aos amigos, mastiga em seco. Aparecem caras novas todos os dias. «A Mosca» rodeou-se do maior anonimato e bebeu um branco. Cantanhede «frappé».

— Muitos almoços? Muitos jantares?

— Trinta almoços, ás vezes mais. Aí uns quarenta jantares. E vinte ceias. Temos isto aberto até ás duas da manhã.

São, pois, noventa eleitos em cada dia da semana. «Braseiristas» furiosos que só param ao café e depois passam palavra, descobridores dum novo mundo feito de carvão aceso. «A Mosca» pagou 94$00 por dois almoços: sopa, chouriço assado, pé de porco na brasa, vinho, doce, bica em chávena de barro. Como a conta não incluída percentagem, resolveu ser gentil e cosmopolita. Há moscas e moscas, ora essa. Foram-lhe devolvidas todas as graças num sorriso bem disposto

A TONELADA — Ouro

EM bom **swahili** africano, **safari** quer dizer «viagem, expedição». Em bom dialecto internacional quer dizer muitas mais coisas: dinheiro, fotografias para amigo ver, África em tecnicolor, perigo com garantia de ida e volta com passagem pela selvajaria. Há também o sonho de discutir caçadas ao ar livre em torno da fogueira nocturno mas o mais excitante é fazer essas conversas à lareira de uma casa de campo com uma boa centena de fotografias com elefantes honestamente rendidos à carabina do caçador profissional.

CONSELHOS AO ASPIRANTE A SAFARI

A «Mosca», modéstia à parte, sabe alguma coisa de safari Tem lá vários enxames de primas, não falando já da «tsé-tsé», que é a vergonha da família. E porque mosca e safari são inseparáveis, aqui vão alguns conselhos de experiência feitos:

1. — **Se for alguma vez a um safari na África Ocidental não espere encontrar o dr. Livingston. Isso pode custar-lhe caríssimo.**
2. — **Um bom elefante nunca se deixa empalhar. Não o mate, que não vale a pena.**
3. — **Se é noite ouvir um choro de criança não pense logo que se trata de uma hiena Cante uma canção de embalar para vencer o medo. E coma caramelos.**
4. — **As vezes aparecem no acampamento alguns ingleses perdidos. Desconfie: trazem sempre um baralho de cartas para jogar «bridge».**
5. — **Muitos caçadores que andam pela selva são escoteiros com chapéu colonial.**
6. — **As zebras psicadélicas são raríssimas Que se saiba, há ao todo catorze e evadidas do Zoo de Londres.**
7. — **Alguns feiticeiros já sabem psicanálise. E abusam**

Há quem aprecie observar a vida dos animais e quem goste de os matar. São, na verdade, duas atitudes bem diferentes: passiva, uma, activa, a outra. Vem isto a propósito da existência de duas categorias de safaris: o safari fotográfico e o safari de abate

Safari fotográfico? Exactamente Entranha-se o curioso na reserva, de máquina de filmar bem atenta, e vá de aprender, com muita paciência, a vida dos animais selvagens. Talvez os não surpreenda a fumar cachimbo, o que só acontece (e não vulgarmente) nos circos internacionais. Mas sem duvida que os apanhará em flagrantes interessantíssimos, em momentos de grande intimidade, indiferentes à observação da objectiva.

Esse é o safari que mais tarde será desbobinado numa parede branca perante os amigos e familiares «Tantos elefantes!» O filme corre, talvez colorido mergulhado na selva, rastejando pelo capim. «Olha uma cobra!» A película projectará no «écran» improvisado também os indígenas encarregados do transporte dos alimentos, das munições, etc. «E eles falavam português?» Talvez um leão em primeiro plano seja o fim adequado para o filme da digressão entre os animais selvagens.

O safari de abate tem outra história Aí a máquina de filmar é substituída por uma carabina. Trata-se de matar para se ter troféus em casa. Decoração que exige pontaria, pontaria em fundo africano, no continente negro . «O bufalo, então, correu sobre mim Ao terceiro tiro, o bufalo não diminuiu mais a distancia existente entre mim e ele Ficou no solo, morto daí a minutos...»

Quem participa num safari, guiado por um caçador profissional (caçador que é sempre um homem exigente, caprichoso, «rei»), levanta-se ás quatro, cinco horas da manhã. Uma vez no «habitat» das feras, dirá o guia: «Este é o caminho dos leões. . Este é o caminho dos elefantes .. Este é o caminho das pacaças. » Roda-se em carros de fabrico americano, capazes de aguentarem a investida de um rinoceronte. A velocidade é de vinte, trinta quilómetros — e o motor não deve fazer ruído. Em certa medida, um safari é também uma busca, uma tomada de posição, uma estratégia.

Luvas de pelica evitam que o suor torne escorregadias as mãos do caçador; a morte exige precisão

DUZENTOS CONTOS

Procedem da Alemanha, dos Estados Unidos e da Inglaterra os caçadores amantes de caça grossa que se deslocam a Angola e a Moçambique. Raramente passam por Lisboa, capital que, segundo o encarregado de uma agência de turismo, «deveria ser um grande centro de safaris». Pois não passam: dirigem-se imediatamente aos locais do seu divertimento predilecto. Isso acontece de Abril a Outubro, época da caça, do homem frente á fera.

Em princípio, um safari de abate exige, pelo menos, três dias. Mas quem vai á caça tem aquela disponibilidade necessária á aventura: e, assim, não se importará de despender 14 dias, «a fortnight», disparando sobre as feras ..

Esses 14 dias custam, em Moçambique, 2 mil dólares (56 contos) a cada indivíduo que queira matar caça grossa. A tabela, compreendendo de uma a duas pessoas e um período que vai de 14 a 30 dias, ascende a 7 mil dólares (cerca de 200 contos).

Se o caçador se fizer acompanhar (um curioso, um director melancólico, uma loira ..) pagará ainda a taxa diária de quase mil escudos.

Tudo estremece. Que será?... São aqueles enfadonhos elefantes que se aproximam. Sempre tão iguais, tão cinzentos, tão pesados! Ah, se os elefantes tivessem pintinhas amarelas!

Um dia em Miami, uma leoa caiu à água E, então, assistiu-se a um boca-a-boca invulgar

O BEIJO DA VIDA

Carlos Glória tem 45 anos — e, durante vinte e dois anos, apontou de morte para os animais.

— E agora...?

— Agora cuido deles.

Exactamente: depois da morte, do sangue, do estertor, surge o cuidado, o carinho para com a fauna.

— Eu agora não atiro a um animal. Só em legítima defesa. Eu agora velo por eles. Montei um parque de safari fotográfico em Miami Parto brevemente para a Alemanha a fim de instruir o pessoal de outro parque idêntico. Irei, talvez este ano, a Tóquio para dirigir a montagem de um parque. Parques, parques, parques! Isto quer dizer, efectivamente, que deixei de pôr o dedo no gatilho...

— Lamenta a sua acção de caçador profissional?

— Não. Se voltasse aos meus anos de juventude, abateria toda a espécie de caça grossa... Matei! centenas e centenas de elefantes. Vendia o marfim, pois. E também vendia a carne de outros. E as peles. Mas para além do negócio, havia, em todo o meu corpo, a alegria do risco da aventura. Ah, essa alegria é que já não volta! A aventura vai-se com os anos...

— Disparou o primeiro tiro...

— Disparei o primeiro tiro em Moçambique. Os anos passaram, fui coleccionando troféus de caça, participei em safaris — e, um dia, senti que, junto dos animais, a minha acção teria de ser outra: a de protector.

E o caçador profissional tornou-se enfermeiro, veterinário, domador.

— Um dia, no parque de Miami, uma leoa caiu á água. Atirei-me á água, lancei-lhe as mãos, trouxe o animal para terra. «Está morto» — diziam. Era uma leoa adulta, soberba, um belo exemplar. Não hesitei: apliquei o beijo da vida á fera. Boca com boca. Durante um longo momento, eu e a leoa debatemo-nos com a morte. Quando, mais tarde, lhe ouvi o rugido, disse para os meus botões: «Temos fera!» E senti-me feliz.

Como se fossem dois filhos. Exactamente. Este homem, sem medo, tem a ferocidade nos braços. ***«Quantos animais eu não abati!»*** *Hoje* ***a espingarda está silenciosa***

Cid.

COM AS PERNAS UM HOMEM PERDE A CABEÇA

①

②

③

④

Cid.

os desastres de Sofia

SOFIA Loren já tem um filho. A actriz tornou-se mãe aos 34 anos. O marido o produtor italiano (nacionalizado francês) Carlo Ponti, de 55 anos, respirou aliviado. O tempo ia passando, sempre os dois frente a frente, e nada de uma criança bonita... Pois aí a têm — aí a têm após uma cesariana, uma vez que um parto normal (segundo o ginecologista) se revestiria de certos perigos.

■ Serei desventurada se não tiver um filho. — semanário alemão «Constanze»

Completamente isolada no mundo, Sofia Loren instalou-se no décimo oitavo andar do Hotel Internacional de Genebra. Belíssima «suite»: nove aposentos com vistas sobre o lago Leman. Ar condicionado. Tudo esterilizado. Nos dias de bom tempo, Sofia repousava numa vasta varanda com os olhos perdidos no cume do Monte Branco. Uma visita de carácter assíduo: o ginecólogo Hubert de Watterville. Quatro meses antes, Sofia deslocara-se a Belgrado a fim de ser examinada pelo cirurgião Franc Novac, um especialista em musculatura da pelvis, que dispensara já os seus cuidados à imperatriz Farah Diba e à actriz Brigitte Bardot.

— A sorte sempre me foi favorável — declarou Sofia ao chegar a Genebra —. Tenho o melhor marido do mundo, e são-me dados a interpretar os mais maravilhosos papéis com que uma actriz pode sonhar. Só há uma coisa triste na minha vida: não consigo ser mãe. Se este parto for um fracasso, serei para sempre uma mulher desventurada.

■ Uma esperança do TEMPO

Mas ainda antes de ter passado por Belgrado, o director sanitário das termas de Salsomaggiore, onde a actriz principiou o tratamento, tinha dito SOFIA LOREN TERÁ UM FILHO.

■ Cerejas com vinho — do uruguaio EL PAIS

Que se deve fazer para se não crer em Deus? Eu creio e rezo como sei... Em casa éramos oito. Os avós Domingo e Luisa, os tios, minha mãe, minha irmã Maria e eu. Meu pai não vivia connosco. Tudo isto já foi publicado em todos os jornais e revistas do mundo... Minha mãe ganhava algum dinheiro dando lições de piano em Puozzoli. Vejam lá vocês que vida tínhamos nós! Quando havia feira, eu descia até à cidade. Gostava de tocar em coisas formosíssimas: sonhava que as podia comprar.. Lá em casa, até o *spaghetti* era uma excepção. E quando havia *spaghetti*, logo se levantava um problema: não havia pratos que chegassem para todos... Não se pense que minha irmã Maria e eu nos importávamos muito com isso: tínhamos fome e nada mais. Descobrimos, então, duas coisas importantes. Primeira: a porteira da nossa casa fazia todos os dias uma guloseima maravilhosa — cerejas com vinho e açúcar. Segunda: toda a família da porteira se divertia imenso quando Maria e eu cantávamos um pouco. Cantávamos e dançávamos. Por essa altura, eu tinha 9 anos. Subíamos para uma mesa da cozinha e eu interpretava o meu papel favorito: o de mãe. Maria fazia de filha. E eu prodigalizava-lhe toda a espécie de mimos. Dizia-lhe palavras ternas e fazia-lhe muitas carícias. Toda a família da porteira chorava. Então, como prémio, davam-nos cerejas com vinho e açúcar...

■ Uma sobrinha ao colo — da EPOCCA

Apertando ternamente contra si o corpo da sobrinha, Sofia permitiu que a fotografassem depois do baptismo. A actriz tinha nos lábios um sorriso suave, mas os lindos olhos cinzentos estavam velados por uma ternura impossível de ser descrita. Elisabetta, a segunda filha de Romano Mussolini e de Maria Scicolone, foi baptizada, em Roma, em Abril último. Madrinha de baptismo: Raquel Mussolini, viúva do ditador. Sofia, que acabava de perder o seu terceiro filho, não quis, dessa vez, ser madrinha do filho da sua irmã. Há três anos, quando a actriz foi madrinha da primeira filha de Maria, o Vaticano levantou uma objecção: «uma pecadora pública não podia intervir numa cerimónia religiosa como o baptismo»

■ A Imprensa mente — da GENTE

Muitas coisas se inventaram acerca da minha vida privada, das minhas relações com Ponti, da minha juventude pobre. A Imprensa inventa sempre, sei-o por experiência própria. A única coisa certa que a Imprensa disse sobre mim limitou-se ao meu desespero por não poder ter um filho. Para mim, um filho seria a bênção final de Deus... Seria um sinal muito grato para mim: se tivesse um filho de uma coisa ficaria certa — Deus tinha-me concedido o perdão.

■ RADIOLÂNDIA (revista argentina):

QUERO UM FILHO — implora Sofia Loren

■ A actriz mais bem paga de todo o mundo — telegrama da F. P.

Sofia Loren é talvez a actriz mais bem paga do Mundo. E a sua popularidade é imensa. Mas não é feliz. O problema do seu matrimónio, que os italianos não reconhecem, preocupa-a muito. A sua maior ambição é ter um filho. Diz-se que há uns meses esteve quase a ser mãe. A verdade é que Sofia Loren não deseja um filho incógnito. As leis italianas não reconheceriam como pai da criança Carlo Ponti, uma vez que o primeiro matrimónio deste com Giuliana Fiastri é ainda considerado válido. Ùnicamente a Santa Sé poderia mudar a situação: anular o casamento de Ponti. Carlo Ponti sabe isso e já fez tudo para que o Vaticano anulasse o seu anterior enlace. Mas a petição de Ponti não foi deferida. A Sacra Rota, o tribunal eclesiástico do Vaticano, negou, efectivamente, a anulação do seu casamento com Giuliana Fiastri. Na realidade, a Sacra Rota nunca anula um casamento: declara-o nulo, isto é, não realizado. No caso de Ponti, porém, essa determinação é impossível: o produtor cinematográfico tem dois filhos da primeira mulher com quem se casou.

■ Num palácio construído por Tibério... — crónica da LIFE

No dia em que se casaram — pela lei mexicana, em 1957 — Carlo Ponti prometeu a Sofia Loren «a casa mais formosa do Mundo». Necessitou de sete anos para cumprir a sua promessa, porém, esse é o preço de todos os sonhos: precisam de tempo para se converter em realidade. ...Este presente custou dois mil anos de espera... A primeira das suas casas com efeito, supõe-se que foi construída pelo imperador Tibério para seu descanso pessoal. Até 1960, o palácio de Marino, a quatro quilómetros de Roma, era considerado monumento nacional. Nesse ano, Ponti comprou-o por 800 mil dólares. Conserva ainda os pavimentos de mosaico romano, as suas fontes de mármore do século XVII, os seus frescos rococó de um discípulo florentino de Fragonard. Ponti acrescentou-lhe uma piscina hollywoodesca, que para os historiadores futuros terá a data certa do século XX.

«Estamos habitando o palácio para nos habituarmos», disse a actriz «mas por agora ainda passo parte do ano na minha casa de Piazza Ara, em Roma, ou no meu «chalet» de Burgenstock, à beira do lago de Lucerna. Custa acostumar-me a este palácio. Para mim, a «villa» de Marino quando eu tiver cinquenta filhos, um para cada quarto. Entretanto, perante a falta de filhos, Carlo trouxe-me um pato selvagem que largámos a nadar na piscina. No entanto, quando todas as manhãs a actriz aparece em fato de banho, o pato grasna, esvoaça e acaba por fugir espavorido. Parece que é o primeiro ser vivo a quem Sofia não agrada...»

■ As suas pernas falam — diz a TIME

Os seus pés são demasiadamente grandes. O seu nariz é excessivamente comprido. Os seus dentes são irregulares. O seu pescoço, como afirmou a sua rival Gina Lollobrigida, é o de uma girafa napolitana. A sua cintura parece começar no meio dos ombros

e tem lábios desproporcionados para o tamanho do rosto. Corre como um potro. O seu peito é baixo. A sua boca é demasiadamente grande e... *mamma mia*, é absolutamente estupenda.

Segundo a sua própria descrição, Sofia Loren é «uma unidade de muitas irregularidades». Reescreveu os cânones de beleza. Como boa filha da baía de Nápoles, pelas suas veias corre sangue árabe, espanhol, bizantino e grego. O Oriente refulge nos seus olhos oblíquos. O seu cabelo escuro é um manto de seda macia. As suas pernas falam. No seu riso agressivo e rebelde lateja todo o *Capricho Italiano* que Tchaikovsky quis escrever e não pôde.

Seguramente que lorde Byron se incorpora na sua tumba uma vez por semana e lhe dedica, sempre, os seus inolvidáveis versos: Itália, Itália, tu que tens o dom fatal da beleza...»

No século XVI, Catarina de Médicis ditou que o busto perfeito da mulher devia medir 32 centímetros... porém Sofia ri-se da venerável Catarina, ela impôs a sua própria medida: 90-60-90. Isto é, como dizem os espanhóis, muito mulher...

Os italianos chamam-lhe senhora popular. Substituiu a sua antiga rival, a Gina nacional. Desde que surpreendeu os italianos em 1952, por interpretar a Aida verdiana — com sua voz dobrada pela voz de Renata Tebaldi, não houve grandes dúvidas quanto à sucessão de Gina. E logo com Vittorio de Sica, «O Ouro de Nápoles» difundiu a sua fama por continentes e oceanos. Interpretava ali a Pizzaiola. Os seus olhos diziam claramente «Olhem-me. Sou toda mulher. E passarão muitos anos, quiçá séculos, até que voltem a ver uma mulher como eu...»

■ Pecadora pública — telegrama da REUTER

Sofia não pode ser recebida pelo Papa. Da lista de 500 figuras da cinematografia italiana que anualmente são recebidas pelo sumo pontífice, o Vaticano eliminou o de Sofia Scicolone — nome real da actriz Sofia Loren — por ser considerada *pecadora pública*. Também não estão incluídos na lista os actores de militância comunista.

■ «Spaghetti» — conselho do JOURNAL AMERICAN

Comam sempre «spaghetti». Tudo o que sou devo-o ao «spaghetti».

■ Opiniões

«O rosto mais interessante do cinema desde Greta Garbo». (O realizador norte-americano Jean Negulesco).

«A Itália não conheceu nunca uma mulher tão formosa». (Aldo Moro, antigo primeiro-ministro italiano).

«Que pensa de Sofia Loren?» «O melhor...» (Frank Sinatra)

«Feia como uma bruxa, despenteada, áspera, desagradável. O nome de Scicolone é o que se lhe quadra. Fazer-se chamar Loren é uma impertinência» (Gina Lollobrigida).

■ Saber esperar

O maior bem que um ser humano pode desejar é o poder de esperar sempre algo. Tenho, desde que nasci, a impressão de viver sempre a véspera de um grande dia. Ainda que às vezes tarde em chegar. Porém, o saber, esperar é também parte da esperança.

■ Um telegrama (F. P.) de Saragat

O presidente da República, Giuseppe Saragat, enviou um telegrama de felicitações a Sofia Loren, que hoje teve o seu primeiro filho.

LUIS CILIA

(Continuação da 4.ª página)

cometti na recolha desse inestimável património nacional que é a canção-popular. Hoje ainda não nos podemos aperceber do grande valor desse trabalho, mas sem essas pessoas ver-nos-íamos, dentro de anos, na situação de um povo sem história musical

A. C. — Quais os seus projectos futuros?

L. C. — Preparo actualmente um novo disco com poesia de Carlos de Oliveira, Fernando Pessoa, Miguel Torga, José Saramago e Urbano Tavares Rodrigues, entre outros, que deve sair em Outubro. Por outro lado, continuo a tentar progredir para não desiludir aqueles que tão carinhosamente me apoiam. Continuo, pois, a estudar musica, tentando recuperar o tempo que perdi. Porque já foi tarde que comecei!

ALCIDES DE CAMPOS

UM SORRISO EM PARIS

(Continua na 6.ª página)

viagem poderia ter grande importância e influência nas conversações de paz.

Apesar de Xuan Thuy ser nominalmente o chefe da delegação de 90 membros do Vietnam do Norte ás conversações, os membros desta têm maior e nítida deferência por Duc Tho, que é abertamente considerado a maior autoridade de Hanói em problemas do Sul.

Averell Harriman, que chefiou a delegação a Paris da administração Johnson, achou Tho fascinante nos encontros que teve com ele em fins do ano passado.

Segundo comentaristas ocidentais, Tho ocupa o terceiro ou quarto posto no Politburo norte-vietnamiano. O seu nome não é, todavia, tão conhecido no Ocidente como Ho Chi Minh, Vo Nguyen Giap ou o primeiro-ministro Pham Van Dong, apesar de ter sido colega destes na Revolução.

Le Duc Tho — o apelido pronuncia-se TAU — deverá ter nascido no Vietnam do Norte em 1912, e por volta de 1930 foi um dos fundadores do Partido Comunista indochinês. Preso e acusado de subversão em consequência da sua actividade política, escapou para a China em 1940 onde mais tarde emergiu como um dos fundadores do movimento de índole comunista «Vietminh».

Quando o movimento alcançou o Poder no Vietnam do Norte em 1945, o dr. Tho voltou a Hanói e trabalhou para a consolidação do novo regime.

Durante a guerra contra os franceses, ele trabalhou para o Partido, no Sul, e em 1949 foi nomeado representante do Vietminh para aquela região.

Ele e Le Duan, agora primeiro-secretário do Partido do Norte, chefiaram o movimento e estabeleceram-no no Sul. Em 1952, a acção de ambos no Sul foi considerada uma vitória e Le Duan, entretanto, era chamado a Hanói. Em virtude disto, Tho substituiu como secretário-geral do Comité Executivo do Vietminh naquela região.

A ascensão de Le Duc Tho na hierarquia do Partido tornou-se clara em Fevereiro de 1956, quando foi o representante norte-vietnamiano ao 20.º Congresso dos Partidos Comunistas de Moscovo. Em 1959 ele tornou-se membro do Politburo e depressa era visto como o «numero 7», até recentemente ter suplantado Truong Chinh, membro pró-chinês de 60 anos de idade.

A orientação de Tho, que conquistou reputação como hábil defensor da guerra de guerrilhas e presumível adversário de conversações, tem sido alvo de intensos debates.

Frequentemente ele também tem sido apontado como um defensor da linha de Moscovo.

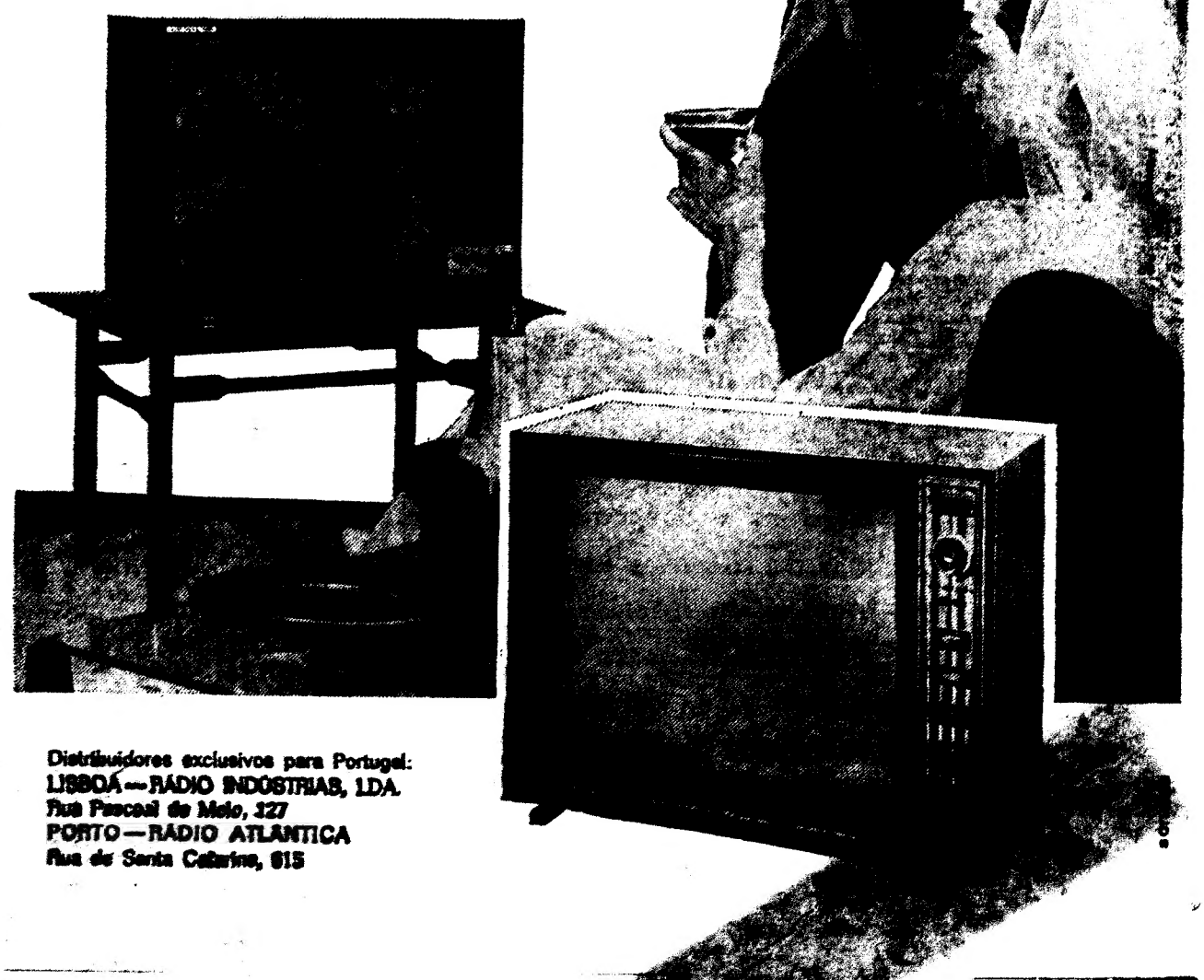
Sem duvida que Tho é uma figura enigmática do regime de Hanói. Enigmática e importante. Uma «eminência parda» na guerra dos emissários e selvas do Sueste asiático.

alta fidelidade no televisor

ADMIRAL

Desde a primeira noite, o televisor **ADMIRAL** garante-lhe a imagem de felicidade nas noites do seu lar. De esplêndida apresentação e técnica impecável, **ADMIRAL** significa absoluta fidelidade de imagem e de som.

ADMIRÁVEL·ADMIRAL



Distribuidores exclusivos para Portugal:
LISBOA — RÁDIO INDÚSTRIAS, LDA.
Rua Pascoal de Melo, 127
PORTO — RÁDIO ATLÂNTICA
Rua de Santa Catarina, 615

UM CONTO da tia Guidocha

para os impossíveis

LEITORES

DA MOSCA INFANTIL

ERA uma vez, há muitos anos, um pai que tinha vários filhos. Não sabemos como se chamava este pai — a história passou-se há muitos anos — e mesmo que soubéssemos não dizíamos porque pode haver quem lhe queira herdar as pantufas e, sendo assim, os leitorzinhos deste conto podem guardá-lo numa gaveta para o darem a ler aos netinhos, se eles ainda souberem ler e tiverem força nos braços para abrir a gaveta.

É sabido que os pais gostam de aconselhar os filhos e de lhes colocar, na estrada da vida, sinais de trânsito mais ou menos restritivos, como é sabido que os pais vivem no horror do dia em que os filhos deixam de precisar deles e o pai deste conto não foi excepção a esta regra: amou de tal forma os filhos que fez tudo o que esteve ao seu alcance para evitar que eles crescessem, que se tornassem homens e que, por se sentirem homens, começassem a considerá-lo desnecessário. Assim, não os deixava correr atrás dos eléctricos para que não dessem trambulhões, não os deixava jogar ao berlinde para que não quebrassem as unhas, não os deixava falar para que não dessem pela muda da voz e não os deixava ler para que não cansassem os olhos. Se um abria a boca, logo o pai o mandava calar por um criado que tinha sempre o papel antipático, se um espreitava furtivamente pela janela, logo o pai mandava o tal criado correr a cortina e se um se lembrava de ler à noite, o mesmo criado apagava a luz para que os outros não acordassem. Note-se que este pai nunca interferia pessoalmente na vida dos filhos para que eles o olhassem sempre com amor, ternura e carinho — o papel antipático era desempenhado pelo tal criado a quem ele dava ordens em surdina. É claro que sendo a natureza humana o que é, os filhos deste amantíssimo pai espreitavam de vez em quando pela janela — que ingratidão! — e viam, lá muito, muito, ao longe, uns meninos maus, menos afortunados em matéria de amor paterno, que corriam atrás dos eléctricos e falavam alto. O que mais espantava os filhos do pai amantíssimo, porém, era o facto destes meninos caírem, de andarem com os joelhos feridos e com os olhos cansados de tanto lerem, sem que isso lhes afectasse a saúde já que, mesmo vistos de longe, eles pareciam estar cada vez mais fortes e mais vigorosos. Com o decorrer do tempo, os meninos bons acabaram mesmo por verificar que os meninos maus construíam brinquedos estranhos, metálicos, que utilizavam para tirar mais trigo da terra, para prolongar a vida e para transportar outros brinquedos de um lado para o outro de forma a que nunca lhes faltassem brinquedos, trigo, calor e remédios, estivessem onde estivessem e tivessem a idade que tivessem. Um dos brinquedos mais estranhos dos meninos maus era uma espécie de balão reluzente e pontiagudo que se despegava da via pública com um grande alvoroço e que subia, subia, subia, até chegar à Lua.

Está de ver que, de vez em quando, um dos meninos bons, fingindo-se inocente do pecado de espreitar pela janela, perguntava ao pai amantíssimo:

— Será possível, papá, um menino cair no chão, ferir o dedo do pé e ficar mais forte do que era antes da queda? será possível, papá, um menino ler sem cansar os olhos? Será possível, papá, que um menino retorcido e malvado seja capaz de fazer um balão reluzente que suba, suba, suba, até chegar à Lua?

É que os meninos na sua inocência infantil chegavam a admitir que a maldade tivesse as suas compensações, já que os garotos da rua sabiam fazer brinquedos muito difíceis e complicados, enquanto que eles não sabiam fazer nada, mesmo nada. Felizmente, o pai amantíssimo sabia muito, mesmo muito, de psicologia infantil e atalhava o mal a tempo, explicando, com o seu sorriso bondoso, enquanto o criado antipático levava o perguntador para um quarto sem janelas:

— Não, meus filhos, não. Como diz o nosso bom povo, «nem tudo o que luz é ouro». Esses meninos parecem estar sãos, mas não estão... lá no fundo, muito lá no fundo, estão ocos de valores e na oquidão que lhes anda lá por dentro, esvoaça um micróbio muito grande que os está a comer aos poucos. Os balões deles, reparem, só têm luz por fora, ao passo que os balões de Santo António com que os meus filhos brincam têm uma luz interior e essa é que conta...

Os meninos lá perceber não percebiam, mas como eram muito meninos, pegavam nos seus balões de Santo António e iam brincar às marchinhas ao corredor.

Um dia, porém, sem dar satisfações a ninguém, o pai amantíssimo foi vítima de um acidente e os meninos encontraram-se desamparados num mundo muito grande, muito grande, que ia da ponta direita à ponta esquerda de tudo o que havia, e como eram meninos, ficaram sem saber o que haviam de fazer, tanto mais que nem sequer falavam a língua dos meninos maus, que entretanto evoluíra e já não rimava a palavra «balões». De entrada, os meninos entreviveram-se a chorar pelo pai amantíssimo, mas depois veio o secar das lágrimas e depois delas secas vieram os problemas. Os problemas, sim, porque os meninos não sabiam fazer nada. Se um falava, logo os outros o mandavam calar porque como nunca tinham ouvido falar, tomavam o som por mortal. Se um se calava, logo os outros o mandavam falar por entenderem que alguém tinha de falar para salvação de todos. Se um corria mais para a frente, logo os outros o mandavam estacar porque como nunca tinham andado senão para trás, julgavam que andando para a frente morriam. Se um parava, logo os outros o mandavam andar com receio de que o peso de tanta gente parada desse cabo dos restos do soalho.

Claro que, assim, a vida não andava nem desandava, embora houvesse quem afirmasse que não andar era desandar — mas os que afirmavam isso eram as ovelhas ronhosas.

Então, sem saber ao certo o que haviam de fazer, os meninos bons começaram a depor flores no túmulo do pai amantíssimo e a pedir a Deus para lhe restituir a vida. É claro que Deus não lhe restituiu nada, motivo porque este conto termina aqui, mas como todas as histórias têm moral e esta é uma história absurda, ninguém levará a mal que seja diferente e termine com duas morais:

Primeira moral, em prosa, para quem não goste de marchinhas nem de balões:

«Nunca ames o teu pai mais do que a ti mesmo»

Segunda moral, com tendência para a quadra, para quem goste de marchinhas no corredor:

Olha p'ra frente e p'ra trás
E verás onde vais parar,
Que um passo atrás e outro à frente
Não é maneira de andar

TIA GUIDOCHA

Última hora

S. PETERSBURGO, 10 (Telefoto) — **Para a Moska, Amalya já terminou a «tournée». Somos assim.**

Ela chegou, viu e partiu.

Entretanto, os círculos do Bosto Cosmopolita comentam a despedida com várias citações de filósofos interioristas. Nós, Moskas do interior é que sabemos. E registamos, nesta telefoto varejeirissima, a saída da grande [illegible], acompanhada com leitura [illegible] do «Ai Chico, Chico» e [illegible] típico valor literário.